

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

**Concepções de velhice e cuidado em três
gerações de origem nipo-brasileira**

Meyre Eiras de Barros Pinto

97049412
1997

TOMBO BC/ 10072	
PROC. 281197	
C ☐	D ☒
PREÇO R\$ 11,00	
DATA 10/05/97	
N° CPD	

CM-00098902-7

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

P658c Pinto, Meyre Eiras de Barros
Concepções de velhice e cuidado em três gerações de
origem nipo-brasileira / Meyre Eiras de Barros Pinto. -- Campinas, SP :
[s.n.], 1997.

Orientador : Anita Liberalesso Neri.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação.

1. Velhice. 2. Imigrantes japoneses. 3. Crenças. 4. Expectativa
(Psicologia). I. Neri, Anita Liberalesso. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

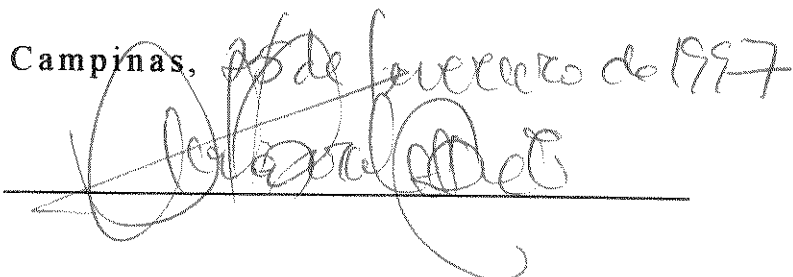
**Concepções de velhice e cuidado em três
gerações de origem nipo-brasileira**

Meyre Eiras de Barros Pinto

Este exemplar corresponde à
redação final da tese defendida por
Meyre Eiras de Barros Pinto e
aprovada pela Comissão Julgadora.

Campinas,

25 de fevereiro de 1997

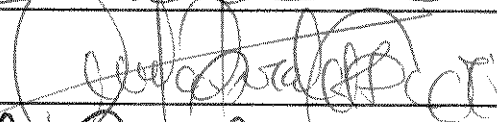


Tese apresentada como exigência parcial para
obtenção do Título de DOUTOR em EDUCAÇÃO
na Área de Concentração: Psicologia Educacional
à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação
da Universidade Estadual de Campinas, sob
orientação da Prof^a Dr.^a Anita Liberalesso Neri.

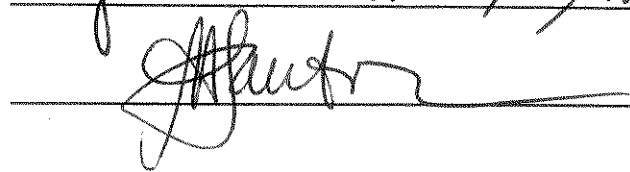
Comissão Julgadora:

Pekspie



Olga R. de Moraes von Arnim.



*Tive um chão (mas já faz
tempo)
todo feito de certezas
tão duras como lajeados.*

*Agora (o tempo é que o fez)
tenho um caminho de barro
umedecido de dúvidas.
(Thiago de Mello)*

*Nenhuma palavra é necessária:
o silêncio reparte
ternura retardatária.*
(Thiago de Mello)

Mauro, Rafael e Fernando, pela
cumplicidade de momentos e sentimentos,
fazem juz à dedicatória desta tese.

***A amizade com um homem é amizade com sua
virtude e não admite pressupostas
superioridades.
(Confúcio)***

A Dra. Anita, pelo espírito empreendedor e humanista, de onde emanaram dedicação e orientação constantes, meus agradecimentos.

Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou - amigo - é que a gente seja, mas sem precisar de saber o porquê é que é.

(Guimarães Rosa)

Marly Lamb, presença constante na comunhão de dúvidas e disposição na troca de idéias; Janice T. Ponte de Souza, Diana Fadel, Sandra Ferrari e Eduardo Montagnari, na constância do incentivo e apoio; Jeanette Granado Lopes, no trabalho de revisão do texto; Leonor, Lucila, Myrian e Sofia, na divisão do aprendizado e na convivência fraterna; Nelson, Solange e Suzana, atentos na acolhida; Rosa, na desmesura de cuidado materno; Sujeitos da pesquisa e razão de reverência; Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Desenvolvimento Adulto e do Envelhecimento da Unicamp, espaço ampliado de convívio profissional; Instituto de Estudos Japoneses, da Universidade Estadual de Maringá, colaborador atento; Universidade Estadual de Maringá e CAPES, viabilizadoras da qualificação profissional, e tributários de meus agradecimentos.

Resumo

O objetivo foi comparar as concepções e expectativas de velhice e cuidado de representantes de três grupos etários e geracionais de imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. Foram oito imigrantes entre 61 e 78 anos e 23 nipo-brasileiros, dentre os quais oito contavam de 40 a 52 anos de idade, e 15 estavam na faixa entre 20 e 27. Todos eram homens residentes em Maringá (Pr), região que, a partir de 1925, foi um dos pólos de atração da imigração japonesa ao Brasil. Os entrevistados idosos e de meia-idade eram provenientes de um grupo de empresários e profissionais liberais de alta renda, com escolaridade variando de primária a superior. Entre os idosos havia líderes comunitários. Entre os de meia-idade havia religiosos e cuidadores de pais idosos. Os jovens eram estudantes universitários de ciências exatas e tecnologia. A perspectiva de análise foi transcultural, apoiada no modelo psicológico epigenético de Erik Erikson. Foi adotada uma metodologia qualitativa que incluiu análise de conteúdos de informações geradas por entrevistas semi-estruturadas realizadas com informantes voluntários, localizados a partir de indicações e convites. A análise de dados revelou que embora não haja concepção uniforme, há proximidade de significado de velhice entre os grupos etários e todos atribuem a ela conotação positiva. A velhice é traduzida em sabedoria, experiência de vida e consciência das próprias realizações, atributos que garantem respeito e poder aos idosos, e se configuram como valor tradicional da família nipônica. Predominaram associações de velhice com sabedoria, geratividade e integridade. Quanto à própria velhice, todos os grupos apresentaram uma perspectiva positiva, a qual, segundo eles é consonante com os valores culturais nipônicos e com a expectativa de que eles se mantenham para as próximas gerações. No entanto, a maioria dos sujeitos, principalmente os mais jovens, manifestou preocupação pela possibilidade de mudança nesse cenário, motivada pela mobilidade social, pelas mudanças de valores e pelas alterações na estrutura familiar que percebem ocorrer em seu grupo de referência. Em relação à dependência e à expectativa de cuidado, os grupos aceitam a dependência como algo sofrido e temido, porém natural, no ciclo de vida. Todos adjetivam a dependência física como "muito ruim" e elegem o interior da família como o lugar do cuidado. O cuidado aos idosos é visto por todos como dever moral de reciprocidade entre as gerações. A aceitação da dependência e do cuidado pelos filhos é considerada como virtude associada à sabedoria. O processo de educação na família é apontado como o principal, senão único, meio de preservação dos valores culturais tradicionais, fundados justamente nos princípios hierárquicos do respeito ao idoso pelas gerações mais novas, do dever moral de reciprocidade atribuído aos filhos e da solidariedade que, idealmente, deve reger as relações entre as gerações.

Abstract

The aim of this research work is the comparison of ideas and expectations of old age and care of representatives of three age and generation groups of Japanese immigrants and their descendants in Brazil. Eight were Japanese immigrants from 61 to 78 years old; twenty-three were Japanese-Brazilians, eight were from 40 to 52 years old and fifteen were from 20 to 27 years old. All were males living in Maringá, state of Paraná, Brazil, one of the principal regions of Japanese immigration in Brazil. The old and middle-aged interviewed persons proceeded from a wealthy group of entrepreneurs and qualified professionals whose academic formation ranged from primary to college education. Community leaders were among the old people. Among the middle-aged there were members of the clergy and homecarers of old parents. The young people were college students from the scientific and technological areas. Analysis perspective was transcultural supported by Erik Erikson's epigenetic psychological method. A qualitative methodology was used which included an analysis of information contents produced by semi-structured interviews with voluntary informants called through personal indication and invitation. Data analysis showed a very near meaning of old age among the age groups even though a uniform concept is lacking. All consider old age positively. Old age is considered a source of wisdom, life experience and an awareness of one's own achievements. These are attributes that guarantee respect and power to old people and are considered traditional values of the Japanese family. The idea that old age is associated with wisdom, integrity and management is predominant. With regard to old age proper all groups presented positive perspectives which, in their opinion, is in conformity with Japanese cultural values. They expect that these values will be maintained among future generations too. However, the majority, chiefly the younger interviewed people, showed concern about the possibility of change as a consequence of social mobility, change in values and alterations in the family structure which they perceive are occurring in their group. With regard to dependence and care expectation, the groups accept dependence as something that has to be endured and to be afraid of, even though it is natural in the life cycle. All interviewed qualify physical dependence as "very bad" and they choose the family as the place for care. Care of old people is seen by all as a moral duty of reciprocity between generations. The acceptance of dependence and care by offspring is considered as a virtue linked to wisdom. The educational process in the family is indicated as the chief, sometimes the only, means of preservation of traditional cultural values established on hierarchical principles of respect for old people by the younger generations, of the moral duty of reciprocity attributed to offspring and of solidarity that ideally should guide relationships among generations.

Résumé

L'objectif de cette thèse a été de comparer les conceptions et l'expectative de vieillesse et de soins de représentants de trois groupes d'âge et générationnels d'immigrés japonais et leurs descendants au Brésil. Ils ont été huit, des immigrants âgés de 61 à 78 ans et 23 nippo-brésiliens, dans lesquels huit étaient âgés de 40 à 52 ans et les autres entre 20 et 27 ans. Ils étaient tous des hommes résidents à Maringá (Pr), une région qui, depuis 1925, a été un des pôles d'attraction de l'immigration japonaise au Brésil. Les interviewés âgés et ceux d'âge mûr, étaient provenants d'un groupe d'entrepreneurs et de professionnels libéraux de haut revenu, avec scolarité allant de primaire à supérieur. Entre les vieillards il y avait des leaders communautaires. Entre ceux d'âge mûr, il y avait des religieux et des soigneurs de parents âgés. Les jeunes étaient des étudiants universitaires en sciences exactes et en technologie. La perspective d'analyse a été transculturelle, appuyée dans le modèle psychologique épigénétique d'Erik Erikson. On a adopté une méthodologie qualitative qui a inclus une analyse de contenus d'informations engendrées par des interviews semi-structurées, réalisées avec des informateurs volontaires, localisés à partir d'indications et d'invitations. L'analyse de données a révélé que bien qu'il n'y ait pas des conceptions uniformes, il y a une proximité de signifiants de vieillesse entre les groupes d'âge et tous l'attribuent une connotation positive. La vieillesse est traduite comme sagesse, expérience de vie et conscience des propres réalisations. Ces attributs garantissent du respect et du pouvoir aux vieillards et se configurent comme des valeurs traditionnelles de la famille nipponne. Il a prédominé des associations de la vieillesse avec le savoir, la générativité et l'intégrité. Quant à la vieillesse elle-même, tous les groupes ont présenté une perspective positive dont, selon eux, est consonante avec les valeurs culturelles nipponnes et avec l'attente qu'elles se maintiennent dans les prochaines générations. Pourtant, la majorité des sujets, principalement les plus jeunes, a manifesté la préoccupation avec la possibilité de changement dans ce scénario, motivée par la mobilité sociale, par les changements de valeurs et par les altérations dans l'structure familiale qu'ils aperçoivent se produire dans leur groupe de référence. Par rapport à la dépendance et à l'expectative de soins, les groupes acceptent la dépendance comme quelque chose qui craint et fait souffrir, toutefois naturel dans le cycle de vie. Tous adjectivent la dépendance physique comme "très mauvais" et élisent l'intérieur de la famille comme le lieu du soin. Le soin aux vieillards est vu par tous comme un devoir moral de réciprocité entre les générations. L'acceptation de la dépendance et du soin par les enfants est considérée comme une vertu associée à la sagesse. Le processus d'éducation dans la famille est indiqué comme le principal, sinon le seul moyen de préservation des valeurs culturelles traditionnelles, fondées juste sur les principes hiérarchiques du respect à l'âge par les générations plus jeunes, du devoir moral de réciprocité attribué aux enfants et de la solidarité qui, idéalement, doit régir les rapports entre les générations.

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO.....	14
1. O cuidado a partir de uma perspectiva psicológica.....	21
2. A dinâmica do cuidado na trajetória individual e nos contextos familiar e sócio-cultural.....	32
3. Amae & On: as relações interpessoais na tradição japonesa.....	48
4. Velhice e cuidado: o componente demográfico.....	68
OBJETIVOS.....	79
MÉTODO.....	99
1. Sujeitos.....	102
2. Procedimento.....	107
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	110
1. Em torno da velhice: concepções e perspectivas comparadas.....	113
2. Dependência e expectativa de cuidado.....	142
3. O cuidado: a reciprocidade implícita.....	152
4. Influências sócio-culturais no cuidado.....	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
REFERÊNCIAS.....	184

ANEXOS.....	203
ANEXO I	Roteiro de entrevistas/idosos..... 204
ANEXO II	Roteiro de entrevistas/adultos..... 206
ANEXO III	Roteiro de entrevistas/jovens..... 209
ANEXO IV	Protocolo/idosos.....211
ANEXO V	Protocolo/adultos.....227
ANEXO VI	Protocolo/jovens.....243

INTRODUÇÃO

Cuidar e receber cuidados são aspectos centrais das relações humanas em vários momentos do curso de vida. Isto pode referir-se ao bebê, que para sobreviver e socializar-se depende da proteção e dos cuidados proporcionados pelos pais. Pode referir-se à criança em idade escolar, que para transformar-se em indivíduo integrado e produtivo, precisa contar com o cuidado proporcionado pelos pais e professores. Quando um adulto adoece ou vive uma situação que lhe acarrete desamparo, há, igualmente, uma expectativa social de que as pessoas próximas e as instituições sociais cuidem dele e ajudem-no a readaptar-se. Por outro lado, espera-se que quando os idosos ficam fragilizados ou dependentes, eles sejam amparados por pessoas e instituições sociais.

Assim, o cuidar, no sentido de responder por alguém, encarregar-se dele, zelar e desvelar-se por ele,

e ser diligente em relação às suas necessidades (Dicionário Aurélio, 1986 e Caldas Aulete, 1964) é um papel normativo na vida adulta, esperando-se que indivíduos maduros possam cumpri-los em vários momentos e circunstâncias. É uma das manifestações mais genuínas da sociabilidade e objeto de aprendizagem social durante toda a vida. Sua contrapartida, o receber cuidados, também faz parte da trajetória humana, ao longo do curso de vida.

Podemos dizer, portanto, que cuidar e ser cuidado são fatos de suma importância na vida dos indivíduos. São aspectos centrais às relações sociais, e assim cumprem funções fundamentais para os indivíduos e grupos sociais. Para quem cuida, essas relações podem representar fonte de aceitação social e de bem-estar pessoal; para quem é cuidado, podem significar apoio, proteção, reconhecimento, retribuição e valorização.

O ato de cuidar envolve relações de dependência e de autonomia, cuja dinâmica é influenciada por fatores individuais e socioculturais. Assim, a dependência infantil é tolerada, desde que ocorra dentro dos limites fixados pelas expectativas e normas etárias estabelecidas pela sociedade. Há expectativa de que os pais ou figuras parentais cuidem, amparem e protejam os filhos por amor.

A autonomia é muito valorizada nas sociedades ocidentais contemporâneas e é meta do desenvolvimento e critério de maturidade social em vários momentos do curso de vida. Além disso, ela varia segundo a classe social, os valores parentais e as características da própria criança. Porém, de um modo geral, o desenvolvimento da autonomia é gradual e é marcado por vários eventos, como por exemplo, o domínio da linguagem e da locomoção e o início da vida escolar.

Ao contrário das crianças pequenas, os adultos podem cuidar de si mesmos. Na velhice, caso o idoso seja acometido por doenças físicas e mentais ou seja vítima de pobreza extrema, poderá tornar-se relativamente dependente de outras pessoas para suprir suas necessidades vitais. Isto caracteriza uma transformação que inverte a relação de dependência e autonomia com os mais jovens, pois, ao transitarem da maturidade autônoma para uma velhice dependente, os idosos passam a ter que ser amparados pelos filhos.

O prestar cuidados na família é uma responsabilidade de adultos autônomos para com outros adultos, crianças, jovens e idosos, ou seja, envolve relações de solidariedade entre gerações. Vista sob a ótica do desenvolvimento adulto, é uma forma de manifestação de geratividade, no sentido eriksoniano do

exercício da responsabilidade de ajuda e proteção. Pode ter um sentido de continuidade biológica e cultural, no caso dos filhos pequenos; de reciprocidade, no atendimento de outros adultos, e de retribuição, quando se tratar do atendimento aos pais idosos. Neste último caso, envolve troca de papéis entre as gerações mais jovens e as mais velhas, com base em padrões de afeição e obrigação.

Embora o conjunto de valores familiares em relação a essas questões seja fundamental, fatores estruturais, como gênero, filhos e trabalho, também influenciam o cuidar de idosos. Dentre os fatores estruturais que podem influenciar o relacionamento entre os idosos e as outras gerações, podemos citar o conceito de velhice que vigora num dado momento na sociedade e, associado a ele, os estereótipos e as atitudes em relação aos idosos.

As concepções sobre cuidar e ser cuidado têm como base as expectativas e os valores sociais e individuais, os quais se desenvolvem no curso de vida individual, familiar e sociocultural. Enquanto tarefa normativa do ciclo da vida, moldada pelo meio social, o cuidar deve ser compreendido no seu contexto cultural, porque a forma como os familiares operam reflete os valores morais, os padrões de comportamento e as

crenças **d** desenvolvidas ao longo da história desses grupos.

Com o aumento da população idosa, fato típico **d**e este século, cresce a probabilidade de ocorrência **a** de doenças crônicas associadas ao envelhecimento. Assim, se o proporcionar cuidados a idosos **d**e **p** dependentes sempre foi visto como obrigação moral dos filhos, agora há mais chance real de que pessoas **a** **d**ultas e na meia-idade realmente tenham que fazê-lo. **A**lém disso, em vários países, e por várias razões, a **e** estrutura familiar e os papéis exercidos pelos membros **d**a família vêm se alterando. Em regiões altamente urbanizadas e industrializadas, onde muitas mulheres **t**rabalham fora de casa, a necessidade de cuidar **d**e idosos pode ser fonte de tensões, agravadas pela **e** **s**sez de serviços de apoio, como acontece, hoje, nas **g**randes áreas metropolitanas do Brasil.

Em consequência da importância dos valores culturais **n**a delimitação do contexto da prestação de cuidados **n**a família, tem ocorrido uma atenção sistemática **a** dos estudiosos no sentido de identificar o que é **u**ni**v**ersal e o que é particular a grupos, momentos históricos, famílias e indivíduos, tendo em vista um conceito **d**inâmico de cultura. Nesse contexto, reveste-se de **g**rande importância a realização de estudos transcultu**r**ais, envolvendo várias categorias de sujeitos,

dentre os quais imigrantes e seus descendentes são considerados grupos de interesse em vários países.

A presente pesquisa encaixa-se nessa perspectiva. Investigar as concepções de velhice e de cuidado com idosos, e as expectativas de cuidar e ser cuidado, junto a um segmento populacional que se define como nipo-brasileiro, constituído por imigrantes japoneses e seus descendentes, é nosso propósito. O estudo focaliza, pois, indivíduos pertencentes a três grupos etários e gerações (idosos, isseis; adultos maduros, niseis; e jovens adultos, sanseis), residentes em Maringá, um dos pólos econômicos do Norte do Paraná, o qual a partir de 1925 tem abrigado importante núcleo de imigração japonesa.

1. O cuidado a partir de uma perspectiva psicológica

Filho, ampara a velhice de teu pai, e não lhe dê pesares na vida. E se lhe forem faltando as forças, suporta-o, e não o desprezes por poderes mais do que ele; porque a caridade que tu tiveres usado com teu pai não ficará posta em esquecimento. (Eclesiastes, Cap. 3: 13-4).

O desenvolvimento humano deve ser visto como fruto de interação complexa entre os processos determinados biologicamente e as constantes mudanças da sociedade. Ele implica uma sequência de níveis qualitativos de organização pelos quais os indivíduos têm de passar ao longo de sua trajetória evolutiva.

O curso de vida das pessoas deve ser considerado como um processo contínuo de mudanças decorrentes da interação individual com o contexto social em mudança.

Ao contrário do desenvolvimento da criança, o do adulto não é tão dependente de reguladores biológicos. Neugarten (1979) considera que o que

organiza e dá sentido ao desenvolvimento do adulto são os processos sociais. Ou seja, os eventos biológicos, psicológicos, sociais e culturais, ligados ao ciclo histórico dos indivíduos, conferem um senso de vida normal ou esperada, a partir do qual certos eventos marcadores do desenvolvimento podem ser vivenciados de modo menos traumático. Os eventos normativos são referenciados a normas de idade, que incluem padrões de expectativas aprendidas por meio do processo de socialização, que excede os limites da infância e da adolescência. Esses padrões de expectativa referentes aos direitos, deveres e privilégios das pessoas devem, portanto, estar de acordo com a sua idade.

As tarefas evolutivas estão relacionadas ao desenvolvimento do indivíduo, desde a infância até a velhice. Para Havighurst (1972) essas tarefas abrangem vários aspectos biológicos, psicológicos e sociais, ou todos eles ao mesmo tempo. Para cada estágio evolutivo, há certas tarefas ou habilidades que o indivíduo tem que aprender para poder ser considerado pessoa de desenvolvimento adequado e satisfatoriamente ajustado, conforme as expectativas da sociedade.

As questões psicológicas da idade madura envolvem papéis relacionados à família, à vida profissional e à perspectiva de tempo. No tocante à família, esses papéis estão voltados para o

relacionam~~en~~to entre marido e mulher; para a mudança do sentido do eu, à medida que os filhos crescem; para a necessida~~de~~ de estabelecer uma relação íntima com genro ou nora; para o surgimento de netos; e para a conscientiza~~ç~~ão do eu como ponte entre as gerações. Há, também, as responsabilidades e as preocupações com o bem-estar dos pais idosos. Em relação à vida profissional, estão evidenciadas as preocupações em progredir, regredir, alcançar um patamar ou perseverar. Quanto à perspectiva temporal, na meia-idade a categoria "tempo" tende a ser compreendida como tempo que ainda resta de vida e não como tempo desde o nascimento. Essas questões psicológicas que os indivíduos trabalham e retrabalham no padrão de suas vidas estão presentes na consciência e são o material que compõe a memória. O passado é reconstruído e o futuro é planejado. A identidade é construída e reconstruída, as reformulações das metas de vida, questões de intimidade, liberdade e compromisso com os outros, tudo isso são preocupações, tanto do jovem, do adulto maduro, quanto do velho (Neugarten, 1979).

À medida que o indivíduo amadurece, ele tem de lidar com os aspectos mais complexos da realidade através da percepção do contexto em que vive, do ajustamento às demandas do meio e da solução de problemas. A tarefa de cuidar dos pais surge como uma

norma e não como exceção. Conseqüentemente, os cuidadores têm que arranjar estratégias para lidar com o problema, e, ao fazê-lo, demonstram crescimento psicológico.

O modelo epigenético¹ de Erikson descreve o desenvolvimento do ego em termos de oito estágios ou "idades". Cada idade é caracterizada pela dominância de uma qualidade particular do ego, a qual diz respeito à atitude geral ou à relação peculiar entre o "self" e o mundo externo. A natureza destas qualidades é bipolar. Seu aparecimento é gradual e se caracteriza por crises. Embora todas as qualidades estejam presentes desde o início e em todas as fases do desenvolvimento, o que muda é a sua forma de manifestação. Uma qualidade que já passou por crise é caracterizada pelo fato de que a pessoa já estabeleceu uma relação mais ou menos estável entre os pólos positivo e negativo dessa qualidade. Em caso de sucesso na superação da crise, o

1 "Epi é um prefixo grego que significa "movimento para", "em posição superior", "em cima de"; epigenesia (Fisiologia) - teoria da formação dos seres por gerações graduais" (Cunha, 1982). "Epigênese, na Fisiologia, é a teoria segundo a qual a constituição dos seres se inicia a partir da célula sem estrutura e se faz mediante sucessiva formação e adição de novas partes que, previamente, não existem no ovo fecundado. É também a situação genética em que ocorrem mudanças durante o processo de desenvolvimento, influenciando o fenótipo sem alterar o genótipo" (cf. Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, 1986, e Caldas Aulette, 1964).

lado positivo domina o negativo e isto resulta em uma força específica, em uma virtude ou em um valor básico. De acordo com o raciocínio epigenético, a sequência de idades e crises é fixa, e a experienciación das crises de um estágio depende da experienciación das crises dos estágios precedentes. Embora haja variações culturais, os estágios e crises são universais, sendo sua sequência determinada pela dupla ação de fatores ontogenéticos e culturais. Para Erikson, a evolução do ciclo da vida humana ocorre de forma intimamente relacionada, de tal modo que deve ser considerada como processo interdependente (Van Geert, 1987).

As idades cronológicas que marcam o início e o fim de cada período, segundo Erikson (1950 e 1963), não são rigorosamente fixas, mas ocorrem dentro de um certo limite temporal. Em cada fase, o indivíduo deve atingir determinada característica típica de cada estágio evolutivo da personalidade humana. Esta característica, somada às tarefas evolutivas, faz com que ele adquira habilidades para ajustar-se às demandas da vida.

Erikson (1968) observa que a evolução fez do homem um animal tanto ensinante como aprendiz, visto que dependência e maturidade se inter-relacionam; por isso o homem maduro precisa ser solicitado, e a maturidade é guiada pela necessidade do outro. A geratividade é entendida como preocupação em orientar

a geração seguinte. Os adultos podem expressar capacidade gerativa por meio da educação, do ensino, e também conduzindo e ajudando a próxima geração, ao mesmo tempo em que desenvolvem produtos e resultados para a vida, que apontam para benefícios do sistema social e promovem a continuidade de sua geração. McAdams, St. Aubin e Logan (1993) complementam que a geratividade tende a aumentar com a idade, pelo menos até um determinado ponto. Embora crianças, adolescentes e pessoas jovens possam agir de maneira altruísta, elas não podem ser chamadas de gerativas, porque seus pensamentos e atitudes não são guiados por uma preocupação explícita com a geração futura. O comprometimento gerativo só ocorre quando as pessoas estão envolvidas - social e psicologicamente - em formar uma herança de cuidados que irá garantir a sobrevivência da família, no futuro. Com o aumento das responsabilidades de cada um para com a sociedade, como um todo, e para com aqueles que são jovens, frágeis, com menos experiência, ou dependentes, de algum modo, é que os adultos se tornam capazes de estabelecer uma maneira gerativa de viver.

A tarefa evolutiva a que se refere a geratividade envolve questões como interdependência, reciprocidade e mutualidade, que se vinculam às relações e às mudanças nas relações.

A conceitualização de interdependência foi introduzida por Baltes e Silverberg (1995) como complemento à teoria de Erikson, em relação à tarefa evolutiva do agir e do pensar de forma gerativa. No contexto adulto, a adequada fusão da dependência e da independência, dando origem à interdependência, relaciona-se à agência e à autonomia. Acredita-se que o processo de individuação e de autonomia, mais pronunciado na adolescência, seja um precursor necessário e encontre sua expressão madura na interdependência, que é o equilíbrio entre autonomia pessoal e o relacionamento social, o que se configura como base do ajustamento pessoal, da satisfação na vida e da geratividade.

A meia-idade é caracterizada por uma crise psicossocial, cujo conflito típico se dá entre a geratividade e a estagnação. É um período em que o indivíduo atinge o máximo de suas realizações, na medida em que passa a apreciá-las e valorizá-las e, por isso, tende a fazer avaliações daquilo que alcançou na vida, das expectativas de outros, especialmente da família. Nessa faixa etária, o indivíduo tem mais responsabilidade consciente, há mais ajuda recíproca e, principalmente, maior atendimento aos filhos e aos pais idosos (Erikson, 1968).

O ato de cuidar dos pais idosos corresponde a uma das **m**anifestações comportamentais de geratividade na idade **m**adura, que é caracterizada por um esforço pessoal **m**otivado por metas individuais e culturais. Conforme McAdams, St. Aubin e Logan (1993), o comprometimento gerativo não se caracteriza somente pelos cuid**a**dos com os pais no dia-a-dia, mas também pela preo**c**upação em relação aos objetivos e às metas de cuidar. **Ou** seja, refere-se a tarefa a ser realizada posteriorm**e**nte, no curso de vida. Essa preocupação e o comprometimento gerativo, respectivamente, entre jovens adu**l**tos e adultos maduros, acontecem em função das expect**a**tativas de papéis etários. Além disso, existe uma tend**ê**ncia de aumento da geratividade com a aproxima**ç**ão da meia-idade. A maneira como o indivíduo se compo**r**ta, em face da tarefa de cuidar dos pais idosos dependent**e**s e de outros ajustamentos característicos da idade mad**u**ra, certamente afeta sua identidade e suas relações interpessoais.

De um lado, o cuidador passa por ajustament**o**s psicossociais, com ênfase na interdepend**ê**ncia, nas expectativas socioculturais e nas tarefas evol**u**tivas da idade madura. De outro, na fase da velhice est**ã**o também inseridas a depend**ê**ncia e a independ**ê**ncia, a autonomia e a perda de autonomia. Porém, de forma peculiar, existe falta de equilíbrio

entre estes dois pólos. Este desequilíbrio resulta na diminuição da interdependência, em função do aumento das perdas físicas (saúde), das perdas sociais (aposentadoria, mudanças nas relações familiares) e do ajustamento à idéia de tempo (sentido de finitude da vida), conforme Baltes e Silverberg, 1995.

Segundo Erikson (1968), a velhice é marcada pela crise psicossocial de integridade versus desespero. A integridade do ego surge como um processo natural, resultante dos adequados ajustamentos nas fases anteriores da evolução do homem. Essa integridade sugere a consolidação da personalidade, acompanhada de um sentimento pessoal de dignidade frente à vida e de coragem para enfrentar a morte. Quando a pessoa não consegue alcançar a integridade do ego, ela tende a apresentar como característica marcante o medo da morte. Nessas condições a pessoa idosa se dá conta da impossibilidade de começar tudo de novo e se angustia pela proximidade do fim da vida.

Conforme a teoria de Erikson, a dependência desta fase da vida pode ser entendida como forma de reviver a experiência e a resolução da crise de autonomia versus vergonha e dúvida, que são eventos típicos da infância inicial. Um senso básico de domínio, pautado na autonomia, desenvolve-se a partir da confiança no ambiente e no próprio corpo, confiança

essa que é um produto da resolução da primeira crise do curso de vida. Subseqüentemente, ocorre a autonomia tolerada pela família, a saudável autonomia da idade escolar, depois a autonomia do jovem, do adulto e da pessoa madura, e a determinação do velho. O modo como os velhos lutam para manter a autonomia, a despeito do enfraquecimento do corpo e da maior susceptibilidade a doenças e acidentes, reflete o senso de autonomia e a determinação que desenvolveram durante seu curso de vida. Simultaneamente, devem aprender a lidar com sentimentos de vergonha e de dúvida. Aceitar cuidados de outros não só pode aumentar a independência do idoso, mas pode servir, também, para aumentar o senso de geratividade, a autodeterminação, a independência e a autonomia de quem proporciona os cuidados (Meacham, 1989).

A compreensão do conflito autonomia versus vergonha e dúvida deve levar em conta o fato de se viver num contexto cultural que valoriza o individualismo. Esta valorização compete com as possibilidades de depender com tranqüilidade e de aceitar a dependência e os limites. Resulta um desafio para a cultura, rumo a permitir que as pessoas vivam relações interpessoais, de comunicação e cooperação, durante todo seu curso de vida, que lhes permitam

realizar adequadamente a geratividade, a interdependência e a autonomia (Meachan, 1989).

Na relação cuidador-cuidado, os pais idosos dependem de seus filhos para cuidados, proteção e segurança. Baltes e Silverberg (1995) mencionam que na velhice, em geral, não se leva em conta o lado positivo da dependência enquanto facilitadora das relações, da interdependência e, certamente, da autonomia. Na idade adulta, o fato de a dependência ser considerada um ingrediente necessário à manutenção da família e dos laços entre as gerações, igualmente confirma essa função positiva da dependência. A autonomia e a segurança são, portanto, necessidades básicas e universais.

Em síntese, a tarefa de cuidar de alguém relaciona-se a metas do desenvolvimento humano e refere-se a determinados tipos de ações que se estabelecem no contexto dos papéis socialmente instituídos, a partir da ação dos indivíduos, dos grupos e das instituições sociais. Quando os idosos precisam receber cuidados, porque se tornaram fragilizados ou dependentes em um ou mais domínios do seu funcionamento, espera-se que um ou mais membros da família assuma a responsabilidade por eles, a partir de motivos e valores de reciprocidade e de mutualidade.

2. A dinâmica do cuidado na trajetória individual e nos contextos familiar e sócio-cultural

O afeto filial pelos pais é obra da benevolência. O respeito pelos mais velhos é obra de retidão. O mais rico fruto da benevolência é este: o serviço prestado aos próprios pais. O fruto mais rico da virtude é este: a obediência aos irmãos mais velhos. (Confúcio).

A família é um núcleo de reprodução, de socialização, de controle social e de cuidados físicos e emocionais. Para Sarti (1989), a reciprocidade fundamenta as relações entre homem e mulher, a partir das quais se estruturam os diferentes papéis sociais na família. Além de atender às necessidades do indivíduo, transmite a ele padrões culturais, por meio de leis, normas, tradições e costumes, que definem os direitos e os deveres de seus membros. A família torna-se, dessa forma, fonte de lealdade e de compromissos, com os quais seus membros podem e devem contar.

A literatura transcultural autoriza-nos dizer que os cuidados aos idosos são fundamentados na

reciprocidade, no dever moral, na piedade filial e nas relações afetivas que se estabelecem ao longo do curso de vida dos envolvidos. Finley *et al* (1988) afirmam que, além dos motivos pessoais que levam os filhos a cuidar, existem os externos - sanções e aceitação social -, que determinam esse padrão de comportamento filial.

Callahan (1986) descreve a vulnerabilidade que acompanha a doença grave e a deficiência como um aspecto que contribui para a obrigação moral das famílias de cuidar e se importar com o idoso, visto como uma pessoa singular, e não meramente como objeto de preocupação profissional ou de amor universal (*Apud Pratt et al*, 1987).

A partir de idéias derivadas da literatura sobre o apoio na Psicologia Social, Schulz, Biegel, Morycz e Visintainer (1989) identificam três possibilidades teóricas quanto aos motivos que determinam a obrigação de cuidar do idoso: motivos altruístas, incluindo sentimento de ligação e empatia; normas sociais, incluindo reciprocidade e dever moral, e motivos orientados ao *self* do cuidador, tais como o de evitar culpa ou "senso de estar em débito. Segundo autores que se dedicam à questão, os cuidadores parecem predominantemente motivados por normas de responsabilidade filial (Brody, 1985; Jarret, 1985; Bengtson e Kuypers, 1986; Fitting *et al*, 1986 *apud* Gatz

et al, 1990), assim como pelo "senso de estar em débito", que move esses cuidadores a buscarem satisfação pessoal, de acordo com um bem moral (Brody, 1985; Hanks e Settles, 1986 *apud* Gatz *et al*, 1990).

Analisando o cuidado para com os idosos sob o ponto de vista ético, Selig, Tomlinson e Hickey (1991) apontaram três princípios gerais. O primeiro é o da *reverência ao pai* - "*Honra teu pai e tua mãe*"-. Este é um preceito moral com longa tradição, tão básica que não precisa de maiores argumentos em seu apoio. Pode ser considerado universal, embora existam variações culturais quanto à forma de obedecê-lo. O segundo princípio é o do *débito de gratidão*: trata-se do fato de os filhos terem dívidas para com os pais pelo que eles lhes proporcionaram. Willian Blackstone, no século XIX (Conf. Blustein, 1982: 189), declarava que: "Os deveres dos filhos para com seus pais surgem a partir de um princípio de justiça natural e de retribuição. Para aqueles que nos deram a existência, nós, naturalmente, devemos submissão e obediência durante a nossa menor idade, e honra e reverência, sempre. Eles, que protegeram a fraqueza de nossa infância, têm direito à nossa proteção na enfermidade; eles, que, pelo sustento e educação, permitiram a seus filhos prosperarem, deveriam - em retorno, ser sustentados pelos filhos no caso de necessitarem de assistência". O terceiro e

último princípio é o do cuidado como expressão de amizade e amor. Este preceito decorre do amor ou da amizade entre pais e filhos, em oposição às exigências baseadas na dívida e na reciprocidade.

A reverência aos pais é um alicerce que a sociedade sempre reconheceu como forte e poderoso e, portanto, é por meio dessa força que a criança internaliza suas normas morais, no tocante ao respeito, ao amor e à honra. Outro aspecto relevante é que na família se perpetua o princípio da reciprocidade, que faz o indivíduo agir e se subordinar a um imperativo de dever para com seus pais, decorrendo daí a idéia de dívida ou débito. Seltzer e Ryff (1994) consideram que este princípio rege o relacionamento entre pais e filhos em todos os estágios do curso de vida. Na literatura sobre o desenvolvimento, os primeiros anos da parentalidade são caracterizados pela experiência de cuidar. Os anos ulteriores da parentalidade ressaltam o tema receber, quando os filhos adultos assumem papéis de cuidadores. É evidente que esta literatura diz respeito ao comportamento desejado e esperado, e que a expectativa de reciprocidade é construída culturalmente, embora a reciprocidade nem sempre seja realizada concretamente.

A obrigação filial é, pois, uma norma importante no cuidado com pais idosos, e precisa ser

entendida dentro do contexto de variações sociais e étnico-culturais. A piedade filial, enquanto valor forte nos países orientais, tem intensas repercussões sobre a moralidade dos mais jovens. O comportamento moral mais valorizado que o indivíduo pode apresentar é a demonstração de respeito e de apoio aos pais, durante a vida.

A literatura transcultural aponta para o fato de que em países asiáticos, como China, Coréia e Japão, prevalecem valores culturais claramente definidos quanto a proporcionar cuidados aos pais idosos. Da mesma forma, receber o cuidado dos filhos é uma atitude inquestionável (Donow, 1990; Sung, 1990; YU *et al*, 1993; Tomita, 1994).

Na acepção de Keith (1992), é provável que o cuidado oferecido aos mais velhos seja percebido como retribuição ao suporte oferecido por eles anteriormente. Mães que devotaram muito esforço à maternidade no passado sentem, por isso, que merecem "benefícios" dos filhos adultos, sugerindo que os investimentos da vida anterior podem, legitimamente, ser compensados nos anos seguintes (Seltzer e Ryff, 1994).

A pesquisa de Prata e Yazaki (1991) sobre expectativas de idosos brasileiros de baixa renda, quanto à reciprocidade nas relações intergeracionais,

obteve res **p**ostas indicativas da valorização do princípio da recipro **c**idade em nosso contexto. Muitos esperam que seus **f**ilhos os socorram, sem que tenham que pedir. Outros **a**guardam que seus filhos reconheçam todo o trabalho **e** a dedicação que lhes foram destinados. Por parte das **g**erações mais novas, a questão é ambígua: a moral fam **i**liar, baseada na autoridade paterna, apesar de dominante **e**, está esgarçada e se mescla às experiências da vida **c**otidiana em que o que vale é "cada um para si". As **p**esquisadoras concluem que os princípios de reciprocidade **e** hierarquia, como elementos estruturadores das relações familiares, muitas vezes são objetivados unilateralmente.

Dependência, independência e reciprocidade estimulam-se e sustentam-se uma a outra, no sentido de os filhos **p**oderem cumprir a obrigação moral de cuidar dos pais **i**dosos.

A dependência dos idosos pode ocorrer nos domínios físico, psicológico, econômico, ou pode ser descrita **e**m termos de grau ou de tipo de áreas de atividades prejudicadas (por exemplo instrumentais e de vida diária).

Em pesquisa pioneira no Brasil, realizada em 1989 como parte de um estudo multicêntrico da Organização Pan-americana da Saúde, Ramos *et al*

(1991) aplicaram uma escala de autonomia-dependência baseada no número de comprometimentos nas áreas de atividades diárias. Foi um inquérito domiciliar, com amostra aleatória de 1.602 idosos de 60 anos e mais, residentes no Município de São Paulo. O objetivo era avaliar as condições de saúde e grau de autonomia dos idosos. Constataram que 86% dos idosos mencionaram ao menos uma doença crônica (acidente vascular cerebral, asma, reumatismo, hipertensão), enquanto 46% relataram necessitar alguma ajuda para realizar ao menos uma das atividades de vida diária (como vestir-se, alimentar-se, higienizar-se, pentear-se, sentar-se, levantar-se, caminhar e outras). Em 7% dos casos foi observado um alto grau de dependência, definido em termos de necessidade de ajuda parcial ou total para realizar sete das atividades de vida diária.

Com relação à dependência nos domínios físico, emocional e financeiro, Yazaki, Melo e Ramos (1991) adotaram uma tipologia de níveis de autonomia e dependência, derivada das várias já existentes na literatura, para classificar aquelas manifestações de dependência em idosos.

A partir das entrevistas realizadas com quinze idosos de 60 anos e mais, residentes na cidade de São Paulo, sobre as relações entre o idoso e sua família, os autores identificaram que a independência

financeira, a autonomia física e a autonomia emocional são fortemente inter-relacionadas.

Segundo observação destes pesquisadores, os elementos mínimos necessários para a independência econômica são o recebimento da aposentadoria e a propriedade ou direito de uso de um imóvel. A autonomia física, dependendo do estado de saúde do idoso, garante-lhe satisfazer suas necessidades sem auxílio de terceiros. A autonomia emocional, particularmente importante, pode ser prejudicada por problemas financeiros e físicos. Também faz parte deste quadro a manutenção de laços fora do âmbito familiar, que garante ao idoso contato com a comunidade.

Os autores verificaram que a maioria dos idosos pesquisados apresentava comprometimento de, pelo menos, duas das três variáveis da análise, quando não de todas (financeira, física e emocional). Ressaltaram que o idoso com limitações físicas é o que mais sofre, por depender da ajuda física e financeira de outros para consultas e tratamentos médicos.

Baltes e Silverberg (1995), por sua vez, e, mais recentemente, Baltes (1996) classificam as principais dependências da velhice em três categorias: dependência estruturada, dependência física e dependência comportamental. A estruturada está

relacionada à participação do indivíduo no processo produtivo. O desemprego ou a aposentadoria, por exemplo, geram dependência estruturada. A dependência física é também identificada na literatura como incapacidade funcional, desamparo prático e incapacidade individual para realizar atividades de vida diária. Torna-se mais pronunciada quando o idoso apresenta doenças cerebrais degenerativas, como o Mal de Alzheimer, ou um acidente cerebral vascular. A dependência comportamental é uma das mais temidas pelo idoso e, com frequência, a dependência física é precursora da comportamental. Ao contrário da dependência física, que é biologicamente induzida, a comportamental é socialmente induzida.

A análise da situação de cuidado para com os idosos implica, pois, em levar em consideração várias influências que determinam o tipo e o grau de dependência, as relações interpessoais, a percepção e o desempenho real do papel de cuidar pelas famílias.

Burton e Sörensen (1993) analisam o cuidado em termos de cinco domínios. O primeiro é o domínio histórico, que se relaciona às mudanças sócio-demográficas que ocorrem no âmbito de uma geração. O segundo é o domínio de apoio social, referente aos serviços disponíveis em apoio à rotina de vida do cuidador. O terceiro é o domínio das relações de

parentesco, concernente à concepção compartilhada pela família quanto a quem são os cuidadores e quando devem assumir este papel. Essas normas e perspectivas, construídas culturalmente, ajudam a estabelecer os papéis dos cuidadores e delineiam as obrigações da família. São definidas por necessidades particulares, variando, portanto, de família para família. O quarto é o domínio das relações com iguais e diz respeito ao desempenho de papéis por pessoas da mesma idade. Neste caso, o desempenho, as expectativas, o ônus, os valores associados ao papel de cuidar são experienciados por pessoas de uma mesma *coorte* etária, que compartilham relações de parentesco, de amizade e de trabalho. O quinto é o domínio do desenvolvimento intergeracional, respeitante ao modo como a responsabilidade de cuidar afeta o cumprimento das tarefas evolutivas que o cuidador enfrenta neste período de sua vida. Tem a ver com competição de papéis, senso de ser ou não controlado ou invadido pela situação e pelo papel de cuidar. Para as autoras, estes domínios não são separados, mas há uma sobreposição e uma integração entre eles.

O ato de cuidar geralmente envolve a realização de tarefas específicas de suporte, a médio e a longo prazo. Etimologicamente falando, cuidado vem do latim *cogitare* (Cunha, 1982). No seu sentido original,

portanto, cuidar significa "cogitar, imaginar, pensar" e, por extensão, "tratar de, dar atenção a", "ter cuidado com a saúde de, curar". A natureza da incapacidade demonstrada pelo idoso determina não só os níveis da exigência, mas também, a tipologia das tarefas de cuidar. Os cuidados, por sua vez, podem ser prestados por fontes formais (instituições sociais e profissionais) e informais (família, vizinhos, amigos e voluntários).

Pesquisas recentes mostram que os cuidados provenientes de sistemas informais constituem o referencial maior de apoio a idosos. No Canadá, 94% dos cuidados provêm dessas fontes, e nos Estados Unidos, 80% (Kane e Kane, 1990, *apud* Neri, 1993).

No Brasil, diante da carência de recursos de suporte formal, torna-se evidente que a tarefa de amparar os idosos está quase que exclusivamente sob a responsabilidade das famílias, dos amigos, vizinhos e voluntários, que constituem uma rede de apoio informal, em que a atuação é determinada por relações familiares, de consangüinidade, afetivas e sociais (Saad, 1991).

Conforme descrito por Burton e Sörensen (1993), o domínio das relações de parentesco relaciona-se a normas e expectativas que ajudam a definir papéis e obrigações familiares no ato de cuidar de um idoso dependente. Na mesma pesquisa feita com 1.602 idosos

brasileiros, anteriormente citada, Ramos *et al* (1993) mostram que 2% não contam com qualquer ajuda familiar em caso de doença ou incapacidade, 40% contam com o cônjuge, 35% contam com a filha, 11% com o filho e 10% dizem que contam com a família. Nos domicílios unigeracionais cresce a perspectiva de ajuda do cônjuge (60%), e nos multigeracionais, da filha (56%) e do filho (13%) .

A maioria dos depoimentos coletados em um estudo de caso realizado por Prata e Yazaki (1991), com quinze idosos de 60 anos e mais, residentes no Município de São Paulo, indica que a pessoa que tem maior probabilidade de assumir a responsabilidade no cuidado com o idoso, na família, é o cônjuge. Neste caso, para as autoras, a definição rígida dos papéis masculinos e femininos dá lugar a uma solidariedade entre os cônjuges. Na ausência de programas governamentais ou do apoio familiar, os membros do casal cuidam um do outro, ocorrendo vários casos em que algumas mulheres passam a depender de seus maridos para se alimentar, locomover-se ou executar as tarefas mais simples da vida cotidiana. Os homens, por sua vez, ao perderem o papel de provedores e, muitas vezes, impossibilitados de gerir suas próprias vidas, por motivo de doença, deixam também de exercer a autoridade moral de chefes de família.

No caso de não haver cônjuge, os parentes próximos com maior probabilidade de assumir o papel de cuidar são, pela ordem, uma filha, geralmente a mais velha solteira, seguida pela filha mais velha casada, depois outras filhas e, por último, uma nora ou outro parente (Gatz *et al*, 1990). Em relação ao estado civil, quando existem filhas solteiras são estas as que mais freqüentemente dividem a casa com parentes idosos. O papel de cuidar recai primeiramente sobre filhas que exercem papéis familiares menos competitivos, ou seja, aquelas que são divorciadas, viúvas ou solteiras (Brody *et al*, 1994). Esta seqüência (cônjuge/filhas/filhos/outros), caracteriza o chamado modelo hierárquico compensatório, em que há uma seleção ordenada de cuidadores. No entanto, é importante considerar que, dentre os membros da família, a seleção do cuidador principal é determinada por fatores mais complexos do que apenas a relação de parentesco existente entre o cuidador e o idoso (Chappel, 1990).

De modo geral, a mulher que cuida está na faixa de 45 a 50 anos, tem filhos adultos ou quase adultos, seu marido ou ela própria são aposentados, ou estão prestes a se aposentar. Raramente o cuidador é uma nora ou outro parente e, mais raramente ainda, um homem (Silverstein e Litwak, 1993; Baum e Page, 1991).

Nos cuidados para com os idosos, as mulheres tendem a exercer tarefas instrumentais e a prestar apoio emocional, enquanto os filhos tendem a ser provedores (Chappell, 1990). No Brasil, as evidências de pesquisa demonstram que o cuidado com os idosos é também uma tarefa primordialmente feminina, como ocorre em muitos outros países. Os depoimentos que compõem o estudo de caso realizado por Prata e Yazaki (1991) demonstram que em geral essa tarefa é desempenhada por filhas e noras. As mulheres têm, então, probabilidade muito maior de serem cuidadoras do que cuidadas (Gatz *et al*, 1990 e Neri, 1993).

O desejo e as habilidades familiares de assumir responsabilidades de longo prazo para com idosos dependentes e fragilizados dependem principalmente das tradições e dos valores sócio-culturais, da composição das famílias e dos domicílios, das condições sócio-econômicas, da disponibilidade de meios alternativos de cuidado e do acesso aos mesmos (Pearlin e Zarit, 1993). Assim, a literatura transcultural tem mostrado que a sequência caracterizada como modelo hierárquico compensatório é a mais comum em países ocidentais, mas que, em vários outros países, vigoram normas diferentes. As famílias chinesas estimulam os filhos homens ao casamento para conseguir

noras como cuidadoras potenciais. Na Índia, os idosos esperam ser cuidados por um filho e não por uma filha casada. Lá, o fato de um dos filhos assumir esses encargos muitas vezes acaba por eximir os demais dessa função. Um deles é eleito, fundamentalmente por corresponder às expectativas familiares e parentais. Já entre os sherpas do Nepal, esta responsabilidade é do filho mais jovem, que deve permanecer na casa paterna e que, por isso, tem direito ao dobro da herança dos outros irmãos (Keith, 1992). No Japão, e mesmo entre os descendentes de imigrantes japoneses vivendo em vários países ocidentais, o filho mais velho é o cuidador preferencial, mas é sua esposa quem assume de fato as tarefas, constituindo-se numa figura central ao cumprimento do dever filial de cuidar. Então, o filho primogênito tende a exercer o cuidado nos domínios econômico e instrumental.

Portanto, a despeito da variabilidade cultural, o cuidar de familiares idosos reveste-se de caráter normativo no ciclo de vida individual e familiar, e principalmente na vida das mulheres maduras. Na atualidade, tende a tornar-se fato cada vez mais freqüente na maioria dos países, por causa do aumento da longevidade e do maior número de idosos existente nas populações.

Para melhor entendimento da questão do cuidar, deve-se levar em conta que o cuidar e o ser cuidado são eventos que têm profundas implicações no curso de vida individual dos adultos, na experiência familiar e no contexto sócio-cultural.

O cuidar e o ser cuidado são experiências humanas de grande relevância na tradição cultural japonesa que persiste no país de origem e entre os seus filhos que adotaram novas pátrias. Mais que isso, a valorização dos idosos, o dever de reverenciá-los e o respeito à obrigação da reciprocidade são vistos por eles como elementos determinantes da sua identidade e continuidade cultural.

3. *Amae* & *On*: as relações interpessoais na tradição japonesa

Hoje em dia um filho dedicado é apenas um homem que não deixa faltar alimento aos pais. Mas mesmo cães e cavalos recebem alimento. Se não houver sentimento de reverência, onde está a diferença? (Confúcio, II, 7)

A expressão "nipo-brasileiro", que surgiu no contexto da colonização japonesa no Brasil, sugere a noção de pertencimento dos japoneses imigrantes e seus descendentes a uma comunidade étnica, culturalmente definida, e a uma entidade politicamente definida, no caso o Estado brasileiro. Esta noção, segundo Kahn e col (1983, in Seyferth, 1995) denota as diferenças sociais e culturais da colônia nipônica em relação à sociedade brasileira. É representativa do processo de construção da identidade do grupo na nova pátria, onde é importante lidar com vários elementos simbólicos, como a territorialidade e os estereótipos relacionados à tradição cultural. Assim, surgem as autodefinições dos grupos recém-chegados e tidos como diferentes pelos

nativos. A afirmação da excelência e da generalidade de seus valores, que, na verdade, mesmo na pátria de origem, comportam variações temporais, geográficas e qualitativas, serve aos propósitos de auto-afirmação de grupos recém-chegados.

O costume de atribuir a grupos certos traços culturais homogêneos e estáveis é muito disseminado, e certamente oculta toda a riqueza inerente aos processos de desenvolvimento e de construção das identidades dos indivíduos e dos grupos. No entanto, essa pode ser uma forma didática de lidar com a diferença e dela tirar proveito, em termos de obter parâmetros para analisar o que ocorre em outros grupos étnicos. Este raciocínio norteou a decisão de recorrer a abstrações como "cultura/família japonesa", "valores familiares japoneses" e outros, para melhor compreender e analisar as questões aqui pretendidas.

Segundo esta ótica generalizante, a família é um dos valores centrais da cultura japonesa. O espaço familiar é local de exercício de poder e prestígio dos membros mais idosos, particularmente, na fase da vida em que se caracterizava o "*inkyō*". A retirada da vida ativa, como era conhecido, marcava ainda a transferência de chefia do pai para o primogênito - o "*chōnan*" -, ao qual eram repassados os bens da família, além da obrigação de cuidar dos pais. Não havia uma

idade compulsória para o "*inkyō*"; entretanto, a tradição japonesa consagrou a idade de 60 anos. Dessa prática derivou, como obrigação familiar, a presença do "*chonān*" na casa paterna, na condição de co-habitante, o que transformava a nora em partícipe daquelas obrigações filiais. Tais práticas marcaram, mesmo, a moralidade familiar contemporânea do Japão, sendo suprimidas apenas em meados do século XX.

A família determina posições e atribui papéis aos seus membros com base em critérios de geração, gênero e idade. As relações hierárquicas fundamentam-se na autoridade paterna e no compromisso de todos os membros de expressar solidariedade, amizade e senso de importância dos vínculos familiares. Essa hierarquia tem raízes profundas na tradição da família japonesa, e os deveres e direitos se definem por essa tradição. Nesse contexto, o pai, ou o filho mais velho, são responsáveis pela casa, e devem assumir as decisões mais graves e cuidar para que elas sejam cumpridas. Vieira (1973) assevera que, no sistema familiar japonês, os interesses estão largamente subordinados à família como um grupo, e que o termo "individualismo" assume qualidades negativas, pois é identificado como elemento caracterizador de atitudes anti-sociais. O indivíduo deve sempre ser considerado como membro de uma família, o que permite a ele evitar assumir responsabilidades

pessoais e tomar decisões individuais. A preservação da
 unidade e da continuidade da família é vista como dever
 moral, e no próprio Código Civil do Japão estão
 previstos vários arranjos a fim de garantir a
 continuidade da família patrilinear, mesmo na ausência
 de herdeiros do sexo masculino.

A submissão à vontade da família se dá em
 nome de um valor supremo ao qual todos se curvam, por
 mais opressivas que sejam suas exigências. Ela é
 justificada pelo valor atribuído à lealdade e à
 hierarquia, virtudes que devem preponderar também no
 âmbito da vida social, da vida econômica e do governo
 (Benedict, 1988).

Qualquer que seja a idade, a posição de cada
 um na hierarquia depende de uma questão de gênero, em
 que o masculino precede o feminino. Na estrutura
 familiar tradicional, patrilinear e patriarcal, de
 orientação coletiva, as relações intra-familiares
 caracterizam-se por um padrão de subordinação-
 dominação (marido-esposa e pai-filhos). A hierarqui-
 zação dentro da família é percebida e interiorizada
 desde a infância e consubstanciada em três princípios:
 os homens são superiores às mulheres; os velhos, aos
 mais jovens; e os nascidos na família, aos que vierem de
 fora. As relações hierárquicas enfatizam a lealdade

pessoal em termos de direitos e deveres específicos (Vieira, 1973).

O velho japonês representa a autoridade própria da figura patriarcal. É temido, devido ao poder sem limites de que dispõe, mas também é respeitado, como a viga mestra que sustenta toda a estrutura da família e cujo valor se estende a toda a sociedade. Esta idéia, originada da estrutura tradicional da família, garante, então, um papel de prestígio a seus membros mais velhos. Donow (1990) diz que a reverência aos idosos faz parte da tradição confuciana, a qual tem raízes profundas em sentimentos de família e no princípio de que a reciprocidade é fundamental para a ordem social. O Japão institucionalizou sua reverência aos idosos através de uma celebração anual, "O Dia do Respeito pelo Idoso". Em 1963 os japoneses estabeleceram em lei que os idosos deveriam ser amados e respeitados, como também deveriam ter a garantia de uma vida saudável e cheia de paz.

O devotamento filial é, sem dúvida, um elevado preceito ético que o Japão compartilha com a China, uma vez que as formulações chinesas foram adotadas pelo Japão, especialmente no que se refere ao budismo, à ética confucionista e à cultura dos séculos VI e VII d. C. Seu caráter foi-se modificando,

gradativamente, a fim de adaptar-se à diferente estrutura da família no Japão (Benedict, 1988).

Em função de revisão da literatura referente ao período de 1970 a 1985, Sung (1990) salienta que as nações do Leste da Ásia compartilham ideais de piedade filial há muitas gerações. Os valores associados à piedade filial se refletem nos rituais dos povos dessas nações. No Japão, como se disse, o respeito público pelos idosos e as exortações de cuidado filial são fortemente enfatizados até hoje, assim, como na China. Lebra (1976) lembra-nos que os ensinamentos relativos à prática da piedade filial faziam parte da educação moral nos *curricula* do Japão do pré-guerra, denominada *Shushin* (auto-disciplina), caracterizada pela veiculação de uma grande quantidade de histórias, reais e fictícias, sobre uma criança, de cujo sacrifício dependia a sobrevivência de toda a família. O objetivo dessas histórias era incitar a boa vontade e a piedade filial nas crianças em idade escolar, no sentido do sacrifício. Além disso, os pais e os adultos são comumente descritos como pessoas que se sacrificam pelos filhos.

Nesse sentido, o mais elevado comportamento moral que o indivíduo pode revelar é a demonstração de apoio completo aos pais durante a sua vida. Os versos de Norinaga Motoori (Miyakoshi, 1941, *in* Saito e Maeyama, 1973, pp. 440) expressam a essência do

pensament^o japonês sobre a reverência aos pais, descrevend^o-a em termos religiosos:

*Reverencie e divinize seu pai e sua mãe
De todo o coração
Como os deuses do ie, como seus deuses,
Vós, os homens, filhos dos homens.*

Está contida neles a idéia de que os pais concebem seus filhos como tesouros do *ie*², e os filhos, por sua vez, os consideram deuses do *ie*. O *ie*, herdado dos antepassados, tem raízes no Xintoísmo e no Budismo, onde são cultuados. Dessa forma, o *ie* é transmitido de pai para filho e do filho para seus descendentes. Este princípio se consubstanciava, também, no culto ao Imperador. Embora tenha desaparecido com as mudanças sociais concomitantes e posteriores à II Grande Guerra, sobrevive no nível privado das relações familiares, individuais e informais.

² Distinguindo-se da família, *ie* é um corpo organizacional, no qual um empreendimento econômico é mantido baseado na sua propriedade; os membros compartilham a vivência em comum e os antepassados são comumente cultuados, sendo a entidade mantenedora da economia doméstica e a parte constituinte de agrupamentos chamados de *inter-ie* (Nakano e Matsushima, 1958 *Apud* Saito e Maeyama, 1973, pp. 421).

Outro traço marcante das relações familiares no Japão é o culto aos antepassados, o qual confere ao idoso um *status* privilegiado. Primeiro, porque os idosos são responsáveis pelos rituais e, segundo, como estão mais próximos da morte, são considerados mais próximos dos deuses e, por isso, merecedores de respeito e reverência.

Tradição conhecida, porém contrastante com as anteriormente mencionadas, *Obasute* - abandono dos idosos -, literalmente significa "livrar-se da avó"³. Segundo antigas tradições, os muito velhos eram levados às montanhas e lá abandonados, para resguardar os recursos limitados da família (Donow, 1990). Geralmente o idoso não protestava por esta ação fatal, porque ele já tinha a intuição de que a família estava esperando que ele morresse, e se considerava um empecilho (Tomita, 1994). O *Obasute* refere-se a um aspecto proeminente do folclore japonês. A lenda, encontrada também em escritos budistas da Índia, tem mais de 40 variações no Japão, onde tem sido apresentada sob muitas formas literárias, incluindo o conto de fadas, a cantiga de criança, a canção, o filme, a poesia e o drama. Embora possa parecer desagradável

³ "*Balada de Narayma*", filme de Jiro Tomoda, baseado no romance de Shichiro Fokazawa, é um exemplo significativo para ilustrar o *Obasute*.

a outros povos, para os japoneses essa lenda propicia oportunidade de identificação em vários níveis: primeiro, o japonês adulto identifica-se como um membro leal de um grupo especial, tradicionalmente, a família; segundo, o tema folclórico do pai idoso abandonado pode ser visto como uma prática, seguramente justificável e corajosa, que permitia que o filho dividisse a porção de comida do mais idoso com os outros membros da família; terceiro, o maior sacrifício que uma pessoa pode fazer é abrir mão de sua vida por outros que ela valoriza. Esse tipo de lealdade e de auto-sacrifício é essencial ao que Portnoy (1990) define como o caráter japonês.

Em consonância, toda pessoa, desde pequena, aprende a pensar primeiro na família. A "adoração do ancestral" e a manutenção de registros genealógicos, ainda praticadas na Coreia, por exemplo, reforçam essa orientação. Um filho devotado, pois, deve ser capaz de assumir responsabilidade frente à família (Sung, 1990).

Não obstante, o papel da família em relação ao cuidado prestado ao idoso é fato recorrente em diferentes contextos culturais, sociais e históricos. Valores culturais acerca do envelhecimento variam, e determinam diferenças acentuadas na aceitação e na realização do cuidado entre os cuidadores familiares.

Tais nuances são marcantes, em particular se comparadas às culturas do ocidente e do oriente.

Dois aspectos da vida japonesa que fascinam outros povos são a tradição de sucessores naturais ou escolhidos e a posição de prestígio de seus membros mais velhos, em razão do respeito e da dedicação que recebem de seus filhos, de seus netos e da sociedade.

Para ilustrar isto, Tobin (1987) analisa entrevistas feitas com americanos residentes temporariamente no Japão e com americanos residentes nos Estados Unidos, sobre o significado do envelhecimento no Japão. Demonstra que os americanos em geral mantêm uma imagem positiva dos idosos japoneses, como também da crescente dependência destes, à medida que envelhecem. Os dados mostram que, na opinião dos entrevistados,

é muito melhor envelhecer no Japão do que nos Estados Unidos. Diferentemente dos americanos, os japoneses permitem-se usufruir de uma crescente dependência à medida que envelhecem (p. 56).

O autor afirma ainda que a tendência dos americanos de idealizar o significado da dependência para o idoso japonês não é surpreendente, pois tanto a literatura ocidental quanto a japonesa, sobre o Japão,

descrevem - no como país de uma cultura que valoriza a dependência. Considera também que o mito sobre o Japão como um país de idosos honoráveis, dependentes e felizes, serve de exemplo aos americanos como um conhecimento reconfortante, uma vez que não diz respeito apenas à preocupação dos americanos com o envelhecimento e com a dependência. Mais especificamente, diz respeito à preocupação dos americanos de envelhecerem e de se tornarem dependentes, numa sociedade anômica, individualista e orientada para a juventude.

De fato, na tradição japonesa, a base das relações interpessoais é a dependência. Iniciada no espaço familiar, com as figuras parentais, e extrapolada para outras áreas da vida, ela tem como princípio a reprodução dessas relações familiares baseadas na inversão de papéis, quando os idosos se tornam dependentes. Porém, esta relação de dependência é compreendida em termos de reciprocidade, e não como confiança e submissão unilateral.

Doi (1973) contribui com esclarecimentos sobre a dependência familiar, quando trata da semântica do cuidar. Explica que *amae* significa dependência ou "contar com a benevolência dos outros", e o verbo *amaeru* significa "depender e esperar pela possível benevolência dos outros". Este vocábulo tem

sido geralmente usado para descrever a atitude do filho, ou o comportamento dele com relação aos pais, particularmente com a mãe. A possibilidade de expressar o *amaeru* deve ser complementada pela aceitação de dependência de outrem. Esse sentimento de aceitar a dependência de alguém também é chamado *amayakasu*. A mãe japonesa cuida de seus filhos com cuidados extremos (*amayakasu*); a criança cresce sendo passivamente dependente dela (*amae*) e, mesmo quando cresce, pode esperar por cuidados. Até a idade adulta, os japoneses buscam a realização dessa dependência por meio de relações íntimas, e tem-se a impressão de que quase todo o comportamento japonês, incluindo certos grupos políticos, ocupacionais e econômicos, pode ser explicado pela ótica do *amae* (Apud Tomita, 1994).

Desta forma, o direito de ser dependente deve ser adquirido por meio de atos no sentido de cumprir as obrigações, ou fazendo-se concessões. Essas obrigações mútuas têm um sentido de débito para com as pessoas, no cotidiano, sendo que esse sentimento faz emanar as decisões e as ações diárias dos membros da família.

O forte senso de coletividade desenvolve um sentido grupal de personalidade, o qual deriva de uma norma de simbiose e reciprocidade, que contribui para situações nas quais uns ficam afetivamente envolvidos com os outros (Tomita, 1994).

Nas relações interpessoais, o desejo de dependência conduz à probabilidade de que possa existir uma relação, emocionalmente satisfatória, quando uma das partes é completa e, justificadamente, dependente de outra, como quando, por exemplo, um está doente e sob os cuidados totais de outra pessoa. A doença propicia uma ocasião social para a comunicação emocional, para oferecer e aceitar cuidados. Do ponto de vista do *amae* (dependência), a necessidade básica da pessoa de *amaeru* (dependeer) faz surgir no outro o desejo de *amayakasu* (aceitação de que alguém lhe seja dependente). Isso sugere a inclinação do paciente japonês à dependência total, necessitando de um tipo de assistência plena e completa e, neste caso, alguém precisa pagar um preço para satisfazer os desejos de dependência do outro (Lebra, 1976).

No caso de doença dos pais idosos, essa relação de dependência implica, para os filhos, o dever de cuidar. Nessas obrigações, está explícito que se deve saldar o débito para com os ancestrais, retribuindo aos pais o cuidado que receberam. O verbete que corresponde a "obrigações", cobrindo desde o maior até o menor débito de uma pessoa, é *on*. Benedict (1988) diz que um filho que nutre profundo afeto por sua mãe pode dizer que não esquece do *on* que dela recebeu, o que significa que tem por ela uma devoção sincera. O

termo **não** se refere especificamente ao amor, e sim a tudo o **que** a mãe fez por ele quando bebê, aos sacrifício**s** dela quando ele era menino, a tudo o que ela faz para **promover** os seus interesses quando homem, a tudo o **que** ele lhe deve pelo simples fato de que ela existe. **Implica** uma retribuição, significando também amor, ma**s** o sentido primordial é de débito. O tempo não dimin**ui** a dívida. Com os anos ela aumenta, em vez de decres**cer**. O *on* constitui, assim, um pesado ônus, e o "poder **do on**" está acima das meras preferências pessoais **do** indivíduo.

Baseando-se em outros pesquisadores, Tomita (1994) a**presenta** três conceitos que expressam essa interdepe**ndência** nas obrigações mútuas: 1) *Giri* - são as obriga**ç**ões sociais; 2) *On* - é o débito pessoal; e 3) *Ninjo* - sã**o** os sentimentos naturais ou desejos.

Na família japonesa, o *on* (débito pessoal) e o *giri* (o**brigações** sociais) podem vencer o *ninjo* (interesse**s** pessoais) nas responsabilidades quanto aos cuidados **a** familiares idosos. O *on* recebido dos pais é a base da **pi**iedade filial, o que equivale ao débito que os filhos têm para com os pais. Yu *et al* (1993) afirmam que a **pie**dade filial não é, portanto, um valor abstrato, independe**nte** da estrutura das relações pai-filhos. Ao contrário, está profundamente incorporada aos padrões de cuida**do** entre pais e filhos adultos. Sung (1990)

assevera que ela é composta de três condições importantes, quais sejam: 1) respeito aos pais; 2) não trazer desonra aos pais; e, 3) tomar conta dos pais. Este ensinamento reflete o dever de reciprocidade para com os pais, que, segundo a filosofia de T'oegye, pode ser encontrado na reverência aos pais e aos idosos, em geral entendida como a prática de amor e de respeito existente na convivência familiar quotidiana. Assim, a piedade filial é uma norma importante para que os japoneses satisfaçam suas obrigações filiais.

Desse modo, o padrão cultural de piedade filial é um parâmetro moral para julgar as atitudes e os comportamentos de cuidar, entre os japoneses. Os imigrantes e refugiados asiáticos mantêm a piedade filial nos cuidados com os idosos. Mesmo longe de seu grupo de origem, e na ausência de sanções legais pela transgressão, eles tendem a acatar o valor de piedade filial (Morycz, 1993). A impossibilidade de cumprir este dever pode gerar sentimentos diversos, inclusive a indiferença, que caracterizaria o padrão de *obasute* ou abandono. Desse modo, os imigrantes e refugiados desvinculados dos valores tradicionais, que incluem a valorização do consentimento do idoso quanto a se deixar abandonar em favor dos mais novos, praticam, desta forma, o abandono unilateral. Tal comportamento, possivelmente, seria indicativo do enfraquecimento das

relações familiares, da crise dos valores tradicionais e da adoção de um estilo de vida ocidental (Tomita, 1994).

Por sua vez, idosos desamparados podem tomar a iniciativa de solicitar piedade e ajuda aos filhos. Comparados com os americanos, mais orientados à independência, os japoneses têm menos resistência em pedir ajuda. Por exemplo, um pai doente pode apelar para a piedade de sua filha, pedindo-lhe para se manter solteira para cuidar dele (Lebra, 1976).

Em pesquisa realizada na Coreia, com 817 pessoas que receberam prêmio por sua conduta filial exemplar, Sung (1990) verificou que os cuidados com os pais englobam o ideal de piedade filial. As mulheres eram a maior fonte de cuidado filial, enquanto os homens davam apoio emocional e recursos financeiros, obtidos fora da família. Os dados revelam que 81% dos idosos coreanos viviam com os filhos, sendo 43% com o filho mais velho e a nora; 15% com outro filho e nora; 17% com filhos solteiros, e 6% com uma filha e o genro. A convivência familiar entre filhos adultos e pais idosos é valorizada por favorecer o apoio e a dependência recíprocos.

No estudo sobre o perfil dos cuidadores em Shanghai, Yu *et al* (1993) observaram que entre os

cuidadores predominam filhos, noras e genros, seguidos pelos cônjuges. A idade dos cuidadores varia de 15 a 88 anos, o que indica que, desde jovens, os chineses assumem a responsabilidade de cuidar do idoso.

Tentando identificar as atitudes dos filhos em relação aos cuidados para com os pais idosos, Portnoy (1990) aplicou questionários a 117 estudantes de graduação, dos quais 29 eram japoneses residentes no Japão, 42 eram japoneses residentes nos Estados Unidos e 46 eram americanos não japoneses, com idade média de 19 anos. Verificou que, quanto à opinião destes estudantes sobre onde eles acham que as pessoas idosas deveriam viver no final de suas vidas, 99% dos japoneses escolheram a família. Em comparação, apenas 35% dos americanos não japoneses disseram que os idosos deveriam viver com a família; 30% responderam que os idosos deveriam viver sozinhos; 29%, com pessoas mais velhas; e 2%, em casas de repouso. Quanto a quem normalmente deve cuidar das pessoas idosas dependentes, 100% dos japoneses indicaram "a família". Entre os estudantes americanos não japoneses, 59% apontaram "a família"; 22% escolheram casas de repouso; 7% mencionaram o Estado e 4% escolheram outras pessoas idosas. Quanto a colocar os idosos em casas de repouso, 67% dos estudantes japoneses foram contrários à idéia; em contraposição, 74% dos

estudantes americanos não japoneses responderam afirmativamente. O autor concluiu que as respostas dos estudantes japoneses, tanto os que residem no Japão, quanto os que residem nos Estados Unidos, são parecidas entre si, mas diferentes daquelas dos estudantes americanos não japoneses. A maioria esmagadora de estudantes japoneses aponta os familiares como cuidadores primários preferenciais do idoso, enquanto estudantes americanos não japoneses adotam um ponto de vista mais flexível em relação aos arranjos de habitação e às responsabilidades pelo cuidado. No tocante a colocar os idosos em casas de repouso, os dados refletiram uma proximidade entre os dois grupos culturais, embora os japoneses estejam menos familiarizados com essa possibilidade do que os americanos. Deve-se considerar que a opção pela institucionalização está rapidamente se tornando viável no Japão, e certamente não é nova na América. Outro aspecto dessa proximidade é o fato de que a convivência com idosos dependentes na família, em meio às vicissitudes do estilo de vida ocidental, parece tornar mais provável a crescente opção de nipo-americanos de institucionalizar seus idosos.

Das deduções possíveis, é permitido dizer que, entre os japoneses, à medida que se aproxima a velhice, o desejo de dependência aumenta, havendo um

incentivo a esta nas relações interpessoais. Entretanto, entre as gerações mais novas, que vêm passando por processo de transformação em relação às expectativas e aos padrões culturais quanto ao cuidado de idosos e estabelecendo base para uma nova ordem social, resta saber qual a ênfase, a dimensão e a dinâmica de tais mudanças nas relações interpessoais.

A organização familiar cumpriu um papel fundamental no processo de adaptação dos japoneses no Brasil, pressionados, por um lado, pelo forte preconceito dos brasileiros e, por outro, pelo fato de a orientação cultural e social dos imigrantes estar voltada para o Japão. Segundo vários pesquisadores, a forte coesão e o etnocentrismo do grupo ajudaram-nos em seu difícil processo de adaptação.

A família assumiu papel importante neste processo, uma vez que os imigrantes, separados do seu grupo de parentesco deixado no Japão, passaram a ver nela a unidade mais importante, tanto do ponto de vista afetivo quanto econômico. Assim, criam-se laços de solidariedade e de sentimento grupal, baseados na convivência com parentes e conterrâneos. Esses laços têm papel fundamental na reelaboração da identidade étnica do grupo, bem como na organização comunitária.

Tomita (1994) afirma que a extensão em que os valores japoneses são mantidos depende da idade dos imigrantes e do grau de exposição a outros grupos étnicos, da formação de uma comunidade imediata, das práticas de socialização da família e do grau de isolamento em relação a outras famílias japonesas.

Diante disso, resta saber em que medida as gerações mais novas, mesmo tendo passado por mudanças significativas dos conceitos e valores familiares, conservam heranças características da cultura de origem dos ancestrais. Igualmente, se tais heranças têm um papel significativo em suas relações interpessoais, de modo a indicar, ou não, novos procedimentos intra-familiares em relação à reverência e ao cuidado com o idoso. A contextualização histórica do objeto de pesquisa imprimirá as nuances e as matizes necessárias ao cenário, e aos sujeitos que pretendemos compreender.

4. Velhice e cuidado: o componente demográfico

*Pensa sempre no teu passado
Cultivando tua virtude.
(Confúcio)*

A partir do desenvolvimento das sociedades capitalistas, o cuidado, em particular aquele dirigido aos idosos, adquire novo *status*. Às modernas sociedades industriais, a questão do cuidado da velhice foi posta com maior ênfase, e ganhou novo dimensionamento a partir da nova dinâmica da estrutura da composição da população mundial. Assim, a demografia deixa de ser apenas uma variável para constituir-se em elemento definidor de novas abordagens e de novos recortes temáticos e cronológicos do cuidado, enquanto objeto de estudo, não só redimensionado, mas, sobretudo, exigindo da comunidade acadêmica a proeminência devida.

Vários parâmetros biológicos, psicológicos e sociais são utilizados para se considerar um indivíduo

como idoso, todos eles referenciados à idade cronológica. Atualmente, a idade de 60 anos é o critério mais adotado, em todo o mundo, para definir o início da velhice. Este princípio foi consagrado e difundido pela Organização das Nações Unidas, a partir da Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento da População, celebrada em Viena em 1982. Recentemente, à medida que aumenta a expectativa de vida da população idosa em países que já completaram o processo de transição demográfica, intensifica-se a tendência de localizar este limite em anos mais tardios. Tal tendência aparece nas legislações de países da Europa Ocidental, relativas à aposentadoria, por exemplo, cuja idade limite para a compulsoriedade localiza-se em 65 ou 70 anos (Boerjlist, 1994).

Do ponto de vista demográfico, o aumento do número de idosos no conjunto da população é devido à diminuição da taxa de fecundidade e à elevação da longevidade. Numericamente, os idosos correspondem, hoje, a uma parcela da população cada vez maior, em muitas partes do mundo.

Em países desenvolvidos, a exemplo da França, Alemanha, Inglaterra, Suécia, Estados Unidos e Japão, o processo de envelhecimento teve seu início há mais de um século e vem transcorrendo de forma gradual, coincidindo com grandes transformações socio-

econômicas, e com avanços consideráveis nas condições de vida e de bem-estar geral da população. Em países em desenvolvimento, como o Brasil, nestes últimos 20 anos, o processo de envelhecimento vem caminhando no sentido de uma rápida intensificação, em meio a grandes desigualdades sociais. A pobreza que atinge uma ampla maioria de brasileiros, e os problemas do Estado quanto à manutenção do Sistema Público de Saúde e Previdência Social agravam, consideravelmente, a situação dos idosos (Saad, 1992).

O processo de envelhecimento demográfico constatado em inúmeros países, entre eles o Brasil, não só desnuda a dinâmica das demandas de cuidados do idoso dependente ou fragilizado, mas também revela que o número de idosos dependentes nos países em desenvolvimento é maior que nos desenvolvidos, em consequência da má nutrição, das más condições assistenciais e de trabalho, e de doenças, no decorrer da existência (Cançado, 1992). Sobretudo, evidencia a objetivação, no cotidiano das relações familiares, do cuidado devido aos idosos. O foco das análises intergeracionais e da própria velhice ganha novo cenário e maior amplitude.

A contemporaneidade de tal enfoque expressa-se, formalmente, em Gatz *et al* (1990), que resumem as principais questões relativas ao cuidado

prestado a idosos, e relacionam quatro aspectos macrosociais que têm contribuído para tornar o cuidado prestado a idosos uma questão social cada vez mais concreta, e de plausibilidade indiscutível. Em primeiro lugar, com o aumento da expectativa de vida, hoje é mais provável que os filhos de meia-idade tenham os pais, ou avós, vivos, do que antigamente. Em segundo lugar, em consequência do declínio da fertilidade, é possível que pais idosos tenham menos parentes a quem pedir ajuda do que tinham os seus pais. Em terceiro, o aumento da participação das mulheres na força de trabalho implica no estabelecimento de uma rede mais complexa de papéis sociais e obrigações para as mulheres de meia-idade, as quais, tradicionalmente, são o principal pilar do sistema de apoio familiar para os idosos. Por último, devido à longevidade aumentada, a estrutura familiar tende a tornar-se mais vertical e com menos membros em cada geração. A mobilidade familiar decorrente da redução do número de membros, típica das sociedades industriais contemporâneas, afasta as pessoas do convívio com os parentes mais próximos.

No bojo destas tendências demográficas há implicações diretamente relevantes no que concerne aos cuidados com os pais idosos. Em primeiro lugar, que gerações intermediárias podem se sobrecarregar ao cuidar de crianças, jovens e velhos ao mesmo tempo.

Depois, maior intensidade no estreitamento das relações entre gerações, que, diferentemente de épocas anteriores, resulta em maiores expectativas de assistência mútua. Finalmente, cresce o número de filhos adultos que também são idosos (Gatz *et al*, 1990).

O crescimento da população idosa brasileira torna-se cada vez mais relevante porque vem superando o da população total. Enquanto o crescimento médio anual no período de 1940-50 era de 2,34%, o da população idosa era de 2,57%. A partir de 1960, a população total teve seu crescimento desacelerado, fato que só atingiu a população de 65 anos e mais, em 1991. O peso relativo da população idosa aumentou, nas últimas décadas, de 3 para 5%, o que vem provocando o estreitamento da base da pirâmide populacional, desde 1970. Estima-se que atualmente o número de idosos esteja em torno de 7.3 milhões de pessoas, o que corresponde a 7,2% da população (Neri e Debert, 1995). Projeções feitas até o ano 2000 apontam para uma redução no crescimento deste segmento populacional até 2010, voltando a crescer entre 2010 e 2020, para alcançar uma taxa de 3,8% ao ano (Berquó, 1996). Contudo, há previsão de que, no período entre 2020 e 2040, haverá uma aceleração do envelhecimento

populacional, quando a proporção de idosos chegará a 12% (Carvalho, 1994).

Segundo Berquó (1996), o que contribuiu para o aumento das taxas de crescimento da população idosa brasileira, até 1980, foi a entrada de migrantes europeus, ocorrida entre 1871 e 1900. A participação internacional no crescimento da população total do país foi da ordem de 11%, entre 1871 e 1890, e de 25%, entre 1891 e 1900. Contudo, a gripe espanhola de 1918 pode ter sido fator responsável pelo declínio no ritmo de crescimento da população idosa, entre 1980 e 1990. A autora ressalta, ainda, que a retomada do ritmo de crescimento projetado para 2020 pode refletir o efeito dos antibióticos sobre as *coortes* nascidas por volta de 1950. Desta forma, pensando em termos de futuro, espera-se chegar ao final do século com 8.658.000 idosos, ou seja, 1 em cada 20 brasileiros terá 65 anos e mais. Este número crescerá para 16.224.000 em 2020, quando 1 em cada 13 será idoso.

No que se refere à distribuição da população de 60 anos e mais nas áreas urbanas e rurais, nas grandes regiões do Brasil, estudos baseados nos resultados dos censos demográficos até 1980, nas estimativas efetuadas a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 1985 e 1990, e nos resultados preliminares do Censo Demográfico de 1991,

revelam que as maiores proporções de idosos do país sobre a população total do Brasil encontram-se nas regiões Sudeste (47%), Nordeste (30%) e Sul (15%) (Bercovich, 1992). As regiões Sudeste e Nordeste, respectivamente, destacam-se por uma concentração maior deste grupo etário nas zonas urbanas (56%) e rurais (52%).

Quanto ao diferencial por gênero da população idosa, nas áreas rural e urbana, observa-se que a grande maioria (75%) reside em áreas urbanas, sendo 32% homens e 43% mulheres.

Costa (1992), baseando-se nos dados da PNAD de 1988, mostra que do total de idosos de 60 anos e mais no Brasil, 59% são economicamente ativos, 47,6% dos quais são do sexo masculino e 10,9% do sexo feminino; 67% recebem algum benefício de aposentadoria ou pensão, numa proporção de dois terços de homens e um terço de mulheres. Entre os homens aposentados, 40% ganham menos de um salário mínimo mensal de benefício e apenas 4% recebem entre meio e 2,5 salários mínimos. Entre as mulheres aposentadas (21% do total de idosos), 57% recebem menos que um salário mínimo mensal e 36 % ganham entre meio e 2,5 salários mínimos por mês.

Os dados censitários de 1991 referentes à escolarização e ao nível de alfabetização mostram que, para a população idosa de 65 anos e mais, a situação ainda é mais grave do que no restante da população brasileira, pois 40% dos homens e 48% das mulheres declararam-se analfabetos. Entre aqueles que conseguiram chegar às escolas, apenas 50% puderam completar o curso primário (Berquó, 1996).

Quanto aos tipos de família nas quais vive a população idosa de 60 anos e mais, os dados demonstram que 44% residem em família do tipo nuclear; 41%, extensa; 2%, composta; e 2%, unipessoal. Há evidências de que as mulheres idosas moram principalmente em famílias estendidas, em todas as regiões, enquanto os homens ainda vivem principalmente no seio de famílias nucleares, o que indica que eles continuam casados (Bercovich, 1992). A ampla maioria (67%) reside com famílias com renda *per capita* inferior a um salário mínimo, e apenas 2% residem com famílias que recebem 10 ou mais salários mínimos mensais (Costa, 1992). Em áreas urbanas, pesquisas indicam que as famílias lideradas por um idoso geralmente têm uma renda maior do que aquelas em que o chefe é um adulto jovem. Porém, mesmo assim deve-se considerar que em muitos domicílios multigeracionais (59%) os residentes têm baixa renda e baixo nível de escolarização.

Freqüente **m**ente são migrantes rurais vindos do Nordeste (Neri e **D e b**ert, 1995).

Quanto à proporção de chefes de domicílios com 65 **a n o s** e mais, por sexo, os dados do último censo mostram **q u e** das chefias idosas, 66% são exercidas por homens e **44%** por mulheres. Por outro lado, do total de chefes **h o m e n s**, 9,8% são idosos, enquanto do total de chefias **f e m i n i n a s**, as idosas perfazem 22,7%. Quanto à distribuiç **ã o** das chefias segundo classes de rendimento, para cad **a** um dos sexos, os dados mostram que as chefias femininas correspondem aos menores rendiment **o s** (Berquó, 1996).

Há que se considerar que, nas últimas décadas, **v e m** se alterando a longevidade da população brasileira : a expectativa de vida era de cerca de 50 anos em 1950, quando se esperava que somente 35% dos nascituro **s** chegassem aos 60 anos, e saltou, em meados dos anos **80**, para uma proporção de 70% de pessoas com probabili **d a d e** de viver até os 65 anos. Estima-se, para o ano 2005, que a expectativa de vida do brasileiro será de 72 **a n o s** (Neri, 1993). Portanto, os dados traduzem uma tend **ê n c i a** de os idosos viverem por mais tempo, com perd **a** progressiva de independência, fato que pode resultar **e m** uma necessidade ampliada de demandar cuidados **d e** outrem.

Além do esforço elucidativo para aspectos constatados na composição da recente estrutura da população brasileira, enquanto tendência que revigora o peso de idosos mais longevos, há a contribuição de autores no sentido de buscar uma relação causal para o aumento possível dos maus tratos a idosos. Neri e Debert (1995) admitem que a associação entre pobreza, baixo nível educacional e mudanças em valores familiares pode potencializar a probabilidade de ocorrência de maus tratos aos idosos. Entre as mudanças de valores familiares arrolam aquelas causadas pelo processo de urbanização, pelo crescente afluxo de mulheres cada vez mais jovens ao mercado de trabalho, pela taxa decrescente de natalidade, pelas alterações nos padrões de casamento e pelo crescente número de famílias chefiadas por mulheres (apenas 20,3%).

O recorte temático e sociodemográfico adotado no presente estudo torna importante focalizar e descrever o Estado do Paraná. Segundo dados do Censo de 1991, o Estado conta com 8.448.713 habitantes, sendo 577.423 com 60 anos e mais, o que corresponde a 6,83% do conjunto da população. Maringá, local de residência dos sujeitos desta pesquisa, e uma das mais importantes cidades da região Norte Novo do Paraná, registra uma população estimada em 240.292 pessoas, das quais 16.516 são idosos com 60 anos e mais, o que

corresponde a 6,87% da população municipal (IBGE, 1991).

Os referenciais demográficos cristalizados nos últimos censos apontam novos e importantes parâmetros para a consideração da questão da velhice no país. Dentre eles despontam categorias, tais como, o significado da velhice e da dependência na velhice, expectativa de velhice futura e de ser cuidado na velhice, significados do prestar cuidados, características do cuidador, quem deve exercer o cuidado, motivos para exercer o cuidado, padrões de cuidado na família, papéis e tarefas de cuidado. Analisar psicologicamente esses aspectos que dizem respeito, globalmente, a concepções e expectativas de velhice e de cuidado na velhice, é a proposta deste estudo, que tem como horizonte o pressuposto da variabilidade cultural e histórica das concepções que cada sociedade constrói acerca de temas existenciais que lhe são fundamentais.

O b j e t i v o s

*Sacrificavam o presente na
pressa que tinham pelo futuro.
(ACEMA, 1987).*

Um olhar, com foco mais demorado e cuidadoso, centrado em nosso objeto de estudo, torna-se expressamente necessário, face à natureza policromática da história de nipo-brasileiros no Norte do Paraná e, em particular, em Maringá. A presença de isseis e seus descendentes no processo de desbravamento e colonização da região, os modos de organização e manifestação de seus tradicionais valores culturais, através da multiplicidade de formas associativas, merecem análise mais pormenorizada. Da conhecida Cooperativa de Cotia ao Banco Sul Brasileiro, ao longo da trajetória da moderna colonização capitalista do Norte do Paraná, de isseis a sanseis, Maringá tem sido arena da presença nipo-brasileira.

A colonização do Norte do Paraná se dá sob a égide de uma estrutura agrária tida como “democrática”, movida pela ideologia do trabalho e do pioneirismo. É

resultado de uma frente de expansão e ocupação procedente do Estado de São Paulo, que deixara suas marcas no chamado Norte Velho, na virada do século XIX. A partir dos anos 20, através do empreendimento da Companhia de Terras Norte do Paraná, depois denominada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, o processo de ocupação e povoamento percorreu o Norte Novo de Londrina, em direção ao Noroeste do Estado. Na década de 30 registra-se o início da ocupação do Norte Novo de Maringá, de cujo processo resultou a criação do município de Maringá, em 1951 (Stadniky, 1996).

A dinâmica do processo de povoamento se deve às proporções e à rapidez com que contingentes populacionais se dirigiram para a região, que se caracterizou por elevado índice de crescimento demográfico, em particular nos anos 60 e 70. A lavoura cafeeira se expande através da pequena e média propriedades, e a rápida ocupação das terras provoca, portanto, um adensamento populacional, cuja dinâmica imprime traços específicos à cidade, no curtíssimo espaço de três décadas (Stadniky, 1994)

A região assiste à ocupação das terras através, da cafeicultura; à reconcentração fundiária, em função das transformações estruturais na agricultura, seguidas de forte êxodo rural; e à concentração

populacional nos centros urbanos, de modo predominante. Sedimenta-se a idéia de empreendimento pioneiro bem sucedido, de colonização “democrática” e, do sucesso econômico vivenciado na região da qual Maringá é o polo principal (Stadniky, 1996).

A diversificação da economia regional, portanto, é marcada por vigoroso dinamismo, não só em termos de espaço de tempo, mas, também, em termos de atividades. Da lavoura cafeeira à atividade industrial, as perspectivas de acesso à propriedade da terra e a demanda por força de trabalho resultaram em afluxo de migrantes, entre os quais japoneses e seus descendentes, procedentes, em particular, do Estado de São Paulo.

O marco da imigração japonesa no Brasil é 1908, e o período entre 1925 e 1934 corresponde à fase em que o governo oriental passou a estimular a migração para nosso país, sendo então criadas, por ambos os governos, entidades específicas para regulamentar a questão.

Os imigrantes japoneses entraram no país para trabalhar principalmente nas lavouras de café do Estado de São Paulo e, mais tarde, algumas levas deslocaram-se para o norte do Paraná. Entre os fatores que contribuíram para esta migração interna estão, provavelmente, a proximidade com o Estado de São

Paulo e a fertilidade das terras norte-paranaenses. À chegada dos imigrantes japoneses no Norte Novo do Paraná, inegavelmente, se deve grande contribuição, para o processo de colonização da região.

A presença de japoneses no Norte do Paraná é registrada a partir de 1914, em Cambará, no chamado Norte Velho, e, no final dos anos 20, constata-se famílias nipônicas na região de Cornélio Procopio, Assaí e Uraí. A fase mais dinâmica da imigração inaugurou-se em 1925, em cujo contexto se dá a ocupação do Norte Novo, que tem em Londrina o maior número de nipônicos e seus descendentes.

Londrina, inicialmente, e depois Maringá (cujo distrito é fundado em maio de 1947) se tornariam os principais centros de irradiação do povoamento, que englobaria, necessariamente, a presença de nipônicos rumo ao Norte Novíssimo. Os únicos dados disponíveis que registram tal presença são oriundos do Censo da Colônia Japonesa no Brasil, de 1958, proposto pela Comissão de Festejos do quinquagésimo aniversário da imigração. Foi realizado, em comum, pelo IBGE e pela Universidade de Tóquio, responsável pela análise dos dados. Os resultados tornaram-se públicos em 1964, em texto bilingüe, japonês-inglês, contribuição ímpar para estudo pormenorizado dos mais diversos aspectos da

presença japonesa no Brasil (Japão. Universidade de Tóquio, 1964, *Apud* Andrade, 1975).

O Censo da Colônia Japonesa no Brasil, por razões práticas, dividiu o Estado do Paraná em treze grandes regiões, cuja nomenclatura foi emprestada dos nomes das cidades consideradas pólos. Dele podemos extrair dados que imprimem caráter comparativo à concentração nipo-brasileira em Maringá e demais regiões, conforme nos indicam os quadros 1 e 2.

Quadro nº 1

Paraná - Japoneses e descendentes segundo as
regiões - 1958

Região	Total	Geração		Residência		Sexo	
		I	D	U	R	M	F
Londrina	26.847	8.092	18.755	10.921	15.926	13.715	13.130
Maringá	15.533	4.533	10.980	6.712	8.821	7.977	7.556
C. Procópio	8.792	2.591	6.201	1.911	6.881	4.540	4.252
Apucarana	7.029	2.040	4.989	2.868	4.161	3.589	3.440
Paranavaí	5.394	1.611	3.783	1.778	3.616	2.856	2.538
Jacarezinho	3.920	1.259	2.661	1.249	2.671	2.047	1.873
Tomazina	3.380	1.022	2.358	496	2.884	1.639	1.741
Curitiba	1.396	1.747	1.463	1.680	2.259	884	1.396
C. do Oeste	2.695	926	1.769	701	1.994	1.472	1.223
Litoral	1.166	389	777	532	634	601	565
C. Gerais	164	41	123	83	81	106	58
Sudoeste	31	13	18	17	14	19	12
Castro	3	-	3	3	-	3	-
Total	78.097	23.421	54.676	28.951	49.146	40.313	37.784

(I) Imigrantes, (D) Descendentes, (U), Urbana, (R) Rural, (M) Masculino, (F) Feminino.

Fonte: Andrade, João Corrêa de. A Colônia Esperança: O japonês na frente pioneira norte-paranaense, p. 57.

Quadro nº 2

Paraná: Japoneses e descendentes, população urbana e rural - 1958

Região	Total	Geração				Residência			
		I	%	D	%	U	%	R	%
Londrina	26.847	8.092	38,28	18.755	33,49	10.921	38,13	15.926	32,53
Maringá	15.533	4.533	19,43	10.980	21,00	6.712	23,00	8.821	18,00
C.Procópio	8.792	2.591	11,06	6.201	11,34	1.911	10,00	6.881	14,00
Apucarana	7.029	2.040	8,71	4.989	9,12	2.868	6,60	4.161	8,46
Paranavaí	5.394	1.611	6,87	3.783	6,91	1.778	6,10	3.616	7,30
Jacarezinho	3.920	1.259	5,37	2.661	4,80	1.249	5,63	2.671	5,86
Tomazina	3.380	1.022	4,36	2.358	4,30	496	4,30	2.884	5,43
Curitiba	1.396	1.747	4,08	1.463	4,13	1.680	2,40	2.259	4,05
C. do Oeste	2.695	926	3,95	1.769	3,23	701	1,80	1.994	3,00
Litoral	1.166	389	1,66	777	1,42	532	1,70	634	1,20
C. Gerais	164	41	0,17	123	0,22	83	0,28	81	0,15
Sudoeste	31	13	0,05	18	0,03	17	0,05	14	0,02
Castro	3	-	0,01	3	-	3	0,01	-	-
Total	78.097	23.421	100	54.676	100	28.951	100	49.146	100

(I) Imigrantes, (D) Descendentes, (U), Urbana, (R) Rural, (M) Masculino, (F) Feminino.

Fonte: Andrade, João Corrêa de. A Colônia Esperança: O japonês na frente pioneira norte-paranaense, pp. 61-2.

Em 1977, segundo estimativa da Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo, havia cerca de 73.298 isseis (imigrantes japoneses) nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e parte de Minas Gerais (Triângulo Mineiro). Destes, 28.000 (cerca de 38,2%) eram pessoas com 65 anos e mais de idade, e a maior concentração desse contingente issei encontrava-se no estado de São Paulo, com 80,9%, e no Paraná, 15,5% (*Apud* Born, 1986).

Os japoneses e seus descendentes são, no Brasil, cerca de 1 milhão e 200 mil, dos quais 140 mil vivem no Paraná, constituindo a segunda colônia do país (Rezende, 1991). Londrina, juntamente com Curitiba, Assaí, Uraí e Maringá, detêm o maior contingente de japoneses do Estado. Em 1989, Maringá abrigava aproximadamente 12.500 descendentes de japoneses (Tortato, 1989). Após esta data, não há dados estatísticos atualizados em relação ao número de descendentes de nipônicos, porém estima-se em 16 mil, aglutinados em cerca de 4 mil famílias⁴.

⁴ Conforme estimativa do Sr. Kenji Ueta, membro do conselho consultivo da Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA).

Os isseis, que trouxeram consigo para o Estado do Paraná os costumes e a língua, hoje têm entre 65 e 80 anos de idade. Seus descendentes de primeira geração, os niseis, estão entre 40 e 55 anos, e os de segunda geração, os sanseis, na faixa de 18 a 35 anos. A organização da comunidade nipo-brasileira é vislumbrada através de suas associações culturais e esportivas, das escolas de língua japonesa, templos e igrejas, que marcam presença em todo o Norte do Paraná. Em Maringá está edificada a única instituição de amparo aos idosos de origem japonesa e seus descendentes. A Associação Paranaense de Amparo às Pessoas Idosas "*Wajun-kai*", organizada em 1975, é mantida pelas Associações Culturais e Esportivas nipônicas espalhadas pelo Estado, através de doações e de arrecadação em eventos de caráter beneficente, além da contribuição mensal dos fiéis budistas e metodistas da colônia.

A comunidade nipo-brasileira congregava, em 1947, 65 famílias, quando foi criada, em junho, a Associação dos Japoneses de Maringá (*Niponjinkai*), germe da atual Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA). A edificação da sede se deu em terreno doado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e foi inaugurada em 1949. Em 1963 foram inauguradas, nas dependências da sede social, a Escola

de Ensino Primário e a primeira Escola de Língua Japonesa, e dois anos depois foi fundada a Escola Profissionalizante de Segundo Grau - Colégio São José - reconhecida pela Secretaria de Educação do Município e sob administração direta da Associação.

Concomitante à Associação Cultural foi fundada a Sociedade Cultural e Esportiva de Maringá (SOCEMA), dirigida pelos jovens da comunidade, funcionando, ambas, em sede única. Em 1972, as duas entidades foram fundidas sob nova denominação - Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA). Com a presença do príncipe Akihito e da princesa Michiko, então herdeiros da família imperial, em 1978, quando da comemoração dos 70 anos da imigração japonesa no Brasil, foi lançada a pedra fundamental da nova sede da entidade, concluída em 1980.

Maringá e Kakogawa, da província de Kyogo, são co-irmãs desde 1973 e, a partir de então, multiplicaram-se os convênios internacionais. Entre eles, destacam-se os firmados pela ACEMA com a Associação Nipo-Brasileira, para intercâmbio de jovens, e com a Agência Japonesa de Cooperação Internacional (JICA), esta última responsável parcialmente pela construção da Casa do Estudante. Em 1979, Maringá recebeu de sua co-irmã cento e cinquenta mudas de cerejeira, plantadas no Parque do Ingá (um dos parques

localizados no centro da cidade) e nos jardins da ACEMA.

Quando no futuro essas mudas se transformarem em árvores frondosas, certamente a co-irmandade entre as cidades de Kakogawa e de Maringá terá alcançado toda a sua plenitude (ACEMA, 1987).

Por ocasião da comemoração dos 10 anos de irmandade, a ACEMA recebeu do povo de Kakogawa, projetada pelos paisagistas daquela cidade, a planta do jardim oriental, construído na entrada principal da entidade. Há, ainda, no Parque do Ingá, o Recanto Oriental, inaugurado por ocasião da vinda do príncipe Akihito. Tal visita rendeu-lhe significativa homenagem, pois os ipês que florescem nas avenidas centrais da cidade foram denominados, oficialmente, de "Imperiais"

No âmbito do Estado do Paraná, a ACEMA participa da Liga Desportiva Norte-Paranaense e da Aliança Cultural Brasil-Japão do Paraná, entidades que congregam as Associações Culturais e Esportivas do Estado.

Aspecto interessante de ser mencionado é a Associação das Senhoras Nipo-brasileiras de Maringá, a Maringá *Funjikai*, criada em 1954, cujo relacionamento

com a AC IEMA é comparado pelos seus diretores com o convívio familiar, pelo íntimo relacionamento nas atividades entre ambas as entidades. A *Funjikai* preocupa-se em orientar as associadas para artes culinárias, arranjos florais e danças orientais (*odori*), em particular. Mantém em funcionamento cursos de treinamento das jovens niseis e sanseis em dança japonesa e prática de "gateball", em uma congregação que supera a casa de três centenas de senhoras.

A preocupação com práticas congregacionistas se faz presente, também, na *Associação Jitsuguyo Club de Maringá*, fundada em 1960, a fim de reunir empresários nipo-brasileiros radicados na cidade. De início, havia previsão de uma reunião mensal, restrita aos chefes de família, em que seriam discutidos os problemas e os planos ligados aos interesses dos empresários. Porém, gradativamente, a estas reuniões somaram-se outras, juntamente com os familiares, com caráter festivo mensal de conagraçamento. *Jitsuguyo Club* atua, além disso, como entidade de apoio aos eventos de cunho social e filantrópico da comunidade nipo-brasileira. Regularmente, a agremiação convida empresários, autoridades e profissionais liberais, de setores diversos, para proferir palestras sobre saúde, educação, assuntos fiscais, comerciais e esportivos ligados ao cotidiano.

No final do ano, há doações ao Lar dos Idosos do Município de Maringá e ao *Wajun-kai*. Após décadas de trabalho, os associados acreditam que a filosofia dos pioneiros persiste com a mesma intensidade e que, certamente, haverá de continuar por muitos anos (ACEMA, 1987).

O destaque ao aspecto religioso fica por conta da construção do templo *Nippakuji* de Maringá, a partir de um movimento de catequese em São Paulo, datado de 1953. Este movimento tomou como lema da seita *Jodoshu* a orientação religiosa, educação e assistência social. À frente do trabalho de instalação da Diocese de Maringá estiveram os padres Kan Seichó e Lyuun Ikeguchi, e a inauguração se deu em 1983. A seita, embora de início desconhecida entre os nipo-brasileiros locais, tem a raiz dos templos Honganji. A denominação oficial do templo é *Okamotoyama-Lyomeiin-Nippakuji*, que destina suas dependências ao convívio social e atua no campo da orientação religiosa, educação cívica e assistência social. Segundo seu bispo, tem procurado servir como centro de cultura cívico-religiosa para as diferentes gerações de fiéis que o freqüentam. Além deste templo há o Higashi-Honganji, ligado ao budismo.

No elenco de entidades destacam-se, ainda, a *Loosoo-Kai* e a *Min-yo-Kai* de Maringá. A primeira, de

caráter social e recreativo, congrega pessoas nascidas a partir da era *Meiji* (1865), portanto, com a denominação inicial de *Meiji-Kai*, pois o objetivo era reunir pessoas acima de 65 anos. A nova nomenclatura, adotada em 1974, tem por alvo pessoas nascidas na era *Taishō* (1910). O templo *Higashi-Honganji* é palco de reuniões mensais, com o apoio da ACEMA. Entre suas promoções destaca-se o festival *Ohako-taikai* (comemoração do Dia dos Pais). A outra entidade, *Min-yo-kai* (Associação Folclórica de Maringá), foi criada oficialmente em 1969. Além de incentivar a divulgação da canção folclórica japonesa, tem contribuído para a projeção de Maringá, através da participação em festivais nacionais e internacionais consagrados. Além do canto, são divulgados inúmeros instrumentos através da iniciação musical. São conhecidos, entre outros: *taiko* (percussão), *fué* e *shakuhati* (sopro), *shamisen* (corda). Destaque musical, *Shiguim* é o canto épico dos samurais. Juntamente com o *Haikai*, faz parte da cultura japonesa há séculos. *Seiry-Kai* é uma das correntes do *Shiguim*, e, com o propósito de promover sua prática e divulgação, foi criada a *Shiguim-kai* de Maringá, que congrega mais de 50 associados e mantém a tradicional reunião mensal.

Segundo os adeptos, o *Haikai* atua como terapia ocupacional, reduzindo a incidência de

senilidade precoce e da solidão que acometem os idosos. Os Haikaístas de Maringá, discípulos do mestre Nempuku Sato, organizados em associação desde 1953, têm seus trabalhos publicados no periódico *Kokague* e no *São Paulo Shimbun*, tornando a entidade representativa em todo o Estado. Anualmente, Maringá sedia o Encontro Regional dos Haikaístas, com a presença marcante de Nempuku Sato. Embora com número reduzido, pela morte dos mais antigos, os associados reúnem-se, semanalmente, nas dependências do templo *Higashi Honganji*, e dizem esperar que a segunda e a terceira gerações despertem para esta arte da cultura japonesa.

Ao longo de quase cinco décadas de história de Maringá a comunidade nipo-brasileira tem-se dedicado não só a atividades da agricultura, indústria e comércio, mas vem se destacando no campo artístico com pintores, escultores, artesãos de cerâmica, arranjos florais (*ikebana*), etc. Entretanto, entre os traços mais vivos das tradições culturais japonesas está a cerimônia do chá, assegurada graças à Associação do Cerimonial do Chá, fundada em 1975, com o apoio das senhoras da igreja *Seicho-No-Iê*. Desde os anos 80, os ensaios vêm se realizando na Escola Luz e Amor (*Aikó-En*), onde são oferecidos cursos anuais regulares. Em 1983 foi constituído, oficialmente, o Departamento de Artes

Florais e Cerimonial do Chá da Associação Cultural e Esportiva de Maringá, cujo representante é delegado junto à Associação Central. De caráter complementar, a arte de arranjos florais em vasos está presente através da Associação de Artes Florais de Maringá, fundada em 1963, oficializada como regional da Escola *Ikenoboo*, setor América do Sul, pela entidade sediada em São Paulo. É reconhecida enquanto regional paranaense, desde 1987.

Oficialmente, o Movimento *Seicho-No-Iê* teve início, em Maringá, em 1952, com a Associação *Sooai-Kai*, que congregava senhores com idade superior a 50 anos. Posteriormente, foi fundada a *Soonen-Kai*, que congrega senhores com idade inferior a 50 anos. Em 1955, foi constituída a 1ª diretoria da Associação *Shirohato-Kai* (Senhoras Pombas Brancas) e, em seguida, criou-se a Associação *Wakahato-Kai*, que reúne as senhoras com idade inferior a 50 anos. Ainda em 1955 foi constituída a Associação *Seinen-Kai*, dos jovens de ambos os sexos. Apenas em 1977 foi fundada uma Associação de Divulgação em Português, com senhores e senhoras adeptas do *Seicho-No-Iê*. Em seguida, foi desmembrada em *Sooai em Português* (senhores) e *Shirohato em Português* (senhoras).

Nas atividades desportivas, além dos tradicionais baseball e tênis de mesa, há destaque para

O “softball” e o “gateball”, esta última introduzida no Brasil em 1983 pelo padre Yomei Sassaki, da Igreja Jodoshu, destinada especialmente aos sexagenários.

Afirmava Noboru Yamamoto, por ocasião do 40º aniversário da ACEMA:

Não poderia deixar de ressaltar a filosofia de vida que norteia os japoneses, mola propulsora pelo seu modo de agir, sentido de vida que imprimem e exemplo de dedicação constante na defesa do progresso, de forma a assegurar o futuro certo e seguro de nossa comunidade.

Nessas quatro décadas, a comunidade nipo-brasileira, através da ACEMA, vem promovendo a preservação e o desenvolvimento dos valores permanentes, tais como: culturais, sociais e esportivos”, dizia Omero Oguido. Não há dúvida nenhuma que a comemoração dos 40 anos de fundação constitui um marco importante na colonização japonesa no Norte do Paraná, acrescentava. Na sua opinião, as duas comunidades encontram-se perfeitamente aculturadas (ACEMA, 1987).

Os próceres têm consciência da fase de transição da liderança dos pioneiros isseis para os

niseis e sanseis. É uma tendência natural que o tempo impõe sobre tudo que se passa na sociedade. Gradativamente a liderança jovem toma posições para substituir os isseis. No entanto, percebe-se, a cada passo dado, a importância da participação dos pioneiros, aliando-se a experiência dos veteranos à pujança dos jovens. Outra manifestação mais incisiva expressa que:

esta convivência de gerações ainda terá um longo curso para consolidar profundamente a base de uma comunidade, firmada sobre a tradição milenar trazida do país de origem e polida e moldada na vivência sob uma nova nacionalidade a que se integrou ao longo dos anos (ACEMA, 1987, p.21).

Esta visão caleidoscópica da presença nipônica em Maringá, sensível às múltiplas possibilidades de mudanças nas relações intergeracionais, não só revela a relevância e a pertinência da temática proposta, mas sobretudo põe em destaque o objeto de estudo que ganha sentido a partir da historicidade dos sujeitos, e explicita suas estratégias organizacionais. Como já foi observado, os laços de solidariedade, edificados na convivência com parentes e conterrâneos, têm papel importante na reelaboração da identidade étnica do grupo e na organização comunitária. A ênfase neste aspecto

pretende ser elo entre os referenciais e os objetivos aqui propostos.

Analisar a expectativa de cuidar e ser cuidado na velhice de três grupos etários (idosos, meia-idade e jovens) pertencentes a uma população de imigrantes japoneses e seus descendentes, radicados em Maringá, a partir de uma perspectiva comparada, é nosso objetivo. A proposta concebe, portanto, a questão do cuidado na dupla perspectiva dos sujeitos: enquanto prestadores e receptores de cuidado. A este objetivo primeiro acrescentou-se o estudo da concepção de velhice no horizonte das três gerações, tema emergente das entrevistas, de forma a se constituir em categoria condutora de nossas análises.

A proposta metodológica norteou-se no sentido de viabilizar um estudo comparativo com três grupos etários (idosos, adultos maduros e jovens), cuja demanda comportou coleta de dados por meio de entrevistas e análise qualitativa dos dados (análise de conteúdo).

A opção por uma metodologia qualitativa de pesquisa se deu em função da natureza de seu objetivo e do significado do conhecimento por ela gerado. Segundo Denzin e Lincoln (1994), a pesquisa qualitativa envolve um modo interpretativo e naturalístico de tratar seu objeto, porque o estuda no seu ambiente natural, tentando compreender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas estudadas atribuem a eles. Assim sendo, a compreensão do real é sempre uma interpretação que acaba por se tornar uma realidade para o investigador, que o analisa segundo seus limites, posição de classe e horizonte intelectual.

Na presente pesquisa, procuramos saber como estes sujeitos elaboram suas concepções acerca da velhice e do cuidado e, igualmente, quais são suas

crenças e expectativas quanto a cuidar e ser cuidado na velhice. A variabilidade cultural e histórica das concepções dadas em sociedade, no processo de elaboração e construção da velhice, é um pressuposto presente e inerente em nosso trabalho.

Os sujeitos são considerados representantes dos imigrantes japoneses e de seus descendentes, no Brasil. Como não foram selecionados por critério de sorteio, de modo aleatório, os resultados não poderão ser generalizados para a totalidade da população que se define como nipo-brasileira em Maringá, e, muito menos, em todo o Brasil.

1 - Sujeitos

Optamos por coletar dados somente de indivíduos do sexo masculino. Esta escolha se deu por duas razões. Em primeiro lugar, em função da orientação de pessoas de origem japonesa, no sentido de que seria melhor discutir este assunto com o chefe da família e responsável pelo cuidado prestado aos idosos nas famílias. Em segundo, porque havia interesse em entrevistar monges da igreja budista, cuja função no grupo é a de transmitir os valores tradicionais japoneses.

Com a mediação do Instituto de Estudos Japoneses da Universidade Estadual de Maringá foi possível contatar um dos líderes da Comunidade nipo-brasileira no município, também conselheiro da Associação Cultural Esportiva de Maringá, que congrega aproximadamente 8.000 filiados japoneses e/ou descendentes. Após os esclarecimentos sobre o objetivo da pesquisa e sobre a população-alvo com que queríamos trabalhar, ou seja, homens idosos; homens de meia-idade reconhecidos como responsáveis por pais

idosos, **o u** responsáveis, em potencial; líderes religiosos e jovens **do** sexo masculino, ele se prontificou a nos indicar **p e**ssos pertencentes aos dois primeiros grupos (idosos **e** de meia-idade). Forneceu-nos uma lista com quinze **n o**mes de "isseis" e dez de "niseis" que cumpriam as condições estipuladas para a pesquisa.

De posse dessa lista, passamos a fazer contato **t e**lefônico com os sujeitos indicados, explicando o objetivo da pesquisa e sondando se aceitariam participar. Caso aceitassem, eram combinados o local e o horário **d a**s entrevistas.

Alguns não aceitaram, apresentando os seguintes motivos: em relação aos "isseis" (imigrantes japoneses), dois alegaram que não tinham tempo para essas **c o**isas; quatro, que não falavam a língua portuguesa **o** suficiente para a realização das entrevistas; e um, que não se encontrava em condições para **r e**sponder sobre este assunto. Restaram, portanto, oito voluntários isseis.

Em relação aos "niseis", apenas dois elementos da lista não aceitaram participar, porque iriam **v i**ajar para o Japão. Restaram, também, oito participantes no grupo.

Quanto à procura por jovens "sanseis", entramos em contato com a coordenação do Instituto de

Estudos Japoneses da Universidade Estadual de Maringá, que indicou quatro nomes de discentes. Foi feito **cont**ato, também, com a Diretoria de Assuntos Acadê**m**icos da Universidade Estadual de Maringá, para detectar **o** curso de maior concentração de jovens descend**en**tes de japoneses. O Departamento de Informáti**c**a, por oferecer curso cuja opção registra 33% de acadê**m**icos sanseis, foi contatado e consultado sobre o in**ter**esse de participação. O objetivo do projeto foi explic**ad**o e a chefia do Departamento prontificou-se, imedi**at**amente, a conversar com os alunos para relacionar os que se dispusessem a colaborar. A partir desse **co**ntato, onze alunos se prontificaram, resultand**o**, portanto, quinze voluntários, ao todo.

Foram feitos contatos verbais com os "sanseis" **p**ara explicitar, detalhadamente, o objetivo, o mérito e **a** relevância do estudo, ocasião em que se procedeu à determinação de local e horário para a realizaç**ão** das entrevistas. Vale salientar que, neste grupo etá**ri**o, todos os quinze voluntários participaram, manifestand**o** um interesse muito grande.

Serviram, então, como sujeitos do grupo de idosos, **o**ito imigrantes japoneses, "isseis", casados, morando com suas esposas, todos saudáveis, independentes e ativos. A média de idade é de 68 anos, com variaç**ão** entre 61 e 78 anos. Todos são

empresários, com alto nível de renda, e grau de escolaridade variando de primário incompleto ao segundo grau completo.

Quanto ao grupo de meia-idade, serviram como informantes oito homens descendentes de imigrantes japoneses, "niseis", casados, que moram com suas esposas. A média de idade deste grupo é de 42 anos, com variação entre 40 e 52 anos. Destes, dois são líderes religiosos e seis são cuidadores de idosos dependentes. Dos seis cuidadores, quatro são responsáveis pelos cuidados de seus pais há aproximadamente um ano e meio; um, há dois anos; e o outro, há quatro anos. Todos exercem atividades como ir ao banco, cuidar dos negócios, caminhar com o idoso e levá-lo ao médico. Destes, apenas um esporadicamente exerce atividades do dia-a-dia, como ajudar no banho e na alimentação. Este grupo etário é formado por empresários e profissionais liberais, de renda média e alta, com nível de escolaridade variando de segundo grau completo a nível superior completo.

O grupo de jovens "sanseis", constituído de 15 voluntários universitários, solteiros, descendentes da primeira geração nascida no Brasil, de renda média e alta, registrou uma média de idade de 22 anos, com variação entre 20 e 27 anos. Do total de sujeitos, doze são acadêmicos do curso de Informática, um de

Engenharia Civil, um de Engenharia Química e um de Direito, da Universidade Estadual de Maringá. Cinco entrevistados já haviam trabalhado e morado no Japão, sós ou com seus familiares, por um período de um ano e meio a dois anos. Sete já tinham tido a experiência de conviver com os avós dependentes, em suas casas.

2 - Procedimento

O levantamento de dados comportou a utilização de roteiros para entrevistas semi-estruturadas. A definição dos itens foi realizada a partir da literatura e de observações junto à comunidade nipônica, o que resultou em três roteiros distintos e específicos. O primeiro, destinado aos "isseis", contempla quinze questões, que cobrem os seguintes assuntos:

- 1) características pessoais do entrevistado;
- 2) concepção de velhice;
- 3) concepção de dependência na velhice;
- 4) concepção de cuidar e ser cuidado na velhice;
- 5) concepção da influência dos valores culturais em relação ao cuidado;
- 6) expectativas sobre a própria velhice, a dos filhos e a de suas respectivas famílias (Anexo I).

O segundo, destinado aos "niseis", contém dezenove questões, sendo quatorze relativas aos mesmos assuntos do primeiro instrumento e cinco relativas à avaliação quanto ao desempenho nas tarefas de cuidar do idoso (Anexo II).

O terceiro, destinado aos "sanseis", contém as mesmas questões do grupo de meia-idade, exceto as relativas à avaliação quanto ao desempenho nas tarefas de cuidar do idoso (Anexo III).

Após a elaboração, os três roteiros foram testados junto a um grupo de quatro colaboradores descendentes de japoneses, com o objetivo de verificar a clareza e a adequação da linguagem.

As entrevistas dos grupos de idosos e de meia-idade tiveram duração média de uma hora e quinze minutos; foram realizadas nas residências dos sujeitos ou nos locais de trabalho, sempre na cidade de Maringá, de acordo com a escolha dos próprios inquiridos, em função da facilidade de acesso e da economia de tempo. Das dezesseis entrevistas realizadas com estes dois grupos etários, duas contaram com intérpretes.

As entrevistas do grupo de jovens tiveram duração média de uma hora e trinta minutos. Quatro delas foram realizadas nas dependências do aludido Instituto de Estudos Japoneses, e as onze restantes em

espaço a **P**ropriado do Departamento de Informática, ambos ór **g**ãos da Universidade Estadual de Maringá. Estes loca **i**s foram privilegiados pelos próprios sujeitos, por sere **m** espaços onde desenvolvem atividades acadêmic **a**s diárias.

A totalidade do material compreendeu os roteiros **a**cima mencionados, mais um gravador e vinte e oito fitas **C**assetes de noventa minutos.

R e s u l t a d o s e d i s c u s s ã o

A análise de dados envolveu inicialmente a transcrição das entrevistas. A totalidade das emissões dos sujeitos foi organizada levando-se em conta o tipo de pergunta e a natureza das respostas, o que resultou em protocolos de respostas verbais para os três diferentes grupos etários.

O procedimento seguinte foi a exploração do material com vistas a detectar núcleos temáticos referentes às respostas dos sujeitos. Os temas foram reunidos e organizados em relação a cada grupo etário e, num segundo momento, confrontados entre si e na relação com os grupos investigados.

Após esta fase, procuramos compreender os destaques temáticos a partir do significado central dos depoimentos, o que nos conduziu à organização de núcleos temáticos apropriados como referência para a análise qualitativa pretendida, de acordo com os objetivos e a fundamentação teórica propostos.

O critério analítico e interpretativo adotado objetiva dar conta dos conteúdos convergentes e divergentes das verbalizações apresentadas pelos sujeitos, das semelhanças de pontos de vista e de formulações, das concepções dos temas propostos, das diferenças de abordagens nos problemas colocados, dos aspectos afirmativos ou negativos de vivências

individuais e em grupo, das expectativas individuais, grupais e intergrupais, tomados como elementos indicadores para a interpretação do conteúdo dos núcleos temáticos.

Assim, o resultado da análise fez emergir estes núcleos ou categorias temáticas, que aglutinaram sub-temas, os quais, em conjunto, constituem-se indicadores do modo como os idosos, adultos maduros e jovens investigados vivem e pensam o cuidar e ser cuidado na velhice. Deste modo, os resultados e sua discussão se apresentam a partir dos seguintes núcleos temáticos: Concepção de velhice, que engloba construções e perspectivas de “minha velhice” e “velhice do outro”, dependência e expectativa de cuidado, cuidar e ser cuidado e, finalmente, influências sócio-culturais no cuidado.

1. Em torno da velhice: concepções e perspectivas comparadas

...O ideograma japonês(λ) retrata bastante esse aspecto, a própria letra que escreve pessoa idosa... uma pessoa já envergada e que muitas vezes tem que usar... bengala, então, é uma pessoa curvada pelo tempo e pela experiência. (Um dos niseis entrevistados)

A busca do significado da velhice e seu processo de elaboração são objetivos aqui propostos, no sentido de compreender, comparativamente, as nunes conceituais de cada elaboração formulada pelos sujeitos da pesquisa. O pressuposto norteador é o de que a velhice tem múltiplos significados, contextualizados por fatores individuais, interindividuais, grupais e socioculturais. Além de esses fatores desempenharem um papel fundamental na atribuição dos significados, no entendimento de Neri (1991), eles orientam e legitimam determinadas práticas e atitudes em relação à velhice.

A velhice, em geral, pode ser pensada de forma diametralmente oposta. Uma delas, de modo

negativo, como um período dramático marcado por solidão, desamparo e enfermidades, elementos limitadores do vigor e da atividade física. A outra, de modo positivo, ou seja, relacionada às vantagens do envelhecimento. Neste caso, a velhice retrata um período de abundância de experiência pessoal, sabedoria, serenidade, responsabilidade, realização e profundidade das emoções elaboradas.

A partir dos dados desta pesquisa, a concepção da velhice e as relações que a envolvem podem ser observadas nas reflexões dos sujeitos, que levam em conta a perspectiva do seu grupo etário.

Embora os três grupos não compartilhassem uma concepção única de velhice, constatamos que há muito mais proximidade do que divergências entre os significados por eles elaborados. Como veremos, os jovens apresentam as respostas mais diferenciadas.

Todos os idosos entrevistados têm uma concepção positiva da velhice. É importante ressaltar que, para eles, a velhice é marcada pela continuidade do desenvolvimento intelectual, racional e prático da vida, manifesta pela sabedoria, experiência de vida, consciência das próprias realizações, perspectiva positiva de vida, atributos estes que podem garantir o respeito devido aos idosos. Sua concepção de velhice

sustenta-se na compreensão de que ela é uma fase do curso de vida que não determina necessariamente a interrupção de ações e relações, nem a estagnação nas lembranças do passado, ou a negação das perspectivas de futuro. Ou seja, eles continuam se sentindo participantes de uma sociedade, de um espaço que lhes possibilita uma existência digna, a partir de uma atitude valorativa em relação ao passado, assim expressa:

... olhar para trás e ver quantas coisas boas nós já fizemos.

... é sentir que podemos ensinar muitas coisas aos jovens, no qual a gente olha para trás e vê quanta coisa a gente fez. Nessa idade a gente consegue compreender o que foi errado e o que não foi, e aí a gente quer deixar só aquilo que foi bom para os filhos e netos.

... é viver com a mente repleta de alegria, esperança, gratidão e viver intensamente seus dias.

... a pessoa só se sente velha quando ela não tem mais planos para a vida.

Fica evidenciado que, para os idosos entrevistados, a velhice é, então, uma fase na qual os indivíduos nutrem a expectativa de manutenção da força e do vigor para transmitir o conhecimento, para dar

continuidade às relações de troca e para se sentirem valorizados enquanto pessoas, tanto nos seus vínculos sociais quanto afetivos.

Essa interação social parece, assim, ser condição de sucesso na adaptação destes idosos. E isso não só porque, certamente, lhes proporciona mais oportunidades de gratificação, mas sobretudo porque contribui para que mantenham a auto-estima, condição fundamental para que haja satisfação no ato de viver.

A tônica das formulações verbalizadas revela uma aceitação do próprio curso de vida como algo único e altamente pessoal. A integridade, tal como proposta na teoria eriksoniana, se consubstancia na formação de conceito sobre a morte, senso de ordem e sentimento espiritual do mundo e da existência. Ela é impressa a partir da habilidade do indivíduo em integrar sua história passada às circunstâncias, bem como em sentir-se satisfeito com o resultado avaliado (Erikson, 1950 e 1960).

A postura crítica do idoso em relação ao passado, enfatizada nas verbalizações de tais sujeitos, ratifica uma atitude demonstrada por Neri em relação à tarefa evolutiva central da velhice, prescrita como redefinição da identidade face a determinadas perdas e alterações próprias deste estágio de vida. Residiriam

elas nos domínios biológico, psicológico e social, derivadas da debilitação orgânica e da maior propensão a enfermidades, da aposentadoria, da perda de amigos e do cônjuge, e da saída dos filhos de casa. Enfim, para a autora, o velho, após o cumprimento de suas tarefas de adulto, deve elaborar uma avaliação de sua trajetória, bem como, deve ser capaz de adequar-se a novos papéis sociais e familiares propostos, assumir seu passado e o de sua geração, e formar ou rever sua perspectiva pessoal quanto à existência e ao seu término (Neri:1991, pp. 90-1).

A geratividade, também presente de forma expressa nas verbalizações dos idosos, manifesta-se pela preocupação em "passar o bastão para a geração seguinte", configurada na salvaguarda de um modelo que deve ser reproduzido pelos pósteros. Evidencia-se, nesta formulação, a presença de um ingrediente genuinamente eriksoniano, qual seja o da identificação maior do indivíduo com o bem da sociedade como um todo, em detrimento dos objetivos e ambições pessoais, através de uma atitude altruísta diante do mundo.

As oportunidades sociais essenciais para que o idoso possa experienciar grande geratividade nas relações cotidianas com pessoas de todas as idades estão, na velhice, através do exercício de papéis reservados ao pai idoso, avô, velho, amigo, consultor,

conselheiro e mentor. A capacidade para grande geratividade incorpora sobretudo o cuidado com o presente às preocupações com o porvir das gerações futuras, bem como com a sobrevivência do mundo enquanto um todo (Erikson *et al*, 1986). As construções tecidas pelos idosos estampam estes elementos, e o resultado final contém, muito mais, este entrelaçamento em forma de conclusão linear do que, propriamente, de trama.

Curiosamente, de todos os idosos entrevistados apenas um assume a velhice como uma fase objetivada no presente; desvestida, portanto, da perspectiva de velhice como algo a “vir a ser” vivido:

Bem, já sou velho, não é? Já comecei a parar de fazer algumas coisas ... como dirigir, trabalhar ... tenho investido em leituras ... "gateball"... tomar vinho. Me sinto assim, porque não tenho mais preocupação e estou realizado.

Este idoso revela ter consciência de que a velhice se caracteriza por determinados tipos de perdas, mas que estas não são geradoras de incapacidades, o que, de certa forma, lhe possibilita desenvolver suas potencialidades intelectuais, e mesmo físicas, que lhe permitem viver de modo satisfatório. Embora singular, o exemplo comporta o que Neri (1993) denomina de

“delicado equilíbrio” entre as limitações e as potencialidades do indivíduo, o que possibilitará ao idoso lidar com as perdas inevitáveis do envelhecimento, ainda que com diferentes graus de eficácia.

A dedicação deste idoso às atividades de lazer comunica-lhe o senso de participação e, de certo modo, representa um novo desafio e uma nova motivação para a vida. A regularidade da prática de uma certa atividade acaba por emprestar significado e satisfação à existência, não apenas pelo compromisso e pela responsabilidade social nela implícitos, mas, em especial, por assegurar o convívio social, conforme nos salienta Deps (1993).

Os demais idosos, ao projetarem a velhice para o futuro, fazem-no com uma perspectiva positiva e definem, assim, o modo como a compreendem. Referem-se à manutenção e à esperança de melhoria em suas características psicológicas, aos sentimentos de bem-estar nas relações familiares, de saúde e tranquilidade.

O envelhecimento bem sucedido, na perspectiva de Neri (1993), vai além de constituir-se em privilégio ou direito. Para aqueles que lidam efetivamente com as mudanças que acompanham o tornar-se velho, ele se torna também um objetivo, uma condição palpável. Entre os elementos arrolados pela autora como

determinantes ou indicadores de bem-estar na velhice estão: longevidade, saúde biológica e mental, controle e eficácia cognitiva, competência social, produtividade, atividade e satisfação, renda e *status* social, com ênfase na continuidade de papéis familiares, ocupacionais e de relações informais em grupos primários, principalmente no círculo de amigos.

Com relação à explicitação da perspectiva da velhice que terão as gerações mais jovens, a maioria dos idosos (sete) concebeu-a como algo não muito bom. Isto é justificado pela redução do número de filhos, pelas mudanças nas regras sociais que determinam as ações de cuidar, e que acabam por gerar mais preocupações para o futuro velho. Tal formulação é esboçada, ainda que implicitamente admitam que a mudança dos princípios familiares e de educação ocorra lentamente. Como exceção, apenas um considera que a velhice de seus filhos e dos jovens de nossos dias será melhor, em razão de possível estabilidade financeira. Isto se faz presente nas seguintes manifestações:

A velhice deles vai ser diferente porque eles terão menos filhos ... para cuidar dos negócios ... para cuidar deles ... vai mudar um pouco mas não vai ser tão de repente ... estes princípios não acabam com cem ou duzentos anos.

Acho que vai ser bem diferente, porque tudo muda, mas alguns princípios de educação podem não mudar tão rápido assim.

Vai ser bem diferente acho que eles se preocuparão mais na velhice do que nós.

... a velhice deles será um pouco diferente da minha ... o mundo estará diferente na maneira de agir e de passar ... será mais difícil que a velhice de hoje.

Eles terão mais preocupações porque o mundo estará mais diferente.

... eles estarão mais estabilizados financeiramente. Porque nós, imigrantes, tivemos que construir isso aqui com muito sacrifício.

Apesar de os idosos considerarem que o futuro de seus filhos será diferente, alguns deles (dois) enfatizaram que a qualidade de vida na velhice estará diretamente relacionada ao nível de solidariedade, de educação e de afeto existente nas relações familiares:

Tudo depende da educação que eles darão a seus filhos. Se forem carinhosos com seus filhos não terão, portanto, uma velhice ruim ... se não souberem educar bem seus filhos poderão acabar sozinhos.

Acho que dependerá da solidariedade que vão cultivar nas suas famílias para que tenham sua velhice garantida.

Esta projeção pessimista da velhice das futuras gerações está relacionada à preocupação do exercício do cuidado para com o idoso no âmbito da família. Teme-se que a prática do cuidado não se efetive prioritariamente no reduto familiar. Nesse sentido, a educação familiar, com ênfase nas relações afetivas pai/filho e nos valores morais de solidariedade, adquire dimensão em termos substantivos e é adjetivada como extremamente importante. Para os idosos, a família converte-se em fonte de lealdade e de compromissos.

Concepções semelhantes foram elaboradas pelos adultos que entendem a velhice enquanto fase nutrida pelo respeito aos idosos, em função da sabedoria, experiência de vida, trabalho e realização pessoal, bem como da transmissão de conhecimentos para as demais gerações. Segundo esta ênfase,

a velhice seria o coroamento de uma vida... de trabalho e de realizações.

Devemos ter sempre como parâmetro as pessoas idosas, pela sua experiência, e devemos ficar bastante atentos para tirar a

essência das coisas boas que eles nos trazem e ensinam.

... fase da sabedoria da vida. ... O velho pode nos ensinar. Nós temos muito o que aprender com eles.

Estes adultos reconhecem, assim, o valor da experiência que os idosos acumularam, bem como pontuam que eles podem servir de fonte de inspiração e orientação para as gerações mais jovens. Em contrapartida, na concepção de Neugarten (1979), o significado deste reconhecimento está presente na sensação que o idoso nutre, ou seja, de que na velhice converteu-se em pessoa possuidora e conservadora das verdades eternas.

Quanto à perspectiva da própria velhice, os adultos têm expectativas relacionadas não só à saúde, em geral, e aos aspectos psicológicos, mas também ao domínio cognitivo e à dinâmica de personalidade. Elas se prendem, ainda, ao processo natural da vida, que desencadeia transformações. Os adultos almejam *estar saudáveis, continuar com esse espírito jovem, ter conhecimento sobre a vida e vivê-la intensamente, ou seja, dia a dia. Desejam ter muito mais experiência do que hoje, e ainda consideram que a velhice, se encarada dentro do ciclo natural da vida, será boa.*

Na realidade, objetiva-se aqui a idealização entre os adultos de que a sabedoria, a experiência de vida, o senso de realizações, a crença na significação da vida são, de fato, os ingredientes da integridade psicológica na velhice. Esta constatação ratifica a formulação de Erikson *et al* (1986), no sentido de que aqueles ingredientes podem ser estimulados e idealizados por outras gerações. Igualmente, pesquisas citadas por Baltes e Smith (1995) apóiam a expectativa de que os indivíduos, quando questionados sobre a natureza do desenvolvimento ao longo da vida, tendem a identificar a sabedoria como um objetivo da velhice.

A maioria dos adultos (seis), tal como os idosos, considera que mudanças trarão conseqüências negativas para a velhice dos jovens, e alguns deles (três) relacionaram essas conseqüências ao cuidado que desfrutarão na sua velhice, devido à alteração da estrutura e da dinâmica familiar, bem como dos tradicionais valores japoneses. Algumas manifestações mais significativas:

Acho que vai mudar bastante. Não seremos tão cuidados como estão sendo nossos pais...

Acho que terão menos apoio dos filhos.

Acho que envelhecerão com menos pessoas na família, o que pode dificultar o cuidado com os pais idosos.

Não consigo imaginar, mas provavelmente os valores já tenham mudado bastante até lá.

O sentido de continuidade de perspectiva de vida se faz presente também na concepção que os jovens elaboram da velhice. Para a metade dos jovens entrevistados, a velhice é uma etapa da vida que se caracteriza pela oportunidade de pensar e desenvolver ações voltadas ao crescimento pessoal, propiciando, dessa forma, novas realizações. Vale ressaltar que, destes sujeitos, quatro associam a velhice ao descanso, o que possibilita encontrar um novo significado para a existência. Fiel às suas palavras, a velhice é:

... uma fase de descanso após ter realizado tudo o que você já realizou na vida, de produtivo em termos de profissão ... mas em termos de vida você ainda continua realizando coisas.

... uma fase de descanso que você pode receber por aquilo que você batalhou, ou quem sabe continua ainda batalhando.

... uma continuidade, algo que tem que ser vivido, que tem que ser aproveitado.

... uma fase de descanso ... fase de fazer coisas que não puderam ser feitas antes em função do trabalho e da família. Então é a hora de se aproveitar.

... uma época de descanso, de conviver mais com a família...

Ao atribuir tais significados à velhice, os jovens exteriorizaram, em suas manifestações, uma noção de continuidade e de auto-realização, em relação a questões de desenvolvimento. Tal elaboração converge para as concepções de Erikson (1968), pois a atribuição, pelos jovens, de tais características psicológicas a esta etapa da vida relaciona-se às metas de desenvolvimento a serem por eles atingidas na velhice.

Apesar de os três grupos entrevistados apresentarem concepções positivas da velhice, são os jovens os que as formulam de maneira mais idealizada, talvez pelo fato de a velhice se colocar enquanto perspectiva longínqua. *O idoso é, então, aquele que pode transmitir conhecimentos, que tem muito a dizer, tem histórias para contar, pode dar conselhos, tem muito a ensinar. A velhice é o estágio em que a pessoa já viveu tudo, tem o conhecimento, por isso pode falar coisas que você ainda não viu; ... só os velhos é que podem*

orientar os jovens ... assim os jovens aprendem e evoluem mais rápido.

As concepções formuladas por estes jovens sobre a velhice vão ao encontro da asserção de McAdams, Aubin e Logan (1993) acerca da geratividade. Concebem que, apenas através da geratividade, a vida dos adultos e dos velhos se torna significativamente integrada às instituições sociais modernas e aos esforços sociais planejados, que visam assegurar a continuidade de coisas consideradas "boas" (ou que vale a pena serem preservadas) de uma geração, cujo objetivo, por extensão, é a melhoria do mundo para as gerações vindouras.

A expressão de um adulto maduro sintetiza o significado comum da velhice emitido pelos três grupos etários, evidencia a riqueza de uma cultura que simboliza, no seu código de linguagem, o sentido comum da velhice:

... etimologicamente falando, o ideograma Japonês retrata bastante esse aspecto, a própria letra que escreve "pessoa idosa" (λ) se caracteriza por ser uma pessoa já "envergada" e que muitas vezes tem que usar aquela bengala, então, é uma pessoa curvada pelo tempo e pela experiência.

O poder do idoso, emanado da experiência de vida, é um atributo valorizado pelos três grupos etários investigados. Tal reconhecimento ratifica aquilo que Donow (1990) acentua em relação à estrutura tradicional da família nipônica. Ou seja, que ela confere ao idoso, enquanto figura central na hierarquia da família patriarcal, poder, prestígio e respeito.

Como foi acentuado, o respeito e a reverência aos idosos têm raízes profundas em sentimentos de família que têm como base o princípio da reciprocidade nas relações familiares. Eles parecem estar ainda bem presentes no nível das formulações dos sujeitos das novas gerações.

Os jovens, ao explicitarem suas concepções de velhice, introduzem um outro elemento: o sócio-cultural. Desenvolvem, assim, uma visão crítica do tratamento dispensado ao idoso pela sociedade, que, segundo eles, não assimila o significado natural da velhice. Mais da metade dos jovens (oito) ressaltou que, além da sociedade ocidental não conceber o envelhecimento enquanto etapa produtiva, não valoriza os idosos e nem lhes oferece oportunidade de formulação de novos projetos ou de retomada de sonhos antigos. Além disso, dizem que ela não é capaz de proporcionar ao idoso uma aposentadoria digna. São enfáticos ao assinalar que ela carrega no seu bojo uma visão

pejorativa da pessoa que envelhece, concebida com objeto usado e descartável.

Assim, no juízo destes,

... o idoso é muito desconsiderado (...) sofre muita discriminação.

... na velhice as pessoas não são tratadas como deveriam ser ... os valores da sociedade brasileira não são tão fortes quanto os da cultura japonesa quanto a isso.

... a sociedade sempre deixa de lado o velho. A sociedade vê a velhice como um período de invalidez (...) tem algumas pessoas que se esquecem do velho, tanto é que o asilo está cheio.

Os jovens, portanto, insistem em acentuar as diferenças culturais, criticando o que é nativo e afirmando seu etnocentrismo. Tais excertos, de modo geral, convergem para algumas inferências do trabalho de Sakurai (1993) na análise de romances japoneses. A autora afirma que a diferenciação que os japoneses querem marcar em relação à sociedade brasileira é nítida. Ou seja, a mensagem principal desses romances é a de que os japoneses no Brasil são diferentes, ou até superiores, tanto porque souberam superar as dificuldades da nova terra, como também porque

conseguiram manter no Brasil a idéia de um povo probo, orgulhoso de suas tradições e de sua cultura.

Além disso, os jovens entrevistados têm uma visão estereotipada do que identificam como sociedade ocidental, quando mencionam as atitudes preconceituosas da sociedade em relação às pessoas idosas. Entretanto, Neri (1991) ressalva que os estereótipos da velhice e as experiências individuais de desrespeito, negligência ou abandono, vivenciadas por muitos velhos, em muitas sociedades, embora basicamente associadas ao baixo *status* do grupo etário, não devem ser consideradas idênticas às características de *status* do grupo como um todo, e de forma indiscriminada, em todas as sociedades.

Estes jovens se posicionam, como se a reivindicar, na defesa da manutenção das tradições, conforme se constata nas palavras de um dos entrevistados:

... eu não aceito, em hipótese alguma, dispensar o idoso como acontece na sociedade ocidental ... a gente abandoná-lo no final de sua vida.

No entendimento de Keith (1992), o tratamento respeitoso aos idosos tornou-se uma marca de identidade para alguns grupos étnicos, o que, de certo

modo, a reivindicam como forma de se distinguir de outros grupos de uma mesma sociedade. Na mesma linha de análise, Sung (1990) enfatiza certo conteúdo do ideal de moralidade implícito nas famílias japonesas. Ele defende que os idosos devem ser respeitados e assistidos, pois se sacrificaram para formar uma nova geração e contribuíram, no sentido amplo, para com a família e a sociedade.

Ao discorrerem sobre a própria velhice, os jovens deixaram entrever também a idéia de continuidade de perspectiva de vida. Eles igualmente almejam, na sua maioria (dez), manter uma boa qualidade de vida na velhice, para a qual concorrem os seguintes fatores: tranquilidade (seis), saúde, possibilidade de elaborar novos projetos pessoais e sociais tais como viagens, atividades físicas, etc., estabilidade financeira e profissional; portanto, viver sem preocupação.

Destes jovens, alguns (dois) também incluíram uma preocupação voltada à transmissão do conhecimento para as gerações mais novas, e assim se posicionam em relação à própria velhice:

Eu espero que ela seja bem alegre e que haja alguém para repassar o que aprendi ... quero ter uma cabeça bem jovem e ser bem dinâmico.

Acho que será tranquila e calma, com bastante ensinamentos para transmitir para os meus descendentes.

Constata-se, aqui, que a geratividade tem importância capital no ajustamento de adultos jovens. Neste caso, a preocupação destes jovens com a futura geração pode estimular o comprometimento com a geratividade na fase adulta. Os adultos tornam-se capazes de agir e pensar de maneiras gerativas a partir da elevação do nível de consciência em torno de suas responsabilidades para com a sociedade, como um todo, e para aqueles que são jovens, frágeis, com menos experiência ou dependentes, de algum modo. McAdams *et al* (1993) insistem, desse modo, nestas condições que asseguram a geratividade.

Ainda em relação à própria velhice, um destes jovens deposita confiança na possibilidade de vivenciá-la de maneira positiva graças ao avanço das pesquisas na área da geriatria, e ao acesso, cada vez maior, aos avanços da tecnologia:

Espero ter uma velhice saudável ... acho que vai ser diferente ... porque tem muita coisa diferente sendo pesquisada nesse campo ... eu acho que a gente vai usufruir mais da tecnologia.

Para outro jovem, a projeção otimista da própria velhice se deu a partir da percepção da mudança de *status do* idoso na sociedade atual, com a redução do nível de rejeição e discriminação, através dos projetos de atividades para a terceira idade. Apesar disso, este sujeito insere um aspecto negativo, vinculado à mobilidade geográfica dos membros da família, o que denota uma preocupação com a manutenção dos vínculos familiares, como segue:

Minha velhice vai ser diferente da dos idosos de hoje ... não vai ter tanta rejeição quanto existia ... em relação ao idoso.

Agora parece que está tendo mais projetos de atividades com os idosos ... mas, por outro lado, os idosos também poderão ficar mais distantes dos filhos.

Observamos também a preocupação quanto à manutenção dos vínculos familiares, apresentada em quatro verbalizações:

... espero viver próximo da família e com união.

Gostaria de ... descansar com a família e parentes.

Acho que será ... com bastante integração com a família.

Eles [avós] sempre estão conversando com a gente e passando seus ensinamentos e creio também que futuramente eu vou fazer isso.

Os dados nos evidenciam que a geração jovem ainda atribui importância ao fato de o idoso poder desfrutar sua velhice no interior da família, enunciando, portanto, o nível de relevância à manutenção dos valores familiares tradicionais, ainda que os emissores deste discurso sejam descendentes de terceira geração.

Podemos apontar então que, para a maioria dos jovens entrevistados, a expectativa positiva de experienciação da própria velhice está diretamente relacionada à idéia de continuidade do sentimento de segurança, à manutenção dos vínculos afetivos e à certeza íntima de possuir um sentido na vida, por certo orientado para o desenvolvimento e para a humanização. Neste ponto incisivo Erikson *et al* (1986), apesar de reconhecerem ser essencial o estabelecimento de uma identidade psicossocial, fazem a restrição de que é necessário, também, que o indivíduo veja a si mesmo como alguém que partilha uma identidade existencial com toda a humanidade.

Embora as manifestações da maioria dos jovens seja perpassada por traços de otimismo, dois deles manifestaram certo pessimismo ao projetar a

própria velhice. Para um, as mudanças sociais e culturais que se operam na sociedade poderão desencadear a não garantia de ser cuidado pelos filhos. E, para outro, o pessimismo é conotado pela consideração de que a velhice é um período de vida não muito agradável, em função da ausência de atividades e de novos projetos pessoais. Esta visão diametralmente oposta assim se manifesta:

... não muito tranqüila pelo fato de como está caminhando a sociedade. Eu não sei se de repente essa minha expectativa dos meus filhos e dos meus descendentes cuidarem de mim ainda vai prevalecer.

Para mim esse seria um período da vida bem chato, porque dá a sensação de estar se acabando ... vou sentir falta dessa agitação que tenho agora.

É nesta questão que, de modo mais explícito, a distância entre as opiniões de alguns jovens e a dos idosos se estreita. Enquanto os primeiros se referem à incerteza da garantia de cidadania plena para os velhos do futuro, os últimos demonstram reservas em função das mudanças sociais atuais e futuras.

Em relação à velhice das próximas gerações, a maioria dos jovens entrevistados (dez) pondera que deverá ser diferente. Todos são concordantes quanto à

interferênc **ia** de mudanças no nível de qualidade da velhice **fu t**ura. Excetuando-se os (cinco) que não explicitara **m** em quais aspectos residirão tais mudanças, os demais (cinco) mencionam, além dos valores japoneses, as relações familiares. Para eles, estes fatores **car r**egam uma perspectiva ruim em relação ao futuro e **p**odem vir a comprometer o cuidado com os pais. Esta **v**isão é objetivada a partir da possibilidade de abertur **a** do foco da imagem que se pretende captar, ou seja, **a** velhice dos próprios descendentes. São significati **v**as as projeções de dois jovens:

*A cho que, se caminhar assim, a velhice deles talvez seja algo bem triste. Porque o **m**undo está ficando complexo e ... tem se **t**ornado mais difícil que os filhos cuidem de **s**eus pais. Tudo isso, porque os valores **e** estão mudando muito.*

*Se eles se casarem com uma "brasileira" talvez eles tenham uma velhice diferente **p**orque os valores são muito diferentes.*

Desta forma, podemos deduzir que jovens e velhos se **n**tem-se inseguros diante das relações que independem da sua vontade, podendo-se incluir entre eles, de **c**erto modo, os adultos. Os jovens, porém, denotam **u**ma visão mais ampliada da situação quando apostam **n**os avanços da medicina, que resultarão em

melhores níveis de saúde e qualidade de vida para as próximas gerações. Enfatizam que ... *os velhos que estão por vir poderão usufruir não só da tecnologia, mas de todo o desenvolvimento da sociedade.*

Deve-se ressaltar que, na concepção destes jovens, ao mesmo tempo que mudanças decorrentes do acesso cada vez maior à tecnologia se refletirão na sociedade de modo positivo, elas poderão também se reverter em conseqüências negativas quanto ao atendimento aos idosos. É neste ponto que a questão da estrutura familiar aflora e se reveste de importância maior, de modo a evidenciar o nível de aproximação das opiniões dos adultos e dos jovens.

A maioria dos jovens (nove), ao discutir questões relativas ao papel da família e ao cuidado para com os idosos nas gerações futuras, consegue dar melhor embasamento ao seu ponto de vista. Assim, alguns (dois) projetam que a família dos filhos manterá os valores tradicionais japoneses de cuidado e de respeito para com os idosos, de modo a reservar espaço para o idoso no seu interior. Alguns (dois) identificam mudanças de atitudes, valores e costumes japoneses nas futuras famílias. Outros (cinco) acreditam na redução do número de filhos, e os demais não se posicionaram a respeito. Quanto ao modo como a família vai lidar com a velhice de seus descendentes, a maioria dos jovens (oito)

manifestou uma expectativa de preservação dos valores de respeito e de cuidado para com o idoso, através da educação. Apenas dois jovens mencionaram alternativas de atendimento aos idosos, como asilos ou casas de cuidados. Grosso modo, esta preocupação com a manutenção dos valores tradicionais japoneses de cuidado para com os idosos no seio da família vem ao encontro da inferência de Sung (1990) ao observar que, para os japoneses, a família ainda é o cenário por excelência da prática da piedade filial no cuidado para com os pais.

Portanto, na projeção da velhice de seus filhos, ao arrolar as dificuldades das famílias em relação ao cuidado com os idosos, os jovens apontam, prioritariamente, as advindas da redução da prole, da redução do tempo livre e da paulatina inserção da mulher no mercado de trabalho.

A partir do cruzamento de dados obtidos nas questões relativas à estrutura, à dinâmica e às possíveis dificuldades nas famílias das futuras gerações observamos que, para dois jovens, a questão do cuidado com o idoso reclama por soluções alternativas, ao largo da família. Neste sentido, as questões do tempo livre e da inserção da mulher no mercado de trabalho, somadas às mudanças nos tradicionais valores e costumes japoneses, se converteriam nos fatores determinantes e,

portanto, suficientes para que o cuidado seja efetuado em asilos ou casas de cuidados.

Mesmo apontando dificuldades na estrutura ou dinâmica familiar, a maioria dos jovens (oito) mantém a expectativa de que a ênfase na educação possa preservar os valores de respeito e de cuidado com os idosos, o que seria determinante para manter a família como suporte principal no atendimento a eles. Os depoimentos mais relevantes assim expressam:

Eu acho que as pessoas por mais que questionem alguns valores e costumes, quando ficam mais maduras acabam retornando para os valores que seus pais tinham ... o modelo básico vai estar sempre ali ... aqui que com o passar das gerações não muda ... espero que da mesma maneira que vou lidar com a velhice dos meus pais, respeitando a eles e também o seu conhecimento ... eu pretendo passar os meus valores para os meus filhos ... além de outras dificuldades ter mais tempo para ficar e cuidar do idoso.

Acredito que a família de descendentes japoneses vai mudar muito em termos de valores... por causa da influência dos valores ocidentais... a família não encontrará muito tempo para cuidar de seu

idoso, portanto acho que as casas de cuidados serão uma alternativa ... a falta de tempo, principalmente das mulheres que saem hoje para trabalhar.

Acho que será bem diferente das de hoje. O que difere das famílias da colônia japonesa que tinham bastante filhos porque precisavam ... de mão de obra ... eu pretendo tratar bem os meus filhos, principalmente na parte afetiva e de educação, então eu espero que eles tenham condição de transmitir isso aos seus filhos ... menos gente para cuidar, falta de tempo e mais mulheres trabalhando fora.

Como pode ser observado, os depoimentos desses jovens não apenas contemplam, mas reclamam a permanência de valores de cuidado, de respeito, de consideração e de admiração ao idoso. Porém, como contraponto, revelam o grau de objetividade na análise que fazem, tomando como referência a contextualização da família na sociedade contemporânea.

A concepção de velhice analisada, nos segmentos em questão, quando associada à noção de declínio irreversível da existência, também evidencia uma dupla relação, negação/aceitação. Este binômio emerge de forma muito clara, em especial nas manifestações dos já idosos. Quando discorrem sobre

sabedoria, tranquilidade, experiência, equilíbrio, segurança e estabilidade alcançada, aposentadoria merecida, satisfação no convívio com a família, concebidas enquanto conquistas da derradeira fase de vida, eles se reconhecem objetivamente na velhice. Introjetam, mesmo, a imagem de idosos que são. Parece que convergir o olhar para si próprios como velhos é suportável quando são coisas positivas o que enxergam. Entretanto, não se reconhecem na velhice quando o olhar é lançado para a realidade do "ocaso" que ela representa. A velhice se lhes afigura como real quando os fortalece, mas é negada ou postergada quando os confronta com a fragilidade, na forma do corpo velho, e a vulnerabilidade, na forma de doença.

2. Dependência e expectativa de cuidado

A piedade filial é de uma importância extrema. Cada um sabe que observando as prescrições do 'Hisão-King'⁵, os leigos servem a seus pais em suas vidas e após suas mortes. (Confúcio)

Retomamos a idéia de que, para os entrevistados, a dependência é vista como evento normal e esperado da velhice. Diante de seu caráter inevitável e irreversível, a tendência é mais de aceitação resignada do que de rejeição. Para os entrevistados, o aspecto cultural deve prevalecer na aceitação da dependência física. Os depoimentos confluem para o que pensam Baltes e Silverberg (1995), ratificando-os quando afirmam que:

... por causa da crescente vulnerabilidade biológica e do confronto com a principal tarefa evolutiva da velhice que é a aceitação da própria finitude, tanto a integração social quanto a autonomia pessoal assumem capital importância. (...) a

⁵ Hisão-King: "Tratado da Piedade Filial", atribuído a Confúcio.

segurança propiciada por um ambiente acolhedor assim como a autonomia permitida por um ambiente estimulador são, ambas, necessárias ao bem-estar do idoso (p.102).

É facilmente constatável que jovens, adultos e idosos pesquisados aceitam a dependência como algo ruim, mas natural, no ciclo da vida. Diante da contingência de assumir o papel de dependentes ou de cuidadores de idosos dependentes, os depoentes manifestaram uma significativa “rejeição conformada”.

Na acepção de todos os sujeitos idosos a dependência restringiu-se unicamente à dependência física. Desse modo, ela foi largamente adjetivada: ... *deve ser horrível, ... a coisa mais triste, coisa muito ruim, ... a pior coisa do mundo, ... se eu ficasse assim [dependente] acho que morreria antes da hora, me incomodaria muito, ... não seria nada bom, ... deve ser péssimo.*

Ainda que os idosos apresentassem uma concepção negativa em relação à dependência, a maioria (sete) manifestou uma atitude de aceitação diante das prováveis limitações decorrentes dessa etapa da vida. Para alguns, o sentimento religioso é que se encarrega de converter isto em valor natural e necessário. Este sentimento está expresso quando assim se exprimem:

Acho a coisa mais triste ... se acontecer a gente tem que se conformar.

... quando se fica doente não tem jeito, tem que depender de alguém.

A dependência é uma coisa natural da vida, gostaria de não precisar depender, mas se Deus, quis assim...

Conforme já foi notado por Baltes e Silverberg (1995) analisando os significados culturalmente atribuídos a dependência na velhice, concepções como essas não levam em conta o lado positivo de dependência como facilitadora das relações, da interdependência e, certamente, da autonomia. A dependência, segundo as autoras, pode permitir aos idosos compensar suas perdas em competências e, assim, experienciar sentimentos de domínio e de controle social.

Complementarmente, para Meachan (1989) o modo como os velhos lutam para manter a autonomia, a despeito do enfraquecimento do corpo e da maior susceptibilidade a doenças e acidentes, reflete o senso de autonomia. Simultaneamente, devem aprender a lidar com sentimentos de vergonha e dúvida. Se, de um lado, aceitar cuidados pode aumentar a independência do velho, de outro pode contribuir para aumentar o senso de

geratividade **e**, a autodeterminação, a independência e a autonomia **de** quem lhe proporciona os cuidados.

Os adultos qualificam a dependência não só como física. Acrescentam-lhe, também, o atributo de emocional, pois, no seu entendimento, não se consegue viver totalmente só. Alguns tecem considerações de que todos precisam depender de alguém, dentro da idéia central de que a dependência é uma coisa natural na vida das pessoas, como bem expressa um deles: ... *nascemos dependentes, nos tornamos independentes e voltamos a ser dependentes*. A concepção de ciclo de vida abre espaço para o sentido de inexorabilidade. Apesar de a maioria dos sujeitos adultos (sete) considerar a dependência como um evento normal, que se desenvolve ao longo da existência humana, ou em algum momento do curso de vida individual, familiar e social, a dependência física foi vista por todos os sujeitos como algo a ser temido ou evitado, condicionante de dependência emocional e social. Eles se referem à dependência física como uma alteração da rotina e da dinâmica da vida das pessoas, *condição que as deixa deprimidas*.

... a impossibilidade para cuidar de si próprio é ruim.

... depender de um familiar de uma certa forma altera a rotina das pessoas.

... complicado é se tornar dependente por causa de doença e por causa disto, atrapalhar a dinâmica de vida das pessoas.

Ser dependente físico é muito deprimente.

Como os idosos e adultos, os jovens também nutrem uma concepção negativa da dependência. A maioria (doze) mencionou a limitação pessoal que a dependência física traz. Destes, alguns (quatro) utilizam a preocupação com o cuidado para qualificar a dependência como algo ruim, e outros (cinco) se apropriam da percepção de quem é cuidado, ou seja, do idoso, e apresentam-na como um sentimento desagradável. Ganha realce o depoimento de um dos jovens em defesa do idoso, para quem ele não deve ser visto como uma “pessoa inútil”, porque seu conhecimento e sabedoria superam a dependência física. Esta assertiva merece destaque, pois o emissor da fala também, atribui uma conotação negativa à dependência física, uma vez que as restrições impostas pelas limitações cerceiam a liberdade.

À dependência física foi somada a financeira, ausente nas verbalizações de idosos e adultos. A dependência financeira foi mencionada por alguns dos entrevistados jovens (três), a partir de inferência crítica do sistema previdenciário brasileiro. Para eles, o

provento de aposentadoria no Brasil ... é algo que não dá para viver; ... deve ser horrível ser cerceado por problemas financeiros e de doença.

O adjetivo “ruim” reflete uma qualificação unânime da dependência física pelos sujeitos dos três grupos etários. De certo modo isto é normal, pois, de acordo com Baltes e Silverberg (1995), isto se dá pelo fato de a dependência física ser precursora da comportamental. Para as autoras em pauta, a dependência comportamental é uma das mais temidas pelos idosos, exatamente pelo fato de se precisar depender de outros para o autocuidado.

Embora velhos, adultos e jovens tenham atribuído uma conotação negativa à dependência, todos expressaram expectativas e desejos de serem cuidados pelos familiares na velhice. Para os idosos, de maneira mais veemente, mais que expectativa, está presente a certeza de receber cuidado. Vejamos a verbalização de tais convicções:

Se eu ficar dependente e doente meu filho cuidará de mim.

Deve ser horrível [ser dependente] mas espero ser cuidado pelos meus filhos ...

*... deve ser péssimo ... se isto acontecer
devemos nos conformar, porque graças a
Deus temos a nossa família para cuidar de
nós.*

*Eu acho que a minha cultura prepara [nos]
para isso. A filosofia é "cuida, que será
cuidado.*

*Eu penso que alguém da família vai ter que
cuidar de mim.*

*Se isso tiver que acontecer, espero que os
meus filhos não me abandonem.*

*Se ficar dependente, espero ser cuidado por
alguém da minha família.*

*Se eu ficar dependente e doente meu filho
vai cuidar de mim.*

Entre os adultos maduros, nem todos mencionaram a certeza de que receberão cuidados na velhice. Muitos restringiram-se à manifestação do desejo de serem assistidos no futuro. Vale ressaltar que, para a metade deles, o cuidado foi introjetado como evento normativo do curso de vida e, portanto, aceito com naturalidade. O caráter normativo do cuidado, como por eles qualificado, manifesta nas seguintes assertivas:

*Não me incomodaria. Porque hoje cuido do
meu sogro com o maior prazer.*

Se isso acontecer encararei com naturalidade.

A gente espera que isso não aconteça ... mas se acontecer espero ser cuidado.

Acho isso uma coisa natural e espero ser cuidado caso eu adoeça.

Se eu ficar doente eu espero ser cuidado ...

Pela experiência que estou passando com a minha mãe, encaro isso com naturalidade. Espero ser cuidado ...

Entre os jovens entrevistados, está presente a expectativa de serem merecedores de cuidados na sua velhice. A maioria (dez), entretanto, atribuiu ao fato qualificações e sentimentos negativos, tais como: *incomodar, não se sentir bem, não gostar e ser algo ruim*. Apenas dois jovens se referiram a sentimentos agradáveis, de tranquilidade e de bem-estar, enquanto outros três não se manifestaram em termos valorativos, mas admitiram a necessidade do cuidado na situação de dependência. Entre os dez jovens que atribuíram sentimentos negativos à situação de dependência e cuidado, três externaram estas manifestações em função de preocupações com o cuidador, e outros dois, com a obrigação de aceitar ser cuidado.

Resta saber qual a posição dos três grupos etários em relação a quem caberá a atribuição de prestar o cuidado na velhice. Todos os grupos externaram a expectativa do cuidado ser desempenhado no âmbito da família. Estas manifestações cristalizam a visão tradicional da piedade filial, que é estimulada nas famílias japonesas. Isto não é surpreendente para Portnoy (1990), pois tanto as famílias que residem no Japão quanto aquelas de imigrantes japoneses radicados em outros países, apegam-se aos valores da piedade filial.

As verbalizações de trinta sujeitos (96% dos entrevistados) refletiram o desejo de serem cuidados pelos filhos. Embora a indicação tenha apontado prioritariamente os filhos como possíveis cuidadores, os sujeitos revelaram expectativas de cuidado de outras pessoas, o que merece ser mencionado.

A maioria, no grupo de adultos (seis), elegeu também a esposa como cuidadora. Entre os jovens, talvez em decorrência da suscitada incerteza do casamento e do número da prole, três incluíram também os irmãos, e um mencionou amigos para a tarefa. Para outros dois sujeitos, os netos apareceram como alternativa.

A tradição cultural japonesa tem atribuído o papel do cuidado ao primogênito. A ênfase desta prática

pode ser apreendida através das manifestações dos idosos. A maioria deles (cinco) verbalizou sua expectativa de ser cuidado pelo primogênito, sendo que dois relacionaram também as noras como coadjuvantes no cuidado. Somente um idoso manifestou a possibilidade de vir a ser cuidado por sua filha mais velha.

Contrariamente, nos outros grupos o princípio do exclusivo da primogenitura no papel de cuidado aos idosos permanece de forma menos indelével. Apenas dois adultos e um jovem mantiveram-se fiéis à indicação do filho mais velho, o que aponta, portanto, indícios de alteração na percepção da dinâmica cultural digna de maior atenção por parte dos pesquisadores. Parece-nos que as verbalizações estão a indicar uma flexibilização no conceito, provavelmente em decorrência da contextualização das práticas familiares na contemporaneidade.

3. O Cuidado: a reciprocidade implícita

A piedade filial é a raiz de toda virtude e o tronco do qual nasce todo ensinamento moral. (Confúcio, Hisáo-King)

Para os imigrantes japoneses e seus descendentes entrevistados, dependência e solidariedade se associam a obrigação/dever, obrigação/respeito, obrigação/gratidão, valores reforçados para o enfrentamento da carga de negatividade presente na velhice vivida com dependência.

Cada um dos grupos etários encontra forma particular de amenizar o significado negativo da dependência. Os jovens vêem em sua aceitação uma forma de honrar a tradição. Os velhos manifestam sentimento de resignação diante de uma realidade inexorável e contam com a reciprocidade do cuidado oferecido aos filhos ao longo do curso de vida. Os adultos, para quem a condição de dependência se avizinha, relevam o aspecto pessoal e aceitam,

pacientemente, o papel de cuidadores. Colocam-se numa posição de domínio sobre a situação, que consideram “desigual”. Os adultos cuidadores, envolvidos pela objetividade da condição da velhice, têm clareza de que um dia a viverão e, como que num exercício prévio, declaram-se preparados para enfrentá-la.

Os mais jovens, quando tratam do lugar do cuidado, indicam que ele deve se localizar na esfera da família. Reconhecem, ainda, que a responsabilidade do cuidado cabe igualmente à sociedade à qual os velhos se dedicaram durante toda a vida. Os idosos e adultos são incisivos na atribuição do cuidado aos filhos mais velhos, ou afirmam que deve ser dispensado a partir de uma hierarquia dentro da família (esposa, filhos, nora). Os jovens partilham desta atribuição, porém consideram a hipótese da sua inviabilidade face à ocidentalidade assimilada, ainda que dirijam críticas a ela pela fragilidade de seus valores.

Vejamos como os depoentes consideram a questão do cuidado, explicitada ora na dinâmica do cuidar e ser cuidado, ora na projeção de algo ensejado em um futuro próximo ou remoto, a partir da própria inserção no contexto de cuidado.

Todos os idosos deixaram expresso que há uma obrigação e um dever moral de se amparar os mais

velhos na família, e um deles esboçou consideração quanto ao cansaço que é acarretado ao cuidador. Através do cruzamento e da análise dos dados obtidos nas verbalizações dos sujeitos, em relação às razões dos filhos para cuidar e aos sentimentos dos idosos ao serem cuidados, podemos adiantar algumas inferências. Alguns (três) consideram que a dinâmica da relação de cuidar e ser cuidado se caracteriza por dupla obrigatoriedade. Para o idoso cabe a obrigação de aceitar os cuidados, e aos filhos resta a obrigação de aceitar cuidar. Dois sujeitos apontam a realização pessoal na relação de cuidado, considerada tanto do ponto de vista do cuidador quanto de quem é cuidado.

Pudemos observar que alguns idosos (dois) não conseguem desenvolver formas de ajustamento pessoal diante do fato de ser cuidado, na medida em que um deles alinhava um vínculo entre doença e morte, e o outro estabelece a morte como alternativa para evitar ser ônus para a família. Esta resistência ou indignação diante do ser cuidado, se expressa veementemente:

Espero não ficar doente, porque, se tiver que morrer, que morra de repente.

*Rezo para não dar trabalho para os outros.
Prefiro morrer de repente.*

Obrigação, respeito, reciprocidade e dever são as razões apresentadas pelos adultos cuidadores e não-cuidadores. Vejamos os seus depoimentos:

Para quem cuida, se esta pessoa for um filho ou uma filha, acho que não veriam nenhum problema. Porque isso faz parte de suas obrigações para com os seus pais.

Cuidar dos mais velhos é uma obrigação da família, porque assim também se mostra o respeito que temos por ele.

... porque os mais novos devem cuidar dos mais velhos quando estes estão doentes, assim como nossos pais cuidaram de nós quando éramos pequenos.

Porque esta é minha obrigação enquanto filho.

... se meus pais precisassem eu os ajudaria. Principalmente porque sou filho mais velho.

... afinal eles cuidaram muito de nós e agora é nossa vez.

Cuidar dos pais é para os filhos uma retribuição pelo que eles fizeram por nós.

Acho que faz parte de seu dever como filho ou esposa.

Os jovens, por sua vez, apresentam dever, reciprocidade e responsabilidade como as razões que os filhos têm para cuidar de seus pais, assertivas reveladas em alguns de seus depoimentos:

Isso é um dever dos filhos ... eles [pais] tiveram as obrigações deles para verem os seus filhos evoluírem, então ... eles têm o direito de cobrar dos filhos uma ajuda, quando precisarem.

Eu acho que ele deve se sentir muito preso, mas, se for, o filho também deve se sentir na obrigação de cuidar dos pais. Isso é um dever para nós.

É uma situação estressante, assim como deve achar que o idoso é um entrave, mas, de um modo geral, deve achar que isto é uma obrigação. Principalmente em se tratando dos pais.

É um dever, uma obrigação e também uma responsabilidade muito grande ... além do cansaço físico que deve ser.

No caso de serem os filhos, eles têm mais que a obrigação de cuidar. Para quem cuida, é um dever.

É uma retribuição pelo que fizeram.

Fica evidenciado que, nos três grupos entrevistados, os sujeitos apreendem a reciprocidade, isto é, pagamento ou retribuição pelo que lhes foi dado, como fonte de suas obrigações de cuidar dos pais idosos. Para os imigrantes e os descendentes japoneses a piedade filial ainda se constitui norma importante para o cuidado dos pais idosos. É o próprio Sung (1990) que nos leva a tais confrontos e constatações. As reciprocidades do *on* enquanto obrigações para com o outro, desde a maior até a menor dívida de uma pessoa constituem dívidas que exigem quitação. Seu pagamento, mais que tudo, constitui uma virtude. O povo japonês carrega o débito em relação ao seu passado, presente e futuro. Hashimoto (1995), Tomita (1994), Sakurai (1993) e Benedict (1988) enfatizam o caráter da reciprocidade presente na obrigação filial.

Embora não fossem indagados sobre o devido lugar do cuidado, vale ressaltar que a grande maioria dos jovens (quatorze) reafirmou a importância de este ser exercido no interior da família e enfatizou que o atendimento do idoso por instituições formais caracterizaria abandono e falta de respeito.

Estes dados ganham relevância pois vão ao encontro dos resultados de pesquisas transculturais, tais como as de Portnoy (1990) e Yu *et al* (1993), que

apontam a família como suporte principal no cuidado para com os idosos.

A partir de algumas manifestações, podemos descrever a opinião que estes jovens têm em relação aos asilos e às casas de cuidado. São tidos como local desprovido de condições físicas e de atendimento adequado, espaço onde o idoso é privado de sua liberdade de ir e vir. A imagem de reclusão foi elemento comum em suas elaborações e, segundo eles, o viver recluso desencadeia um sentimento de insatisfação e mal-estar. Para estes jovens, o internamento dos idosos só seria justificado em casos extremos de falta de condições financeiras, de doenças graves e da inexistência de familiares que pudessem ampará-los. É particularmente expressivo este recorte de excertos:

Sou contra colocar o idoso no asilo, a responsabilidade sempre é da família.

Eu não sou favorável colocar os pais no asilo. Eu não sou favorável. Isso só se justifica quando a família desse idoso não tem condições financeiras, ou então quando não tem ninguém para cuidar.

Acho uma coisa horrorosa os filhos que foram sustentados pelos pais e hoje têm até uma vida estável, acabam abandonando os pais nos asilos ... mas se pensarmos

naqueles idosos que não têm ninguém, essas casas seriam a única solução ... o cuidado do idoso é uma tarefa da família.

Sou contra colocar os pais no asilo, é um dever dos filhos. A família é a melhor coisa para cuidar do idoso.

Não tenho coragem de colocar os meus pais no asilo.

Colocar os idosos em asilo é uma desculpa para fugir da responsabilidade que é da família...

Eu acho isso muito errado ... o asilo é um depósito de gente velha e não chega a ser um lugar em que ela possa viver feliz ... Pretendo cuidar deles na época em que eles estiverem mais frágeis para a sociedade e para as doenças, ou então, em dificuldades financeiras ... eu tentaria fazer de tudo para não utilizar essa alternativa.

Aspecto particularmente observado entre todos os sujeitos deste grupo é o sentimento de responsabilidade de dispensar cuidado aos pais na velhice. Na juventude já se encontra presente a obrigação do cuidado, antes de tudo em forma de responsabilidade e compromisso, extrapolando, portanto, os limites de mero dever.

Se algum dia meu pai necessitar, eu tenho que estar junto dele.

Encaro com naturalidade o fato de cuidar dos pais na velhice porque o cuidado deve ser assumido na família.

Eu gostaria de cuidar dos meus pais.

Pretendo cuidar dos meus pais, nunca vou colocá-los num asilo.

Perguntados sobre as possíveis dificuldades advindas do ato de cuidado para os cuidadores, grande parte dos idosos (cinco) expressou-se não admitindo qualquer tipo de dificuldade. Alguns (quatro) arrolaram razões para explicar tal ausência. Experiência pessoal, cooperação, educação/relação afetiva e impossibilidade de reclamar são as mais incisivas. São suas palavras:

... na nossa cultura a gente espera que todos cooperem entre si.

Passei por essa situação e não encontrei nenhum tipo de dificuldade.

... Em função dos ensinamentos para com os filhos, da "prática do amor", ... não encontrarão dificuldade.

... não se deve reclamar dos cuidados para com os pais. Acho que em função disso não existe dificuldade.

Os três idosos restantes mencionaram a existência de dificuldades e atribuíram-nas à ausência cada vez mais sistemática da mulher, que se insere no mercado de trabalho. Ainda que possam admitir dificuldades, pontuam a preocupação com o bem-estar dos pais como mais importante.

Ao analisarmos as manifestações dos adultos, pudemos constatar que, de uma forma geral, não há qualquer expressão específica de problemas para o cuidador na relação de cuidado. De uma maneira nada implícita ou sutil, à ausência de verbalização a respeito de dificuldades e problemas contrapõe-se a expressão dos idosos, que poderia ser transformada em máxima: ... *não se deve reclamar dos cuidados para com os pais. Acho que em função disso não existe dificuldade.* De modo menos sutil ainda, esta assertiva tem uma conotação hierárquica e orientadora da ordem familiar e dos papéis ensejados pelo chefe da família.

Somente um dos adultos mencionou dificuldades resultantes das transformações do comportamento da mulher nipo-brasileira. Ele se refere ao fato de a mulher buscar sua realização profissional e sua independência, fatores que acarretam, muitas vezes, a não aceitação da tarefa de cuidadora:

... as moças não querem mais ter o compromisso de cuidar de seus sogros ou sogras porque elas trabalham e, também, estão mais independentes. Isso retrata que está havendo mudanças nos valores.

Outros três sujeitos, ao mencionar o papel de cuidar dos idosos, referiram-se a ele como elemento desencadeador de bem-estar subjetivo, que propiciaria sentimentos de felicidade e realização. A evidência destas acepções não pode ser negada.

Devemos nos sentir felizes por cuidar dos idosos ...

Acho que ele [cuidador] deve se sentir feliz ... nos sentimos realizados por cuidar dos nossos pais.

... Fica com a consciência tranqüila na medida em que imagina que as pessoas idosas estão se sentindo tranqüilas e felizes por saberem que estão sendo cuidadas pelos filhos.

Os adultos restantes nos forneceram dados que permitiram estabelecer a dinâmica impressa ao ato de cuidar e ser cuidado. Para um deles, isto deve acontecer numa relação de igualdade e troca, pois *não estamos cuidando dos idosos e sim convivendo com eles*. Para

outros dois, o caráter de dificuldade na relação idoso/cuidador reside no fato de o cuidador gozar de integridade física e psicológica, enquanto o idoso, pelas suas condições físicas e de saúde, se encontra debilitado e inferiorizado. Apesar de um deles apontar como relevante o bom relacionamento de ambos, cabe ao cuidador criar condições necessárias para o estabelecimento de equilíbrio nesta relação, transmitir segurança e afeto, bem como aceitar as peculiaridades do idoso alvo do cuidado. Desta forma, proporcionará seu bem-estar, devolvendo a ele o status e a dignidade de ser humano. Nas suas palavras,

A relação de idoso/cuidador não é fácil ... quem assiste tem mais força e vigor e, portanto, esta determinação deve ser transformada em harmonia com o idoso ... depende do bom relacionamento de ambos, mas a filosofia é conciliar esta relação ... de uma maneira mais humana e justa possível, mesmo porque na situação do idoso doente a própria posição se enfraquece em relação a quem assiste.

O cuidador tem que ter condições de transmitir ao idoso certa segurança até o final da vida, garantindo ... o calor humano, a compreensão ou o resgate ... da dignidade enquanto ser humano.

A necessidade de ajustamento social é, pois, uma constante na vida, e o ser humano precisa ajustar-se às demandas do meio. A natureza do ajustamento contém, implicitamente, a idéia de dinâmica, de movimento. Com a maturidade, especificamente, verifica-se uma ampliação na orientação para a geratividade, conforme enfatizam Erikson *et al* (1986). Este enfoque, de início, restrito ao processo de procriação, pode se estender à filiação a princípios mais elevados de cuidar do bem-estar de outros seres humanos. Portanto, a tarefa evolutiva essencial da meia-idade é a geratividade, e ela é melhor realizada em relações que são baseadas em reciprocidade e mutualidade.

No grupo dos jovens, alguns (seis) relacionaram as dificuldades enfrentadas pelos cuidadores ao *stress* e ao cansaço físico, e à inexistência de solidariedade na divisão das tarefas de cuidado. Outros, porém, deixaram de enumerar as dificuldades da tarefa do cuidado ao idoso, provavelmente por se tratar de uma prática que passa ao largo de suas experiências cotidianas.

4. Influências sócio-culturais no cuidado

O que é realmente difícil é a conduta. Quando alguma coisa tem de ser feita, os jovens tomam a seu cargo essa tarefa; quando há vinho e alimento os mais velhos são servidos - consistirá só nisso a devoção filial? (Confúcio, II, 8).

O entrelaçamento das manifestações de idosos, adultos e jovens nos permite compor um quadro mais abrangente em relação ao cuidado ao idoso. Todos comungam de dois pontos: o cuidado como um extrato da cultura japonesa e as tradições culturais como avalizadoras da prática do cuidado.

Os três grupos etários vislumbram, apenas com pequena diferença de grau, a condição motora da dinâmica do cuidado com o idoso. Os valores de obrigação/cooperação, obrigação/respeito e obrigação/gratidão são os propulsores das relações de cuidado, imprimindo-lhes dinâmica consoante. Desta relação de idéias emerge o pressuposto de que na

associação da cultura à educação e à “filosofia de vida do japonês” residem os fatores que propiciam o surgimento destes valores.

Na expressão de todos os idosos consta ser a cultura japonesa um fator preponderante no cuidado para com os pais idosos, decorrente daí a ênfase dada à preocupação com a preservação das tradições. Alguns idosos (três) pontuaram as mudanças que afetam a sociedade japonesa contemporânea, como tendo cunho econômico, político e social. As conseqüências vislumbradas dizem respeito a novos valores advindos da formulação de novas necessidades e demandas. Segundo eles, tais mudanças acarretam atitudes e padrões de comportamento compatíveis com a modernidade, e comprometem o cuidado com os idosos. Neste sentido, é compreensível o modo como estes sujeitos se reportam aos mencionados valores tradicionais. No seu entendimento, são estes os valores que devem ser preservados pelos grupos nipônicos no Brasil, pois são os viabilizadores do cuidado aos idosos.

Na questão dos valores tradicionais, o respeito com os idosos, além de outros valores familiares, ganha relevo. Provavelmente estejam presentes evocações e ressonâncias de imagens de um passado marcado pelas agruras iniciais próprias do processo de imigração e de adaptação à nova terra. As

verbalizações dos próprios sujeitos têm mais propriedade:

Na cultura japonesa a gente aprende a respeitar os velhos desde pequeno e isso continua, no Japão, só com o pessoal mais antigo. Com os mais jovens isto está mudando, dado o avanço na economia e, então, os jovens estão ficando cada vez mais materialistas ... em uma colônia japonesa em outro país, se sustenta por mais tempo as coisas boas do sistema japonês. No Brasil, as coisas boas estão aqui e talvez as famílias preservem isso por causa do sofrimento que viveram com o processo de imigração. Esse é um dos fatores que faz com que os japoneses continuem a respeitar as pessoas idosas.

E com o processo sofrido que tivemos com o processo de imigração estamos tentando pelo menos deixar um pouco dessas coisas para os nossos filhos.

Acho que isso ainda persiste aqui no Brasil porque no Japão isto está se tornando diferente, porque todo mundo tem que trabalhar [fora] agora.

A maioria dos idosos entrevistados evidenciou plena consciência da possibilidade de mudanças quanto ao cuidado das gerações futuras na velhice. Entre eles,

cinco enfatizaram que a garantia do compromisso do cuidado às novas gerações se daria em função da educação. O reduto indicado para a preservação dos valores tradicionais fundamentais para o cuidado é a família.

Não deixaram de fazer menção aos valores morais, repassados através das aulas de *Sushin*, típicas da infância japonesa, compreendidos como vitais para o desenvolvimento de sentimentos e valores de gratidão, respeito e obrigação filial. O *Sushin* se insinua como baliza entre as velhas e novas gerações, em termos de dimensionar e explicar as referidas diferenças. Nestas manifestações faz-se presente um tom de saudosismo e nostalgia, como que numa prática de contrição ao assumir a omissão na reprodução dos ensinamentos da escola japonesa.

No posicionamento dos jovens em relação às tradições culturais do grupo quanto à prática do cuidado objetiva-se uma ponte entre Japão e Brasil, no contexto da modernidade. Dos jovens, três teceram considerações sobre as diferenças entre ambos os países e concluíram que a preservação de valores tradicionais do cuidado ao idoso na família é muito mais presente no Brasil.

A avaliação desses jovens contempla as diferenças manifestas nos pequenos e grandes centros, no

Japão. Enquanto nas grandes cidades o cuidado ao idoso já vem sendo prestado também por instituições especializadas, no interior do país ele é ainda uma atribuição familiar, e as casas de cuidado estão ausentes. Grosso modo, eles atribuem as mudanças dos valores tradicionais de cuidado do idoso no interior da família à influência americana na cultura japonesa. Contraditoriamente, são incapazes de avaliar a dinâmica da expansão imperialista japonesa no pós-guerra, e subestimam o peso do referencial da cultura tradicional. Porém, é preciso mencionar que, a despeito do processo de mudanças a que se submeteu a cultura japonesa nas últimas décadas, o respeito ao idoso constitui um valor ao qual se atribui muita importância na moderna sociedade nipônica. Os mesmos jovens estabelecem paralelo entre as condições de vida dos idosos nos dois países, utilizando como parâmetro os valores pagos pelo sistema previdenciário em forma de benefício. Os segmentos abaixo contêm estas imagens delineadas.

O que existe na colônia japonesa é que geralmente o filho homem mais velho ele tende a cuidar dos pais ... hoje não é tão rígido, mas ainda existe essa tendência na colônia japonesa ... o que eu pude perceber lá no Japão é que é diferente ... muita coisa já se modificou ... essa relação que a gente tem com o idoso da colônia é mais

tradicional aqui no Brasil do que no Japão. Em relação à dependência financeira do idoso... os idosos japoneses que vivem aqui no Brasil não têm, muitas vezes, condições de viverem de forma independente ... enquanto que no Japão, uma pessoa que se aposenta tem condições de sobreviver ... os velhinhos lá no Japão parece que estão sempre sozinhos, andam sempre sozinhos. Não existe lá no Japão, como existe no Brasil, reuniões ... a nossa comunidade faz três vezes na semana atividades com os idosos ... dança japonesa ... Karaokê ... gatebol e outras atividades para pessoas na terceira idade ... essa é a forma que eles encontram para se comunicarem e reviverem as antigas tradições. Lá no Japão ... já se tem muitas casas de cuidados. Agora em relação ao respeito para com os idosos isso ainda existe, eles ainda preservam bastante esse comportamento.

Hoje a cultura japonesa no meu ponto de vista está muito americanizada ... os estados do interior têm uma tradição parecida com a estabelecida aqui pelos imigrantes ... até as gerações mais novas respeitam ... nas cidades maiores essa tradição parece estar mais influenciada pelos valores americanos e existe uma tendência de ir acabando com o tempo ... os

imigrantes trouxeram consigo a língua e mantiverem-na na íntegra até hoje, ao passo que lá até a língua sofreu influência americana ... quando estive no Japão presenciei um respeito muito grande pelos velhos.

Estes mesmos jovens admitem que estão expostos às influências dos valores ocidentais e, que provavelmente elas desencadearão mudanças nos valores e costumes da geração de “sanseis”. Entretanto, a grande maioria dos jovens (treze) atribuiu grande valor ao respeito devido aos pais e idosos; indício, portanto, de que ele subsiste nas famílias. Onze jovens foram enfáticos ao externar o compromisso da preservação do valor de respeito ao idoso, e oito deles destacaram que, além dele, o valor do cuidado com o idoso poderá ser mantido através da educação dos filhos. A expressão destes “sanseis” confunde-se entre auto-afirmação e compromisso com as origens nipônicas.

Na minha cultura o ser cuidado é uma tradição e eu sou tradicionalista ... o respeito nessa terceira geração ainda continua ... pretendo passar para os meus filhos.

Acho que sou tradicional aos meus valores ... embora não seja radical ... cuidar do

*Idoso é uma questão decorrente da educação
Para o respeito ... pretendo educar meus
filhos ...*

*Na terceira geração prevalece isso ... a
cultura japonesa atribui um valor muito
grande ao cuidado ... desejo transmitir para
os meus descendentes.*

*Carrego boa parte da tradição ... pretendo
tratar bem os meus filhos, principalmente na
parte afetiva e de educação, e então eu
espero que eles tenham condições de
transmitir isso para os seus filhos também.
Assim como eu espero que tanto a minha
família quanto a família deles saibam lidar
bem com a minha velhice e a deles.*

Idêntica posição têm os idosos. Entre eles, seis acreditam que a preservação da atenção de cuidado aos mais velhos relaciona-se diretamente à educação baseada nos valores tradicionais da cultura japonesa:

*Essas questões de obrigações para com os
pais aparecem em função dos ensinamentos
para com os filhos ... na cultura japonesa a
gente aprende a respeitar os velhos desde
pequeno.*

*Alguém da família vai ter que cuidar de mim
... para que os filhos conservem este valor é
importante que os pais dêem uma boa*

*educação ... eles ainda passem estes valores
a seus filhos.*

Os adultos verbalizam as mudanças recentes que marcam as sociedades japonesa e brasileira, e tentam enumerar as prováveis conseqüências das transformações socio-econômicas sobre a família. Dois adultos apontaram que tais mudanças afetam a estrutura da família, comprometem a longevidade e acabam por provocar mobilidade das famílias. Os adultos incluíram, ainda, a questão da afirmação profissional da mulher e uma nova atitude em relação a dependência feminina como fatores que podem comprometer a aceitação do papel de cuidadora. Destes adultos, apenas um reportou-se às formas alternativas de atendimento aos idosos no Japão, através de suporte formal subsidiado pelo governo. Esse atendimento formal permite ao idoso o convívio familiar, reservado ao período noturno, e evita o confinamento em asilo. Na opinião da maioria, o asilamento acarreta prejuízos para os idosos, em função do rompimento de suas relações familiares e sociais.

A preservação dos valores tradicionais japoneses, para a maioria dos idosos entrevistados, é enfatizada como necessidade. Ela se consubstancia na expectativa da maioria deles (cinco), que reivindica ser cuidada pelo filho mais velho. Assim, quando indagados

da responsabilidade do cuidado, em caso de doença de homens e mulheres idosos, todos foram unânimes em atribuí-la à família. As diferenças localizaram-se na competência do cuidado entre os membros da família. Para a eventualidade de doença de homens, apenas um idoso mencionou os filhos como responsáveis pelo cuidado. Os quatro restantes estabeleceram uma ordem hierárquica: primeiro a esposa e depois os filhos. No caso de doença de idosas, a unanimidade incidiu sobre os filhos cuidadores, sendo que sequer houve menção ao marido. Confirmam-se aqui, portanto, as manifestações expressas pelos idosos sobre ser cuidado na "sua velhice", indelevelmente marcadas pela influência cultural.

A constatação mais marcante é a de que a cultura deve ter influenciado, entre os idosos, o desenvolvimento do senso de responsabilidade e gratidão. O reflexo se faz incisivo, tanto no aceitar cuidados, quanto no ser cuidador. A escala do cuidado em relação ao cuidador masculino é a relação filial, reflexo direto dos valores culturais japoneses. Em relação ao gênero masculino, a prestação de cuidado não se contextualiza na relação conjugal. Nesse sentido, na situação de doença, a solidariedade conjugal quanto ao atendimento do parceiro é um pressuposto eminentemente feminino. Provavelmente, é em decorrência deste

princípio **d**e solidariedade que a mulher é incumbida da tarefa de **c**uidar do sogro. Embora este aspecto não tenha sido **m**enc**i**onado pela maioria dos idosos, dois deles incluíram suas noras como cuidadoras, ainda que atribuindo **a** elas, somente papel de coadjuvantes.

A responsabilidade sobre o doente idoso do sexo masculino, segundo um dos adultos entrevistados, recai sobre os filhos, consoante os costumes da cultura japonesa. Os demais adultos (sete) estabeleceram uma ordem hierárquica na obrigação de cuidados, em que constam primeiro a esposa, quando viva, e depois os filhos. Um deles menciona ser o filho mais velho aquele que tem responsabilidade maior, e depois, a nora.

As verbalizações do grupo dos adultos está muito próxima das posições assumidas pelos idosos, quando se manifestaram sobre o cuidado do homem e da mulher idosos, em situações de doença.

Embora os adultos ratifiquem o entendimento de que o **c**uidado é tarefa da família, este grupo qualifica a mulher como figura central na tarefa. Esta eleição diz respeito aos cuidados dispensados hoje aos idosos, bem como, à expectativa de virem a ser os merecedores de cuidado. Pelo fato de reconhecerem a relevância da mulher nas atenções de cuidado, dois adultos preocuparam-se em mencionar algumas dificuldades nesta

relação. Mesmo assim, este grupo alimenta a expectativa da garantia de cuidado na própria família, apesar de considerar o asilo como uma forma alternativa de atendimento. No que diz respeito às possibilidades de mudanças que poderão interferir no atendimento do idoso na família, os adultos não conseguem projetá-las, de modo objetivo, para sua velhice. Apenas, antevêm tais possibilidades para gerações vindouras.

Os jovens manifestaram-se de modo a concordar com a tradição de se atribuir a responsabilidade de cuidado ao primogênito. Em que pesem as naturais mudanças na tradição, a maioria deles (doze) acredita que a tarefa de cuidado do idoso cabe, também, à esposa, enquanto que, no caso de idosa doente, a atribuição seria dos filhos.

Não há como negar, entre os jovens, a premissa da responsabilidade dos filhos nas atenções de cuidado aos idosos doentes. Embora, a primogenitura tenha perdido a conotação de exclusivo pela não manifestação de unanimidade em relação ao cuidador, a mulher é a tarefeira. Na esfera doméstica, o exercício das atividades cotidianas do cuidado, em nome da reverência, verga a mulher diante do idoso.

Considerações finais

O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar e ser mais grosso, mais fundo. (Guimarães Rosa)

A análise de conteúdo permitiu derivar temas inspirados na teoria de Erikson, que considera o cuidar como manifestação de geratividade nos adultos; a dificuldade dos idosos em aceitar o cuidado, como forma de recapitulação do conflito vergonha-dúvida; a sabedoria do velho como virtude resultante da resolução do conflito integridade-desejo; a aceitação da dependência como sinal de integridade do ego; a sabedoria como virtude típica da velhice; o valor da velhice e da sabedoria do idoso para a continuidade e o desenvolvimento da sociedade e a cultura como cenário para a emergência e a resolução dos conflitos do curso de vida. O enfoque transcultural permitiu colocar em evidência o papel de variáveis sócio-históricas na determinação de temáticas do desenvolvimento individual e geracional.

A contextualização dos nipo-brasileiros no moderno processo de colonização capitalista do Norte do Paraná permitiu-nos a apreensão das especificidades do grupo, quer em termos da historicidade, quer da temporalidade. O espaço da colonização regional evidenciou, de maneira muito rica, as estratégias de preservação dos valores culturais dos japoneses enquanto mecanismos reafirmadores da identidade do grupo. Portanto, aos nipônicos restou, antes de tudo, a tarefa de referendar sua identidade no âmbito de uma colonização pontuada por múltiplos grupos étnicos, mediados pela experiência cultural.

Os resultados desta múltipla abordagem cristalizam-se nas configurações temáticas dos sujeitos, de modo a permitir identificar o universal e o particular nos depoimentos dos entrevistados.

No que diz respeito à concepção de velhice, constatamos predominância de significados positivos nos três grupos etários considerados. A velhice é traduzida em sabedoria, experiência de vida e consciência das próprias realizações, atributos que garantem respeito e poder aos idosos e se configuram como valor tradicional da família nipônica.

Quanto à elaboração de concepção da própria velhice, os sujeitos apresentaram uma perspectiva

igualmente positiva. Porém, os mais jovens consideraram questões inerentes à realidade sócio-cultural da velhice no Brasil e vislumbram possibilidades de mudança nas práticas e na expectativa de cuidado, as quais atingiriam também os descendentes de segunda, terceira e quarta geração dos imigrantes nipônicos.

Em relação à dependência e ao ser cuidado na velhice, os grupos aceitam a dependência e o cuidado como algo sofrido e temido, porém natural, no ciclo de vida. Para os idosos ela se restringe à dependência física, enquanto que os adultos adjetivam-na, também, de emocional, e os jovens acrescentam a esta classificação a financeira. Todos emprestam adjetivo à dependência física como algo “muito ruim” e continuam a eleger o interior da família como o lugar do cuidado.

A aceitação da dependência é vista como virtude associada à sabedoria, e o cuidado aos idosos é tomado por todos enquanto dever moral e de reciprocidade entre as gerações. Esta concepção reproduz a literatura transcultural, para a qual os cuidados aos idosos são fundamentados na reciprocidade, no dever moral, na piedade filial, e nas relações afetivas, estabelecidas ao longo da trajetória de vida individual e familiar. A dedicação de cuidado aos pais idosos é justificada pela necessidade de cumprimento de metas individuais e culturais associadas à geratividade.

Em relação ao cuidado evidenciou-se, assim, um duplo compromisso: dos idosos, em aceitar serem cuidados, e, dos de meia idade e jovens, de cuidar dos idosos.

O processo de educação na família é apontado como forma privilegiada de preservação de valores de respeito e cuidado do idoso, bem como de manutenção e reforçamento do sentimento de dever de cuidar dos pais.

A dependência é confinada no reduto familiar, cristalizando a visão tradicional da piedade filial, estimulada pela família nipônica, e, assim, explicada em nome da salvaguarda da tradição. Apesar da unanimidade de opinião quanto a que o lugar do idoso dependente é a sua família, os depoimentos abrigaram variações quanto a quem deve cuidar. Os idosos elegem prioritariamente os filhos, mas os adultos indicam também a esposa para o papel. Entre os mais jovens, o dever do primogênito se faz presente de forma menos veemente, talvez como um sinal de que estaria em ação uma nova dinâmica cultural capaz de flexibilizar os pressupostos da piedade filial.

O cuidado devido ao idoso é visto unanimemente pelos sujeitos, como extrato da cultura japonesa, e as tradições culturais são avalizadoras da prática de cuidado. Atribuíram suas concepções, valores e expectativas positivas em relação à velhice e ao

cuidado aos idosos na família, algo definido como traço da “tradicional cultura japonesa”, à qual atribuem a valorização, o respeito e o imperativo de proteção aos idosos, os quais seriam típicos do seu grupo, em contraste com outros. Afirmam ser benéfico preservar, muito embora admitam a presença de dificuldades sócio-culturais crescentes para a realização dessa empreitada.

Provavelmente, as crenças expressas pelos entrevistados tiveram e têm importante papel na definição da identidade do grupo, para o qual a figura idealizada do velho representa importante elo com as tradições culturais do Japão e entre as gerações. Alguns sujeitos adultos e jovens apontaram as mudanças sócio-culturais como possíveis geradoras de alterações nestas concepções, tanto no Japão atual como entre as novas gerações de descendentes de imigrantes no Brasil.

Numa área tão carente de dados, como a escolhida, os resultados da pesquisa ora relatados sugerem novos temas para investigação. Um deles seria o estudo da estrutura familiar, e dentro dela a questão do gênero, de modo a melhor delinear o papel da mulher como cuidadora, na geração que hoje está na meia-idade, provavelmente socializada de acordo com valores e costumes dos primeiros imigrantes, os quais remontam à era Meiji no Japão. Outro foco de investigação seria o confronto entre as concepções, os arranjos e as práticas

de cuidado entre as novas gerações de descendentes de japoneses, os quais, nas duas últimas décadas, afluíram para as grandes cidades em busca de educação e ascensão social e vêm vivenciando mudanças nos valores e papéis familiares, na relação da mulher com o trabalho, nas formas de arranjo domiciliar e nas suas redes de relações informais. Temas importantes a serem tratados por futuras investigações são, ainda, o impacto psicológico do cuidar e do ser cuidado, bem como o papel dos recursos pessoais percebidos sobre o bem-estar psicológico, em indivíduos pertencentes a diferentes gerações.

Acreditamos que os imigrantes japoneses e seus descendentes, residentes no Norte do Paraná e em outras regiões do Brasil, compõem um grupo interessante para a realização de abordagens comparadas e históricas quanto às suas concepções e práticas de cuidado com idosos, bem como quanto às suas crenças sobre o envelhecimento, a velhice e a pessoa idosa. Investigar estes e outros aspectos de sua experiência poderá contribuir para o esclarecimento das formas pelas quais se dá a construção sócio-cultural e individual da velhice, em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J.C. de. *A Colônia Esperança; o japonês na frente pioneira norte paranaense*. Curitiba, 1975. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ. *40 Anos de ACEMA*. Maringá, ACEMA, 1987. Edição Comemorativa do 40º Aniversário da Associação Cultural e Esportiva de Maringá.

AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5.ed. Rio de Janeiro, Delta, 1964, v. 5.

BALTES, M.M.; SILVERBERG, S. A Dinâmica Dependência-Autonomia no Curso de Vida. In: NERI, A.L. (Org.) *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas, Papirus, 1995. p. 73-110.

BALTES, M.M. What is Dependency? In: BALTES, M.M. (Ed.) *The Many Faces of Dependence in Old Age*. New York, Cambridge University Press, 1996. p. 7-24.

BALTES, P.B.; SMITH, J. Psicologia da Sabedoria; origem e desenvolvimento. In: NERI, A.L. (Org.) *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas, Papirus, 1995. p. 41-72.

BAUM, M.; PAGE, M. Caregiving and Multigenerational Families. *The Gerontologist*, v. 31, n. 6, p. 762-769, 1991.

BENEDICT, R. *O Crisântemo e a Espada*. 2.ed. São Paulo, Perspectiva, 1988.

BERCOVICH, A.M. Características Regionais da População Idosa no Brasil. In: 1º Seminário Multidisciplinar de Especialistas Brasileiros em 3ª Idade, 1992, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 1992. p. 41-62.

BERQUÓ, E. Algumas Considerações sobre o Envelhecimento da População no Brasil. In: Seminário Internacional sobre Envelhecimento Populacional; uma agenda para o fim do século, 1996, Brasília. *Anais...* Brasília, [s.n.], 1996. p. 2-32. Mimeografado.

BOERJLIST, J.G. The Neglected of Growth and Development of Employees Over 40 in Organizations; a managerial and training problem. In: SNEL, J.; CREMER, R. (Eds.). *Work and Aging; a european prospective*. London: Taylor & Francis, 1994.

BORN, T. A Chamada Terceira Idade entre os Nikkeis no Brasil. In: *O Nikkei e sua Americanidade*. São Paulo, M. Ohno, 1986.

BRODY, E.M.; LITVIN, S.J.; ALBERT, S.M.; HOFFMAN, C.J. Marital Status of Daughters and Patterns of Parent Care. *Journal of Gerontology*, v. 49, n. 2, p. 95-103, 1994.

BURTON, L.M.; SÖRENSEN, S. Temporal Context and Caregiver Role; perspectives from ethnographic studies of multigeneration African-american families. In: ZARIT, S.H.; PEARLIN, L.I.; SCHAIE, K.Warner (Eds.) *Caregiving Systems; informal and formal helpers*. Hillsdale, Lawrence Erlbaumm Associates, 1993, p. 47-66.

CANÇADO, F.A.X. Transformações nos Padrões de Mortalidade por Idade e Causas. In: 1º Seminário Multidisciplinar de Especialistas Brasileiros em 3ª Idade, 1992, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 1992. p. 85-112.

CARVALHO, J.A. de. Muda a Estrutura Etária do País. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 ago. 1994. Caderno Extra: Agenda 95, p.H3.

CHAPPELL, N.L. Aging and Social Care. In: BIRREN, J.E.; SCHAE, K.Warner (Eds.) *Handbook of the Psychology of Aging*. 3.ed. San Diego, Academic Press, 1990.

COSTA, M.A. Terceira Idade no Brasil; perfil sócio-demográfico. In: 1º Seminário Multidisciplinar de Especialistas Brasileiros em 3ª Idade, 1992, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 1992. p. 63-78.

CUNHA, A.-G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. Introduction; entering the field of qualitative research. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (Eds.) *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, Sage, 1994.

DEPS, V.L. Atividade e Bem-estar Psicológico na Maturidade. In: NERI, A.L. (Org.) *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas, Papirus, 1993. p. 57-82.

DONOW, H.S. Two Approaches to the Care of an Elder Parent; a study of Robert Anderson's "I never sang for my father" and Sawako Ariyoshi Kokotsu no hito "The twilight years". *The Gerontologist*, v. 30, n. 4, p. 486-90, 1990.

ERIKSON, E.H. *Identity, Youth and Crisis*. New York, Norton, 1968.

ERIKSON, E.H. *Childhood and Society*. New York, Norton, 1950-60.

ERIKSON, E.H.; ERIKSON, J.M.; KIVINICK, H. *Vital Involvement in Old Age. The Experience of Old Age on Our Time*. London, Norton, 1986.

FINLEY, N.J.; ROBERTS, M.D.; BANAHAN, B.F. Motivators and Inhibitors of Attitudes of Filial Obligation Toward Aging Parents. *The Gerontologist*, v. 28, n. 1, p. 73-78, 1988.

GATZ, M.; BENGTSON, V.L.; BLUM, M.T. Caregiving Families. In: BIRREN, J.E.; SCHAE, K. Warner (Eds.) *Handbook of the Psychology of Aging*. 3.ed. San Diego, Academic Press, 1990.

- HASHIMOTO, F. *Sol Nascente no Brasil; cultura e mentalidade*. São Paulo, HVF Arte & Cultura, 1995.
- HAVIGHURST, R.J. *Developmental Tasks and Education*. New York, Mc Kay, 1972.
- HOLANDA, A.B. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro, 1991.
- KEITH, J. Care-taking in Cultural Context; anthropological queries. In: KENDING, H.; HASHIMOTO, A.; COPPARD, L.C. (Eds.) *Family Support for the Elderly. The International experience*. Oxford, Oxford Medical Publications, 1992.

LEBRA, T. **S**. *Japanese Patterns of Behavior*. Honolulu, University of Hawaii Press, 1976.

McADAMS, D.P.; AUBIN, ED.ST.; LOGAN, R.L. Generativity Among Young, Midlife, and Older Adults. *Psychology and Aging*, v. 8, n. 2, p. 221-230, 1993.

MEACHAN, J.A. Autonomy, Despair, and Generativity in Erikson's Theory. In: FRY, P.S. (Ed.) *Psychological Perspectives of Helplessness and Control in the Elderly*. [s.l.], Elsevier Science Publishers B.V., 1989.

MORYCZ, R. Caregiving Families and Cross-cultural Perspectives. In: ZARIT, S.H.; PEARLIN, L.I.; SCHAIE, K.Warner (Eds.) *Caregiving Systems; informal and formal helpers*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates, 1993. p. 67-73.

NERI, A.L. = DEBERT, G.G. The Public and the Private Domain in Intergerational Relations in Brazil. *ISSBD News Letter*, v. 28, n. 2, p. 4, 1995.

NERI, A.L. - Bem-estar e Estresse em Familiares que Cuidam de Idosos Fragilizados e de Alta Dependência. In: NERI, A.L. (Org.) *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas, Papirus, 1993. p. 237-85 .

NERI, A.L. - Qualidade de Vida e Idade Madura; interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: NERI, A.L. (Org.) *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas, Papirus, 1993. p. 9-47.

NERI, A.L. - *Envelhecer num País de Jovens; significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas, UNICAMP, 1991.

NEUGARTEN, B.L. Continuities and Discontinuities at Psychological Issues into Adult Life. *Human Development*, v. 12, p. 121-30, 1969.

NEUGARTEN, B.L. Time, Age and the Life Cycle. *American Journal of Psychiatry*, v. 136, n. 7, p. 887-94, 1979.

PEARLIN, L.I.; ZARIT, S.H. Family Caregiving; integrating informal and formal systems for care. In: ZARIT, S.H.; PEARLIN, L.I.; SCHAE, K. Warner (Eds.) *Caregiving Systems; informal and formal helpers*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates, 1993. p. 303-16.

PORTNOY, E. J. The Obsolete Legend; caregiving insights in literature. *Educational Gerontology*, v. 16, p. 561-75, 1990.

PRATA, L.E.; YAZAKI, L.M. O Padrão de Expectativa Familiar de Idosos de Baixa Renda. *Informe Demográfico*, n. 24, p. 99-107, 1991.

PRATT, C.; SCHMALL, V.; WRIGHT, S. Ethical Concerns of Family Caregivers to Dementia Patients. *The Gerontologist*, v. 27, n. 5, p. 632-38, 1987.

RAMOS, L.R.; SANTOS, C.A.; ROSA, T.E.C.; MANZOCHI, L.H. Perfil dos Idosos Residentes na Comunidade no Município de São Paulo, Segundo o Tipo de Domicílio; o papel dos domicílios multigeracionais. *Informe Demográfico*, n. 24, p. 111-30, 1991.

RAMOS, L.R. et al. Perfil do idoso em área metropolitana na região sudeste do Brasil; resultados de inquérito domiciliar. *Revista de Saúde Pública*, v. 27, n.2, p. 87-94, 1993.

REZENDE, T.H. *Ryu Mizuno; saga japonesa em terras brasileira*. Curitiba, Secretaria de Educação e Cultura, 1991.

SÁ, Elizabeth Schneider et al. *Manual de Normalização de Trabalhos Técnicos, Científicos e Culturais*. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1996.

SAAD, P.M. Características Demográficas e Sócio-Econômicas da População Idosa do Estado de São Paulo. In: 1º Seminário Multidisciplinar de Especialistas Brasileiros em 3ª Idade, 1992, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 1992. p. 25-40.

SAAD, P.M. Tendências e Conseqüências do Envelhecimento Populacional no Brasil. *Informe Demográfico*, n. 24, p. 5-10, 1991.

SAITO, H.; MAEYAMA, T. *Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil*. São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1973.

SAKURAI, C. *Romanceiro da Imigração Japonesa*. São Paulo, Sumaré/FAPESP, 1993. (Sér. Imigração).

SARTI, C.A. Reciprocidade e Hierarquia; reações de gênero na periferia de São Paulo. *Cadernos de Pesquisa*, v. 70, ago., 1989.

SELIG, S.; TOMLINSON, T.; HICKEY, T. Ethical Dimensions of Intergeracional Reciprocity; implications for practice. *The Gerontologist*, v. 31, n. 5, p. 624-30. 1991.

SELTZER, M. M.; RYFF, C.D. Parenting Across the Life Span; the normative and nonnormative cases. In: SEATHERMAN, D.L.; LERNER, R.M.; PERLMUTTER, M. (Eds.) *Life-span Development and Behavior*, v. 12. Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates, 1994. p. 1-39.

SEYFERTH, G. Identidade, Território, Pertencimento. *Psicologia & Práticas Sociais*, v. 2, n. 1, UERG, 1994/95.

SILVERSTEINE, M.; LITWAK, E.A. Task Specific Typology of Intergeracional Family Structure in Later Life. *The Gerontologist*, v. 33, n. 2, p. 258-69, 1993.

STADNIKY, H.P. Expropriação e Distribuição Social do Consumo Coletivo; a condição feminina enquanto categoria de análise. *Economia em Revista*, n.3. 1994.

STADNIKY, H.P. Uma Colonização Democrática; a negação das diferenças. *Cadernos de Metodologia e Técnicas de Pesquisa*, Maringá, n. 8, 1996.

SUNG, K. A New Look at Filial Piety; ideals and practices of family-centered parent care in Korea. *The Gerontologist*, v. 30, n. 5, p. 610-17, 1979.

TOBIN, J.J. The American Idealization of Old Age in Japan. *The Gerontologist*, v. 27, n. 1, p. 53-8, 1987.

TOMITA, S.K. The Consideration of Cultural Factors in the Research of Elder Mistreatment with an In-depth Look at the Japanese. *Journal of Cross Cultural Gerontology*, n. 9, p. 39-52, 1994.

TORTATO, A. *50 Anos de Presença Japonesa em Maringá; de 1939 a 1989*. Maringá, [s.n.], 1989. Mimeografado.

UNIVERSIDADE DE TÓQUIO. Comissão de Recenseamento da Colônia Japonesa. *O Imigrante Japonês no Brasil*, Universidade de Tóquio, 1964. p. 766.

VAN GEERT, P. The Structure of Erikson's Model of the Eight Ages; a generative approach. *Human Development*, v. 30, p. 236-54, 1987.

VIEIRA, F.I.S. A Organização da Família e o Processo de Absorção do Japonês. In: *O Japonês na Frente de Expansão Paulista*. São Paulo, Pioneira, 1973. p.109-63.

YAZAKI, L.M.; MELO, A.V.; RAMOS, L.R. Perspectivas Atuais do Papel da Família Frente ao Envelhecimento Populacional; um estudo de caso. *Informe Demográfico* 24; p. 11-86, 1991.

YU, E. et al. Caregivers of the Cognitively Impaired and the Disabled in Shanghai, China. In: ZARIT, S.H.; PEARLI, L.I.; SCHAIE, K. Warner (Eds.) *Caregiving Systems; informal and formal helpers*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates, 1993. p. 5-29.

ANEXOS

ANEXO I

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-
ESTRUTURADA/IDOSOS**

Nome:

Idade:

Sexo:

Nacionalidade:

Estado civil:

Profissão:

Número de filhos:

Número de pessoas no domicílio:

- 1) Como o senhor considera a velhice, de um modo geral?
- 2) O que o senhor acha das limitações e da dependência, na velhice?
- 3) Como o senhor vê o fato de precisar ser cuidado?
- 4) Se fosse necessário, o senhor gostaria de ser cuidado por quem?

- 5) Quais os problemas que o senhor acha que existem para o idoso, ao ser cuidado?
- 6) Quais os problemas que o senhor acha que existem para o cuidador de pessoas idosas?
- 7) Por que o senhor acha que aparecem esses problemas?
- 8) Como os japoneses consideram a necessidade de cuidar e de serem cuidados por alguém?
- 9) Como o senhor acha que está sendo sua velhice?
- 10) E como o senhor acha que será a velhice dos seus filhos e dos moços de hoje?
- 11) Como o senhor acha que será a família deles?
- 12) E como o senhor acha que a família vai lidar com a velhice deles?
- 13) Quais as dificuldades que o senhor acha que as famílias desses jovens encontrarão?
- 14) O que acontece quando o homem idoso de origem japonesa fica doente?
- 15) E o que acontece quando a mulher idosa de origem japonesa fica doente?

ANEXO II**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-
ESTRUTURADA/ADULTOS DE MEIA-IDADE**

Nome:

Idade:

Sexo:

Nacionalidade:

Estado civil:

Profissão:

Número de filhos:

Número de pessoas no domicílio:

- 1) Como o senhor considera a velhice, de um modo geral?
- 2) O que o senhor acha das limitações e da dependência, na velhice?
- 3) Como o senhor vê o fato de precisar ser cuidado?
- 4) Se for necessário, quem lhe proporcionará cuidado?

- 5) Quais os problemas que o senhor acha que existem para o idoso, ao ser cuidado?
- 6) Quais os problemas que o senhor acha que existem para o cuidador de pessoas idosas?
- 7) Como os japoneses consideram a necessidade de cuidar e de serem cuidados?
- 8) Quando mais jovem, o senhor se imaginava nesse papel?
- 9) Há quanto tempo tem estado no papel de cuidador?
- 10) Quais as tarefas que o senhor desempenha?
- 11) Quanto tempo por dia ou por semana o senhor gasta no papel de cuidador?
- 12) Em sua vida social, familiar e profissional, que outras tarefas o senhor desempenha?
- 13) Como o senhor acha que será a sua velhice?
- 14) E como será a velhice dos seus filhos e dos jovens de hoje?
- 15) Como o senhor acha que será a família desses jovens?
- 16) E como o senhor acha que a família vai lidar com a velhice deles?
- 17) Quais as dificuldades que o senhor acha que a família desses jovens encontrarão?

- 18) O que acontece quando o homem idoso de origem japones **a** fica doente?
- 19) E o **que** acontece quando a mulher idosa de origem japones **a** fica doente?

ANEXO III

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI- ESTRUTURADA /
JOVENS

Nome:

Idade:

Sexo:

Nacionalidade:

Estado civil:

Profissão:

Número de filhos:

Número de pessoas no domicílio:

- 1) Como você considera a velhice, de um modo geral?
- 2) O que você acha das limitações e da dependência, na velhice?

- 3) Como **v**ocê vê o fato de precisar ser cuidado?
- 4) Se for **n**ecessário, quem lhe proporcionará cuidado?
- 5) Quais **o**s problemas que você acha que existem para o idoso, **a**o ser cuidado?
- 6) Quais **o**s problemas que você acha que existem para o cuidador de pessoas idosas?
- 7) Como **o**s japoneses consideram a necessidade de cuidar e de serem cuidados por alguém?
- 8) Como **v**ocê acha que será a sua velhice?
- 9) E como será a velhice dos seus filhos?
- 10) Como **v**ocê acha que será a família dos seus filhos?
- 11) E como **v**ocê acha que a família vai lidar com a velhice deles?
- 12) Quais as dificuldades que você acha que as famílias dos seus filhos encontrarão?
- 13) O que acontece quando o homem idoso de origem japonesa fica doente?
- 14) E o que acontece quando a mulher idosa de origem japonesa fica doente?

ANEXO IV

PROTOCOLO/IDOSOS

Transcrição literal das respostas apresentadas pelos idosos

1) Como o senhor considera a velhice, de um modo geral?

Sujeito 1 - Ser velho é importante na família, tem que se respeitar muito e tem que cuidar dele até o fim da vida. No Japão, as pessoas respeitam muito os velhos. Ser velho significa ter bastante experiência e ter perspectiva de vida. Eu acho que a pessoa só se sente velho quando ela não tem mais planos para a vida.

Sujeito 2 - Ser velho é ter mais de 75 anos e isso significa ter muita experiência de vida, principalmente para os imigrantes que chegaram há 87 anos atrás, deixando sua terra natal e procurando uma família. Ser velho é viver com a mente repleta de alegria, esperança e de gratidão e viver intensamente seus dias.

Sujeito 3 - Ser velho é ser experiente e, por isso, deve-se ter muito respeito e ajudá-los. Na cultura japonesa, a gente aprende a respeitar os velhos desde pequeno e isso continua no Japão, só com o pessoal mais antigo. Com os

mais jovens isto está mudando, dado o avanço na economia e, então, os jovens estão ficando cada vez mais materialistas. Por isso, quando se forma uma Colônia japonesa em outro país, se sustenta por mais tempo as coisas boas do sistema japonês. No Brasil, as coisas boas estão aqui e talvez as famílias preservem isso por causa do sofrimento que viveram com o processo de imigração. Este é um dos fatores que faz com que os japoneses continuem a respeitar as pessoas idosas. Quando a gente chega nessa idade, a gente consegue compreender o que foi errado e o que não foi, e aí a gente quer deixar só aquilo que foi bom para os filhos e netos. Hoje eu não quero mais nada, posso só ficar com o chinelo e a roupa no corpo, mas, me deixe com a cabeça que tenho! Eu queria ter 20 anos com a cabeça de hoje! Muitas pessoas acham o velho chato, porque às vezes nós temos pressa em falar as coisas, principalmente, para os nossos filhos ou rapazes mais novos. Mas é uma forma de alertá-los para o futuro. E como nós temos experiência e não temos muito tempo como antigamente, então isso não é pressa, é o caminho, está mais curto, não é?

Sujeito 4 - Ser velho é sentir que podemos ensinar muitas coisas aos jovens. Velhice é um estado no qual a gente olha para trás e vê quanta coisa a gente fez, se essas coisas foram boas ou ruins. Ser velho é ter sabedoria, é uma fase muito bonita da vida, porém, assustadora.

Sujeito 5 - Ser velho é poder ser amado e respeitado pelos filhos. A velhice para mim significa uma coisa muito

boa, mas que às vezes assusta, porque não sabemos o que poderá acontecer amanhã.

Sujeito 6 - Ser velho é ter muita experiência e poder ajudar os filhos. A velhice para mim significa ajudar os outros com a nossa experiência.

Sujeito 7 - Para mim, ser velho é ter a consciência de que já fez o suficiente. Errando, mas de cabeça erguida. A velhice significa a plenitude de um ser.

Sujeito 8 - Ser velho é poder lembrar do passado e isso é muito bom! Ela significa olhar para trás e ver quantas coisas boas nós já fizemos.

2) O que o senhor acha das limitações e da dependência, na velhice?

Sujeito 1 - Acho que isso não é bom. Ser dependente, para ser cuidado a todo momento, deve ser horrível, mas espero ser cuidado pelos meus filhos. Como já estou com 70 anos, meu filho vai comprar um terreno para construir uma casa para ele e uma para mim e minha esposa. Não é para morar dentro da casa dele, não! É só tocar uma campainha da minha casa para a casa dele e pronto! Acho isso ruim! Eu não gostaria de depender de ninguém para tomar banho, comer, e fazer outras coisas.

Sujeito 2 - Acho a coisa mais triste, mas se isto acontecer a gente tem que se conformar. A pessoa deve ficar muito triste e deprimida por ter que depender 24 horas por dia.

Sujeito 3 - Deve ser uma coisa muito ruim. Se for para eu morar com meu filho, com saúde, tudo bem, mas sem saúde é difícil. Deve ser péssimo, mas se isto acontecer devemos nos conformar porque, graças a Deus, temos a nossa família para cuidar de nós. Imagine aqueles que não têm família.

Sujeito 4 - Ninguém quer ficar assim, mas quando se fica doente, não tem jeito, tem que depender de alguém. Eu nunca pensei sobre isso! Mas pensando agora, se eu ficar dependente e doente e meu filho cuidar de mim, vou me sentir realizado.

Sujeito 5 - Acho que elas são muito ruins, porque depender dos outros para cuidar da gente não é muito bom. De um modo geral, acho que a dependência é uma coisa natural da vida e ela acontece na infância e na velhice.

Sujeito 6 - Bom, eu acho que deve ser horrível, mas se isso acontecer a gente tem que se conformar. Gostaria de não precisar depender, mas se Deus quis assim, então tudo bem!

Sujeito 7 - Bom, acho que ninguém quer ficar assim não é? Para mim essa é uma situação que me incomodaria muito,

porque não gosto de depender de ninguém. Penso que deve ser a pior coisa do mundo.

Sujeito 8 - Sei lá, acho que não seria nada bom. É horrível, porém, se eu ficasse assim, acho que morreria antes da hora.

3) Como o senhor vê o fato de precisar ser cuidado? 4) Se for necessário, o senhor gostaria de ser cuidado por quem?

Sujeito 1 - Eu não gostaria de incomodar ninguém, mas se tiver que ser cuidado e assim Deus quiser, tudo bem. Nesse caso, tenho certeza que os meus filhos cuidarão de mim. Tenho quase certeza que será o meu filho mais velho e, portanto, minha nora também ajudará a cuidar de mim. Acho que isso ainda persiste aqui no Brasil, porque no Japão isso está se tornando diferente, porque todo mundo tem que trabalhar agora.

Sujeito 2 - Eu penso que alguém da família vai ter que cuidar de mim. Acho que quem vai cuidar de mim é meu filho mais velho, assim como é o sistema japonês. Para que os filhos conservem este valor, é importante que os pais dêem uma boa educação, ou seja, é importante que eles ainda passem estes valores aos seus filhos. Aí, não importa quem vai cuidar, se é o primeiro, segundo, terceiro, e assim por diante...

Sujeito 3 - Se isso tiver que acontecer, espero que os meus filhos não me abandonem. No meu caso, acho que será o meu filho mais velho que cuidará de mim, porque ele está mais preparado para isso.

Sujeito 4 - Acho que é a lei natural da vida. No meu caso, acho que será o meu filho mais velho e a minha nora, porque ele já foi educado para isso, dentro do sistema japonês.

Sujeito 5 - Acho que isso é a lei natural da vida. Todos nós cuidamos e também precisamos ser cuidados. Acho que meus filhos vão cuidar de mim.

Sujeito 6 - Sei lá! Nunca pensei nisso! Mas talvez eu tenha que me conformar com essa situação. Acho que meus dois filhos cuidariam de mim, se não for o mais velho, será o segundo.

Sujeito 7 - Acho que não será nada bom! Mas se isso acontecer minha família cuidará de mim, assim, jamais terei que ir para um asilo.

Sujeito 8 - Bom, se eu ficar dependente espero ser cuidado por alguém da minha família. Nesse caso, acho que será a minha filha mais velha.

5) Quais os problemas que o senhor acha que existem para o idoso, ao ser cuidado?

Sujeito 1 - Acho que a gente deve se sentir muito mal por ter que depender dos outros para tomar banho, se alimentar, etc.

Sujeito 2 - Ele deve se sentir muito triste e procurar sempre respeitar muito o filho, a nora, a família. Deve manter sempre a harmonia na família.

Sujeito 3 - Eu acho que a minha cultura prepara para isso. A filosofia é "cuida que será cuidado", porque o que plantar, colhe. Mas eu, também, acho que isto mudou um pouco porque os jovens de hoje são diferentes dos jovens de antigamente. Ex: aulas de moral "Sushin".

Sujeito 4 - Acho que o que deve existir é uma certa tranqüilidade porque a família se encarregará de dar apoio ao idoso.

Sujeito 5 - Muito deprimido, triste e outros...

Sujeito 6 - Acho que deve ser horrível e isso faz com que ele fique ainda mais chateado. Afinal, o desempenho será dele.

Sujeito 7 - Se ele tiver uma família que se considere verdadeiramente japonesa, ele pode ficar tranqüilo porque cuidar dos pais é muito importante na nossa cultura.

Sujeito 8 - Muito triste e desgostoso da vida.

6) Quais os problemas que o senhor acha que existem para o cuidador de pessoas idosas?

Sujeito 1 - Quem cuida deve pensar no bem-estar do pai e da mãe e fazer o melhor por eles.

Sujeito 2 - Isto não é mais do que gratidão pelos anos de cuidado que receberam.

Sujeito 3 - Depende de quem cuida, se for os filhos é uma obrigação e gratidão para com os pais. Se for a esposa é porque ela é sua companheira.

Sujeito 4 - Amor e gratidão.

Sujeito 5 - Muito cansativo. Principalmente, se o casal trabalha fora.

Sujeito 6 - Obrigação, isso é o que os filhos têm que ter para com os seus pais.

Sujeito 7 - Se for um filho ele deve se sentir realizado porque está cumprindo sua obrigação para com os pais.

Sujeito 8 - Deve sentir e entender como uma obrigação moral.

7) Por que o senhor acha que surgem esses problemas?

Sujeito 1 - Por uma questão de cultura e educação. Não vejo nenhuma dificuldade.

Sujeito 2 - Acho difícil responder, mas acho que é por causa da filosofia de vida dos japoneses. Passei por essa situação e não encontrei nenhum tipo de dificuldade.

Sujeito 3 - Essas questões de obrigação para com os pais aparecem em função dos ensinamentos para com os filhos, da "prática do amor" durante a vida. Se for assim, não encontrará dificuldade.

Sujeito 4 - Em função dos ensinamentos da nossa cultura. E para o bem-estar dos pais sempre se solucionam as dificuldades.

Sujeito 5 - Como já lhe falei, na nossa cultura a gente espera que todos cooperem entre si.

Sujeito 6 - Baseado na nossa cultura. As dificuldades só acontecem em função de que o casal trabalha fora hoje em dia e isso, de uma certa forma, se conflita com alguns princípios da nossa cultura.

Sujeito 7 - Por questões culturais.

Sujeito 8 - Porque na nossa cultura é assim. Não se deve reclamar dos cuidados para com os pais. Acho que em função disso não existe dificuldade.

8) Como os japoneses consideram a necessidade de cuidar e de serem cuidados por alguém?

Sujeito 1 - Na nossa cultura, todos cooperam entre si.

Sujeito 2 - Na cultura japonesa, cuidar dos idosos é uma questão de respeito e agradecimento.

Sujeito 3 - Os pais ajudam bastante os filhos e estes têm uma gratidão muito grande pelos pais. Por ex.: as pessoas que levam os pais para o asilo não pensam assim.

Sujeito 4 - Na nossa cultura, isso é uma coisa que não precisa ser ensinada para os filhos, eles já vão entendendo dessa forma. Isso não precisa ser explicado, eles sabem o que têm que fazer. Por ex.: a minha filha precisa cuidar da sogra, porque ela também se casou com outra família e, então, deve ter gratidão pela mãe de seu marido.

Sujeito 5 - Como já disse, a minha cultura prepara as gerações para o cuidado dos pais. Por ex.: No Japão, antes da guerra, nós tínhamos aulas de "Sushin" e nessa aula se passava toda essa questão moral. Também se discutia o respeito para com a família, com o idoso e etc. E com o processo sofrido que tivemos com relação à imigração, estamos tentando pelo menos deixar um pouco destas coisas para nossos filhos.

Sujeito 6 - Na nossa cultura, temos que retribuir o que nossos pais nos deram. Isto é o mínimo que podemos fazer.

Sujeito 7 - Nós temos que ter respeito aos pais e tomar conta deles, este é um valor muito forte entre os japoneses, assim como temos que valorizar muito nossa família.

Sujeito 8 - Na cultura japonesa não é vergonhoso o pai depender do filho. Isto na nossa cultura é muito bem aceito, é considerado normal. E o compromisso de cuidar do pai passa a ser uma gratidão.

9) Como o senhor acha que está sendo sua velhice?

Sujeito 1 - Acho que minha velhice será com muita harmonia, junto com meu filho e minha nora.

Sujeito 2 - Pretendo ter um espírito bem jovem e me relacionar com meus netos.

Sujeito 3 - Bem, eu já sou velho, não é? Já comecei a parar de fazer algumas coisas que a idade não me permite, como dirigir, trabalhar. Atualmente, tenho investido em leituras, em jogo de "gateball" e em tomar vinho. Me sinto muito feliz assim, porque não tenho mais preocupação e estou realizado. Só espero não ficar doente, porque se tiver que morrer, que morra de repente!

Sujeito 4 - Espero que eu não seja um velho chato, como também rezo para não dar trabalho para os outros. Prefiro morrer de repente.

Sujeito 5 - Espero que seja mais tranqüila do que já é. Porque hoje me sinto realizado e feliz ao lado dos meus filhos.

Sujeito 6 - Espero que seja feliz e sem problemas, em harmonia com a minha família.

Sujeito 7 - Penso que ela deverá ser muito boa. Claro! Se eu não ficar doente!

Sujeito 8 - Será com muita felicidade, paz e missão cumprida.

10) E como o senhor acha que será a velhice dos seus filhos e dos moços de hoje?

Sujeito 1 - Acho que vai ser bem diferente porque tudo muda, mas alguns princípios de educação podem não mudar tão rápido assim.

Sujeito 2 - A velhice deles vai ser diferente porque eles terão menos filhos para contar nos negócios e, conseqüentemente, para cuidar deles.

Sujeito 3 - Tudo depende da educação que eles darão a seus filhos. Se eles forem carinhosos com seus filhos não terão, portanto, uma velhice ruim. Mas, se não souberem educar bem seus filhos, poderão acabar sozinhos.

Sujeito 4 - Vai ser bem diferente, acho que eles se preocuparão mais na velhice do que nós.

Sujeito 5 - Acho que a velhice deles será um pouco diferente da minha. Acho que o mundo estará diferente na maneira de agir e de pensar. Na minha opinião será mais difícil que a velhice de hoje.

Sujeito 6 - Não tenho idéia. Mas talvez acho que eles estarão mais estabilizados financeiramente. Porque nós, imigrantes, tivemos que construir isso aqui com muito sacrifício.

Sujeito 7 - Acho que dependerá da solidariedade que eles vão cultivar nas suas famílias para que tenham sua velhice garantida.

Sujeito 8 - Acho que eles terão mais preocupações porque o mundo estará bem diferente.

11) Como o senhor acha que será a família deles? 12) E como a família vai lidar com a velhice deles? 13) Quais as dificuldades que o senhor acha que a família desses jovens enfrentarão?

Sujeito 1 - Não sei, não tenho idéia. As dificuldades talvez sejam que eles terão um menor número de filhos para cuidar deles.

Sujeito 2 - Bom, acho que vai mudar um pouco, mas não vai ser tão ~~d~~e repente. Ex: meu filho não gostava de comida japonesa e ~~a~~gora, com 45 anos, só gosta de comida japonesa. Veja, ele ~~v~~oltou às origens e é isso que acontece com os princípios ~~f~~amiliares. Estes princípios não acabam com 100 ou 200 anos, eles demoram muito mais tempo. Eu acho que quando se ~~t~~em amor, não se encontra dificuldade.

Sujeito 3 - Isso depende da educação. Se os valores foram passados de geração em geração, isso demora para acabar. ~~D~~evemos considerar que as modificações sempre ocorrem, ~~m~~as não de forma radical.

Sujeito 4 - Diferente, mas não consigo imaginar!

Sujeito 5 - Não terão mais tempo para cuidar dos pais.

Sujeito 6 - Acho que a família deles será bem menor que a minha e ~~p~~or isso eles terão que se unir mais. Quanto às dificuldades, acho que se todos se ajudarem não terão problemas.

Sujeito 7 - Não sei! Talvez se eles souberem educar bem seus filhos, não encontrarão nenhum problema.

Sujeito 8 - Depende também de eles terem princípios religiosos. Porque se isso acontecer, não terão problemas.

14) O que acontece quando o homem idoso de origem japonesa fica doente?

Sujeito 1 - Os filhos ou a esposa cuida.

Sujeito 2 - Ele deve ser cuidado como qualquer outra pessoa.

Sujeito 3 - Se tiver esposa deve ser ela; se não, são os filhos.

Sujeito 4 - Todos da família devem cuidar (filhos, mulheres e parentes).

Sujeito 5 - Os filhos devem cuidar, principalmente se forem os pais.

Sujeito 6 - Ele deverá ser cuidado como qualquer outro da família.

Sujeito 7 - Como todo mundo.

Sujeito 8 - Deve ser cuidado primeiro pela esposa e depois pelos filhos.

15) E o que acontece quando a mulher idosa de origem japonesa fica doente?

Sujeito 1 - Quem cuida geralmente são os filhos.

Sujeito 2 - Igual aos homens.

Sujeito 3 - O que importa é que ambos são pais, não existe diferença na nossa cultura.

Sujeito 4 - Quando a mulher morre primeiro que o marido, muitas delas falam: "Desculpa, bem, porque eu não pude cuidar de você". Porque na nossa cultura é a mulher que está preparada para cuidar do marido.

Sujeito 5 - Os filhos.

Sujeito 6 - Na maioria das vezes são os filhos.

Sujeito 7 - Os pais devem ser cuidados de maneira igual, tanto o homem quanto a mulher. Mas, no caso da mãe, na maioria das vezes são os filhos.

Sujeito 8 - Acho que os filhos.

ANEXO V

PRO TOCOLO/ADULTOS DE MEIA-IDADE

Transcrição literal das respostas apresentadas pelos adultos cuidadores e não cuidadores

1) Como o senhor considera a velhice, de um modo geral?

Sujeito 1 - A gente nasce, cresce e morre. A velhice seria o coroamento de uma vida, de uma vida de trabalho e de realizações. Ser velho para mim significa ser realizado, ser pleno, ter muita experiência de vida; enfim, ser sábio.

Sujeito 2 - Nesse curso da vida, a pessoa idosa é aquela pessoa dotada, instrumentalizada, em sua vivência, de alguns conhecimentos, é claro que nem todas as pessoas idosas transmitem só experiências positivas, seguramente há aspectos negativos também. Etimologicamente falando, o ideograma japonês retrata bastante esse aspecto. A própria letra que escreve "pessoa idosa" (λ) se caracteriza por ser uma pessoa já "envergada" e que muitas vezes tem que usar aquela bengala, então, é uma pessoa curvada pelo tempo e pela experiência.

Sujeito 3 - Eu encaro uma pessoa idosa como se fosse um líder, uma **p**essoa que deve ser respeitada e ouvida. Ser velho é ser **r**ealizado com tudo aquilo que fez.

Sujeito 4 - Nós, jovens, devemos sempre ter como parâmetro **a**s pessoas idosas, pela sua experiência, e devemos **f**icar bastante atentos para tirar a essência das coisas boas que eles nos trazem e ensinam. Velhice significa um **a** vida plena de realizações.

Sujeito 5 - A velhice seria a fase de sabedoria da vida. Veja, quant**a**s coisas ele (o velho) pode nos ensinar! Nós temos muit**o** o que aprender com eles. Velhice para mim significa sab**e**doria, ou seja, aquele que pode ensinar os mais jovens, filh**o**s e netos.

Sujeito 6 - Bem, hoje que estou mais maduro, penso de maneira diferente. Acho que ser velho é a coisa mais importante, porque o velho significa uma pessoa que já passou por uma experiência muito grande de vida e, portanto, dev**e**mos respeitá-lo e amá-lo. Velhice significa ter passado por muita experiência, mas não só por experiências boas, mas **t**ambém por aquelas ruins.

Sujeito 7 - Velhice para mim é uma etapa da vida que deve ser respeitada, porque devemos considerar que nesta fase a **p**essoa já cumpriu com tudo aquilo que ela havia se proposto. Velhice, para mim, significa ter passado por uma vida de trabalho e realizações.

Sujeito 8 - Acho que é muito da fase da vida e que devemos ter muito respeito. Às vezes eu penso no meu pai, que já é velho! Veja, ele veio como imigrante para o Paraná e passou por momentos muito difíceis e hoje ele é uma pessoa realizada, ou seja, ele está na sua plenitude. A velhice então, significa poder contar com o amor dos filhos e da família.

2) O que o senhor acha das limitações e da dependência, na velhice?

Sujeito 1 - Todo mundo um dia tem que depender de alguém, não é? Inevitavelmente, aqueles que morrerem por idade, um dia vão precisar, principalmente de seus filhos, noras e de outras pessoas da família. Como já disse, isso faz parte da vida. Porém, se pudermos passar sem ela, melhor. Mas se isso acontecer temos que encarar com naturalidade.

Sujeito 2 - Eu vejo a dependência como uma coisa normal da vida. Nós também fomos dependentes de nossos pais durante a nossa infância, adolescência, até a maioridade. Acho que ninguém gostaria de ficar dependente físico, mas, se isso acontecer, temos que aceitar com naturalidade.

Sujeito 3 - Com o passar do tempo, depender de alguém é inevitável. Às vezes, o idoso depende até da criança, parente ou, em alguns casos, de asilos. Todos nós já somos "dependentes" emocionalmente, não conseguimos viver

totalmente sós. O que eu acho complicado é se tornar dependente por causa de doença e, por causa disto, atrapalhar a dinâmica de vida das pessoas.

Sujeito 4 - Bom, na sociedade, não se consegue viver só e essa dependência cedo ou tarde virá. Na nossa filosofia não há como viver sozinho, sempre se está na dependência de uma outra pessoa e eu acredito que este é o ciclo da vida e não há como fugir disso. Se for uma dependência física deve ser horrível. Acho que eu me sentiria muito incomodado com isso.

Sujeito 5 - A dependência faz parte da nossa vida, não é? Agora a dependência física, a impossibilidade para cuidar de si próprio é ruim. Mas faz parte da nossa vida. A dependência física, para mim, é a coisa mais complicada porque a pessoa tem que depender de um familiar e isso de uma certa forma altera a rotina das pessoas.

Sujeito 6 - Acho que é uma coisa natural, porque nascemos dependentes, nos tornamos independentes e voltamos a ser dependentes. Esse é o ciclo da vida. Agora acho que ser dependente físico é muito deprimente.

Sujeito 7 - Acho a dependência, de um modo geral, uma coisa normal, pois não vivemos sem ela. Como já disse, a dependência ocorre na vida das pessoas. Mas dependendo do tipo de dependência, ela pode deixar o indivíduo se sentindo muito "impotente", como é no caso da dependência física.

Sujeito 8 - Acho que a dependência física deve ser horrível, e **P**enso que o indivíduo deve se sentir impotente. Acho que **a** dependência física é a pior, embora ela nem sempre **a**conteça na vida das pessoas. Acho que, se eu ficar assim, ficar**ã** a mais doente ainda.

3) Como o senhor vê o fato de precisar ser cuidado? 4) Se for neces**s**ário, quem lhe proporcionará cuidado?

Sujeito 1 - Não me incomodaria, não. Porque, hoje, cuido do meu sogro com o maior prazer. Em casa, acho que quem cuidará de **mim** será a minha esposa (se estiver viva), senão o meu filho.

Sujeito 2 - Se isso acontecer encararei com naturalidade. A esposa e **d**e depois os filhos.

Sujeito 3 - A gente espera que isso não aconteça para não tirar a indi**v**idualidade dos filhos, mas se acontecer espero ser cuidado **p**or alguém da minha família (esposa ou filhos).

Sujeito 4 - Acho isso uma coisa normal e espero ser cuidado, **c**aso eu adoeça. Acho que quem cuidará de mim será minha **e**sposa, e depois o meu filho mais velho.

Sujeito 5 - Se eu ficar doente eu espero ser cuidado por alguém da **m**inha família.

Sujeito 6 - A gente espera que isso não aconteça, mas caso ela aconteça espero ser cuidado por um dos meus filhos ou por minha esposa.

Sujeito 7 - Acho isso natural. Assim como estou cuidando do meu pai, espero também ser cuidado pelos meus filhos, na velhice.

Sujeito 8 - Pela experiência que estou passando com a minha mãe, encaro isso com naturalidade. Espero ser cuidado pela minha esposa, se estiver viva, ou então pelo meu filho mais velho.

5) Quais os problemas que o senhor acha que existem para o idoso, ao ser cuidado?

Sujeito 1 - Bem, eu acredito que os idosos não se sentiriam bem com esta situação, mas de um modo geral eles esperam que sejam cuidados, então o fato de ser cuidado já ameniza bastante o desconforto dele se sentir totalmente dependente.

Sujeito 2 - Se ele for ser cuidado em um asilo, o sentimento é de "vergonha", porque o asilo deveria ser o último lugar para se recorrer. Em relação ao fato do idoso ser cuidado em casa, acho que ele se sentiria bem e feliz. Ele vai se sentir valorizado e digno de respeito.

Sujeito 3 - Feliz e tranqüilo, se estiver sendo cuidado pelos filhos, porque era isso que eles esperavam.

Sujeito 4 - Talvez, ele não se sinta bem por estar doente, mas por outro lado, se sentirá bem por sentir o apoio e preocupação da família para com ele.

Sujeito 5 - Acho que ser cuidado por problemas de incapacidade física deixa as pessoas muito deprimidas.

Sujeito 6 - Sei lá! Talvez a sensação de estar sendo amparado reflita um estado de tranqüilidade.

Sujeito 7 - Acho que ele deverá se sentir triste, infeliz por estar doente, mas realizado por estar sendo cuidado pela sua família.

Sujeito 8 - Acho que ele deve se sentir "mal" por ter que depender de alguém.

6) Quais os problemas que existem para o cuidador de pessoas idosas?

Sujeito 1 - Para quem cuida, se esta pessoa for um filho ou uma filha, acho que não veriam nenhum problema. Porque isso faz parte das suas obrigações para com os pais.

Sujeito 2 - Devemos nos sentir felizes por cuidar dos idosos e não devemos considerar esta tarefa como um "favor".

Sujeito 3 - Acho que ele deve se sentir feliz por proporcionar aos idosos um relativo conforto.

Sujeito 4 - Fica com a consciência tranqüila, na medida em que imagina que as pessoas idosas estão se sentindo tranqüilas e felizes por saberem que estão sendo cuidados pelos filhos .

Sujeito 5 - Devemos sempre pensar que "não estamos cuidando dos idosos", e sim que estamos "convivendo com o idoso".

Sujeito 6 - Bem, a relação Idoso/Cuidador não é fácil. Porque quem assiste sempre tem mais força, vigor, e, portanto, esta determinação deve ser transformada em harmonia com o idoso. Lógico que isto depende do bom relacionamento de ambos; mas a filosofia é conciliar essa relação idoso/cuidador de uma maneira mais humana e justa possível, mesmo porque na situação do idoso doente a própria posição se enfraquece em relação a quem assiste.

Sujeito 7 - O cuidador tem que ter condição de transmitir ao idoso certa segurança até o final da vida, garantindo, dessa forma, o calor humano, a compreensão ou resgate até certo ponto da dignidade enquanto ser humano.

Sujeito 8 - Acho que faz parte do seu dever como filho ou esposa.

7) Como os japoneses consideram a necessidade de cuidar e de serem cuidados por alguém?

Sujeito 1 - No Japão, a exemplo da Coréia e da China, esta é uma obrigação do filho mais velho. Antigamente, no Japão era assim, mas houve mudança, e com isso esse valor também sofreu alteração. O que acontece hoje é que países desenvolvidos estão sofrendo uma carência ou limitação do próprio filho. Em virtude da limitação no número de filhos, somada à questão da longevidade, evidentemente haverá um afastamento dos filhos no seio da família e isso cria, até certo ponto, um problema para os pais que estavam acostumados com os valores antigos. Atualmente, no Japão, o casal trabalha fora e daí o contato com os pais está se tornando reduzido. Surge, então, uma nova alternativa: os filhos ou os próprios pais procuram os apartamentos destinados a idosos, que é diferente dos asilos. Nesses apartamentos, o idoso tem toda uma infra-estrutura, como atendimento médico e outras coisas. Além disso, o governo, que destinava recursos públicos para as creches, está agora destinando verbas para atender essa faixa etária. Pois, com o alto contingente de pessoas idosas, só há uma filosofia para se adequar a esse problema, ou seja, proporcionar atendimento durante o dia nas instituições e, à noite, o idoso volta para a sua casa. Isto é, de uma certa forma, interessante, porque o idoso não perde o convívio com os filhos, netos e outros. Outra preocupação é que se o idoso ficar confinado no asilo, seguramente perderá o contato com

o mundo exterior, podendo chegar até a uma alienação dos valores sociais. Para aqueles que não podem sair porque estão muito doentes, a filosofia é de levar assistência, desde refeição, banho, etc.

Sujeito 2 - Nas famílias japonesas, as noras e genros chamam a sogra e o sogro de mãe e pai. Antigamente, o idoso deveria ser cuidado pelo filho mais velho, mas, atualmente, isto não está mais acontecendo. Hoje, o que define é aquele filho que tem mais afinidade. Isso está acontecendo aqui e no Japão. Outro aspecto, também, é que as moças não querem mais ter o compromisso de cuidar de seus sogros ou sogras, porque elas trabalham fora e também estão mais independentes. Isso retrata que está havendo mudança nos valores.

Sujeito 3 - Cuidar do velho, na nossa cultura, é uma coisa esperada, e por isso nos sentimos realizados por cuidar dos nossos pais. Afinal, eles cuidaram muito de nós e agora é nossa vez.

Sujeito 4 - Cuidar dos pais é, para os filhos, uma retribuição pelo que eles fizeram por nós.

Sujeito 5 - O cuidado é uma coisa que acontece naturalmente. Ele está presente em todos os momentos da vida de uma pessoa.

Sujeito 6 - O cuidado é um dever dos filhos para com seus pais. Na nossa cultura isso é uma coisa muito presente.

Sujeito 7 - Cuidar dos mais velhos é uma obrigação da família, porque assim também se mostra o respeito que temos por ele.

Sujeito 8 - Na nossa cultura, talvez isso seja a forma mais aparente de demonstrar a gratidão que temos pelos nossos pais.

8) Quando mais jovem, o senhor se imaginava nesse papel?

Sujeito 1 - Sim. Sempre soube que isto ia acontecer, porque é a lei natural da vida.

Sujeito 2 - Sim. Porque os mais novos devem cuidar dos mais velhos quando estes estão doentes, assim como nossos pais cuidaram de nós quando éramos pequenos.

Sujeito 3 - Não desempenho este papel porque estou longe dos meus pais, mas, com certeza, se estivesse perto deles, estaria cuidando com o maior prazer.

Sujeito 4 - Não realizo esta tarefa ainda, mas tenho a consciência e as condições para realizá-la.

Sujeito 5 - Sempre tive isso muito claro. Que se meus pais precisassem eu os ajudaria. Principalmente porque sou filho mais velho.

Sujeito 6 - Sim porque esta é minha obrigação enquanto filho.

Sujeito 7 - Sim.

Sujeito 8 - Sim.

9) Há quanto tempo tem estado no papel de cuidador?

2 responderam - 1 ano

2 responderam - 1 ano e meio

1 respondeu - 2 anos

1 respondeu - 4 anos

2 não são cuidadores.

10) Quais as tarefas que o senhor desempenha?

Sujeito 1 - Vai ao banco

Sujeito 2 - Caminha com o idoso

Sujeito 3 - Cuida dos negócios do pai e mantém a casa

Sujeito 4 - Às vezes, ajuda a dar banho e alimentação.

Sujeito 5 - Cuido dos seus negócios, porque é minha esposa que ajuda no cuidado do dia-a-dia.

Sujeito **6** - Levo ao fisioterapeuta, médico, etc.

11) **Quanto** tempo por dia ou por semana o senhor gasta no papel **de** cuidador?

O **tempo** mencionado pelos cuidadores variou de 1 a 4 horas.

12) **Em** sua vida social, familiar e profissional, que outras **tarefas** o senhor desempenha?

Todos **responderam** que trabalham em seus negócios, somente **dois** responderam que são dirigentes das Igrejas Budistas.

13) **Como** o senhor acha que será a sua velhice?

Sujeito **1** - Acho que a idade cronológica não interessa muito, **pois** tudo depende da sua mente; então, se a gente tiver uma **mente** positiva, a gente vai ter uma vida boa.

Sujeito **2** - Será cheia de conhecimento sobre a vida. Por isso, é **importante** viver a vida intensamente, ou seja, dia-a-dia.

Sujeito **3** - A velhice tem que ser encarada dentro do ciclo **natural** da vida; portanto, eu acho que ela vai ser boa.

Sujeito 4 - Acho que ela será maravilhosa. Se Deus quiser!

Sujeito 5 - Acho que terei muito mais experiência do que tenho hoje.

Sujeito 6 - Se Deus quiser, quero estar saudável.

Sujeito 7 - Acho que será muito boa!

Sujeito 8 - Quero continuar com esse espírito jovem na velhice.

14) E como será a velhice de seus filhos e dos jovens?

Sujeito 1 - Acho que vai mudar bastante. Não seremos tão cuidados como estão sendo nossos pais, porque as coisas mudam.

Sujeito 2 - Diferente da nossa.

Sujeito 3 - Será bem diferente da nossa, só que com muitos problemas.

Sujeito 4 - Não tenho idéia!

Sujeito 5 - Não consigo imaginar, mas provavelmente os valores já tenham mudado bastante até lá.

Sujeito 6 - Acho que terão menos apoio dos filhos.

Sujeito 7 - Acho que envelhecerão com menos pessoas na família, o que pode dificultar o cuidado com os pais idosos.

Sujeito 8 - Não consigo imaginar.

15) Como o senhor acha que será a família dos seus filhos? 16) E como a família vai lidar com a velhice deles? 17) Quais as dificuldades que as famílias desses jovens encontrarão?

Sujeito 1 - É difícil imaginar

Sujeito 2 - Acho que até lá encontrarão melhores recursos do que os asilos. As dificuldades estão relacionadas com o trabalho da mulher fora de casa.

Sujeito 3 - Dificuldades: distância geográfica; falta de empregada; falta de conforto espiritual.

Sujeito 4 - Vai ser diferente, mas acho que ainda terá respeito para com o idoso, assim como é hoje no Japão.

Sujeito 5 - Acho que perderão um pouco mais do que já perdemos dos valores japoneses, mas mesmo assim penso que ainda cuidarão dos idosos.

Sujeito 6 - Vai ser menor do que as de agora, e isso poderá dificultar, em caso de doença.

Sujeito 7 - Não sei! É difícil imaginar.

Sujeito 8 - Vai ser diferente, talvez a família tenha mais dificuldade para cuidar de seus idosos.

18) O que acontece quando o homem idoso de origem japonesa fica doente?

Sujeito 1 - Ele é cuidado como qualquer outra pessoa.

Sujeito 2 - Quando o homem fica doente, se a mulher não tiver morrido, é ela quem cuida. Se a mulher já tiver morrido, é o filho mais velho que é responsável. Caso este filho seja do sexo masculino, os cuidados do dia-a-dia ficam com a nora.

Sujeito 3 - Os filhos cuidam.

Sujeitos 4, 5, 6, 7, e 8 - A esposa, se estiver viva. Se não, os filhos.

19) E o que acontece quando a mulher idosa de origem japonesa fica doente?

Sujeito 1 - Quem cuida é a nora ou a filha, dependendo do sexo do primeiro filho.

Sujeito 2 - A cultura japonesa é muito machista, então é difícil o marido cuidar dela. Então, são os filhos.

Sujeitos 3, 4, 5, 6, 7, e 8 - No caso da mãe ficar doente, sempre é os filhos que cuidam.

ANEXO VI

PROTOCOLO/JOVENS

Transcrição literal das respostas apresentadas pelos jovens

1) Como você considera a velhice, de um modo geral?

Sujeito 1 - A velhice seria como um estágio onde você já atingiu o que você tinha que aprender. Então, você passa a dividir esse seu conhecimento com alguém mais novo. Eu vejo a velhice como um estágio onde as pessoas passam a espalhar seu conhecimento para que as novas gerações não cometam os erros do passado. Sendo assim, só os velhos é que podem orientar os jovens. Desta forma, assim os jovens aprendem e evoluem mais rápido. Na minha cultura o respeito pelos mais velhos vem em primeiro lugar. O respeito para com o idoso ainda continua, acho que isso ainda não mudou nada. Eu aprendi isso em casa e pretendo passar para os meus filhos. Meus pais sempre conversaram comigo sobre a importância de se respeitar o idoso e eu acho que eles estão corretíssimos. Para mim, significa uma parte da vida onde eu possa pensar mais em mim ou talvez mais nos outros. A velhice é uma fase em que você pode fazer coisas para os jovens e também se dedicar a si próprio. Talvez prevenir as gerações mais jovens a não cometer o mesmo erro que você cometeu durante a sua evolução.

Sujeito 2 - A visão que eu tenho é que esta é uma fase de descanso, após ter realizado tudo o que você já realizou na vida, de produtivo, em termos de profissão, e depois você tem o descanso. Mas em termos de vida você ainda continua realizando coisas. A velhice é o resultado de tudo que você conseguiu anteriormente. Se você está bem na velhice é porque você construiu isso anteriormente, passo a passo.

Sujeito 3 - Eu vejo a velhice como um estágio onde a pessoa já viveu tudo, então por isso ele pode falar coisas que você ainda não viu. Na nossa cultura a gente respeita muito o conhecimento deles. Acho que é uma fase onde a pessoa está mais tranqüila do ponto de vista profissional.

Sujeito 4 - A questão da velhice é uma fase da vida na qual as pessoas não têm oportunidade de fazerem o que querem. Já a pessoa idosa não tem tanta liberdade, então ela fica excluída. Por outro lado, a questão da velhice, como fase de plenitude, depende da pessoa e da classe social. Nesse caso, quando o idoso é de uma classe social mais privilegiada, a velhice é uma época de descanso, de conviver mais com a família, assim como já pode deixar de trabalhar. Mas se a pessoa é mais necessitada ela não consegue ter renda suficiente para ela descansar e passar mais tempo com a família. Como acontece com muitos velhos que já receberam a sua aposentadoria e ainda têm que continuar trabalhando. Eu acho que o idoso japonês tem uma participação maior na comunidade nipônica e na família. Mesmo depois que eles se tornam velhos, eles mantêm

aquele círculo de amizade através de alguns esportes. Ela significa para mim o fim da vida produtiva, mas significa também uma fase de descanso e de sabedoria.

Sujeito 5 - Sei lá, a velhice deve ser uma coisa meio chata. Para mim esse seria um período da vida bem chato, porque dá a sensação de estar se acabando. Eu acho que a velhice é um período bom e ruim ao mesmo tempo. Porque quando eu ficar velho vou sentir falta dessa agitação que eu tenho agora. Outra coisa também é que o velho aqui no Brasil é muito desconsiderado, ele sofre muita discriminação. As pessoas não conseguem dar muita chance para o velho aqui. Na cultura japonesa o velho é visto com bastante respeito, a gente costuma ter muito respeito por eles. Portanto, a velhice para nós significa sabedoria e experiência.

Sujeito 6 - Levando em consideração a nossa cultura, os jovens reconhecem muito os velhos. A gente dá muito valor às pessoas idosas. A velhice é uma fase muito boa, que normalmente a gente vai passando os ensinamentos, como acontece com os meus avós. Eles sempre estão conversando com a gente e passando os ensinamentos e creio também que futuramente eu vou fazer isso. Por isso, eu não aceito em hipótese alguma "dispensar" o idoso como acontece na sociedade ocidental, porque eu acho uma falta de respeito muito grande: uma pessoa que praticamente nos criou, a gente abandoná-la no final de sua vida. Então a gente dá muito valor a isso, porque a gente deve sempre retribuir tudo

o que fizeram por nós. Assim como a gente espera ter essa retribuição dos nossos descendentes. A velhice para mim não me incomoda, porque a gente sabe que tem sempre alguma coisa para a gente se segurar, a gente não vai ficar desamparado.

Sujeito 7 - É uma parte da vida. A velhice é uma continuidade, algo que tem que ser vivido, que tem que ser aproveitado. Portanto eu considero a velhice como uma fase de sabedoria e muito conhecimento. Eu considero uma fase boa da vida, porque ser velho é ser respeitado.

Sujeito 8 - Eu vejo como uma fase de bastante conhecimento. Eu também acho que nesta fase os idosos não são tratados como deveriam ser. Eles deveriam receber mais atenção nessa fase porque eles têm muito a dizer para a gente. Significa um período de realização e tranquilidade. Fase de descanso, que você pode receber por aquilo que você batalhou, ou quem sabe continuar batalhando.

Sujeito 9 - A velhice é uma fase de sabedoria, de poder, e que a gente deve respeitar muito. Pela tradição japonesa a gente deve respeitar não só os idosos, mas toda pessoa mais velha que você. Isso nos é colocado desde a infância, e logicamente que não são todas as pessoas que seguem isso. Não é por ser descendente de japonês que eu sou obrigado a pensar assim, mas eu particularmente respeito. A velhice para mim significa uma fase de realização, de concretização das coisas que foram realizadas no decorrer da vida.

Sujeito 10 - Eu vejo este período da vida como algo muito legal, como uma fase de sabedoria e conhecimento. Nesta fase eles têm muita história para contar para gente, não é? Considero também como uma fase que devemos ter grande respeito pelos idosos e isso eu aprendi com minha família. A velhice significa para mim a fase de mais sabedoria da vida.

Sujeito 11 - Eu não encaro a velhice como um período bom, porque a sociedade sempre deixa de lado o velho. A sociedade vê a velhice como um período de invalidez e também tem algumas pessoas que se esquecem do velho, tanto é que o asilo está cheio. Eu encaro o período da velhice como uma fase na qual os idosos têm muito para ensinar.

Sujeito 12 - A velhice para mim é uma fase de grande sabedoria. A velhice é uma fase boa porque pode transmitir conhecimento. Embora eu ache que esta fase seja de grande sabedoria, eu não gostaria de ficar velho, não! Acho que é uma fase que nós jovens devemos respeitar muito os idosos. E isso eu acho interessante porque é um valor muito forte e uma tradição na nossa cultura. E esse valor é passado de geração em geração.

Sujeito 13 - A velhice para mim significa uma fase de descanso. É uma fase de fazer as coisas que não puderam ser feitas antes em função do trabalho e da família. Então é a hora de se aproveitar. É também uma fase de maior

experiência da vida, de sabedoria. O que está acontecendo agora é que os jovens não estão sabendo sugar a experiência dos seus avós e, com isso, essas gerações estão ficando muito distantes. Nesse sentido, eu preservo muito os valores japoneses. Acho isso muito interessante. A velhice para mim significa uma fase de descanso e de muito conhecimento da vida. A velhice para mim é um tempo bom para fazer coisas boas.

Sujeito 14 - Eu vejo a velhice com muito respeito, porque esta é uma fase de sabedoria e conhecimento. Quando estive no Japão, presenciei um respeito muito grande pelos velhos. Lá trabalhei numa fábrica e observei que mesmo que uma pessoa de mais idade seja um subalterno, ele tem o maior respeito. Lá a gente vê que existe um certo respeito, coisa que aqui parece muitas vezes não existir esse respeito. A velhice significa para mim uma fase em que as pessoas têm mais conhecimento, experiência e que podem dar mais conselhos às pessoas mais jovens. A velhice deve ser encarada como uma bonita etapa do curso de vida.

Sujeito 15 - A velhice é uma fase de muita experiência na qual os idosos têm muito para ensinar. Esse período da vida deve ser muito respeitado pelos mais jovens, porque o idoso merece muita atenção. Para mim ela significa sabedoria.

2) O que você acha das limitações e da dependência, na velhice?

Sujeito 1 - Quanto à parte financeira, a aposentadoria no Brasil é algo que não dá para viver e isso causa uma dependência grande. Quanto à dependência física, parece ser mais complicada, porque dá a visão de "estorvo"; porque para ele viver sempre vai ter que ter alguém cuidando dele. Mas mesmo assim, eu não acho correto colocar os idosos no asilo. Eu faria o possível para cuidar dos meus pais, porque afinal de contas eles cuidaram de mim, me ensinaram tudo o que eu sei praticamente enquanto pessoa (a viver, a me comportar, a respeitar as pessoas). Então de uma certa maneira eu devo isso a eles e pretendo cuidar deles na época em que eles estiverem mais frágeis para a sociedade e para as doenças, ou então em dificuldades financeiras. Eu acho que para o velho ele deve sentir isso como um fator que limita a sua liberdade. Para mim, eu acho que a dependência é uma coisa horrível, mas eu acho que a sabedoria do idoso sobrepõe a dependência. Porque ele pode ter a sua limitação física, mas ele ainda tem muito conhecimento. Eu valorizo a experiência de uma pessoa, mesmo levando-se em conta a sua idade.

Sujeito 2 - É difícil, mas é real. A dependência é um resultado normal da vida, você vai envelhecendo e vai perdendo algumas funções, como audição, visão e outras, e com isso você vai sempre depender de alguém. Eu não vejo isso como um problema. Para mim, isso é uma coisa natural.

Porque para mim ela existe em todas as fases da vida e eu encaro isso com naturalidade.

Sujeito 3 - Eu vejo como uma coisa natural. Isso é uma coisa normal da vida. A dependência ocorre a vida inteira, só que de maneiras diferentes. Significam algo natural do curso da vida.

Sujeito 4 - Acho que deve ser horrível. O meu avô morava com a gente, só que agora ele já morreu. Isso é costume na cultura japonesa, ou seja, os avós morarem com os filhos mais velhos. E o meu pai, por ser filho mais velho, coube a ele cuidar do meu avô e agora da minha avó. A minha avó adora cuidar das plantas e das flores que ela plantou e eu acho isso muito bom, porque ela se sente super produtiva. Por isso acho que a dependência do idoso é uma coisa natural da vida. A gente nasce dependente, cresce e fica independente e morre dependente. Eu sinto que deve ser horrível ser cerceado por problemas de doença e financeiros. Deve ser muito deprimente, principalmente nessa idade, quando já se experimentou a liberdade e a autonomia.

Sujeito 5 - Deve ser horrível. Eu vejo que quando uma pessoa depende de outra, essa pessoa deve se sentir muito mal. Porque ela tem a sensação de que está atrapalhando a pessoa que está cuidando dela. Para mim isso significaria a pior coisa do mundo. Seria péssimo se isso acontecesse.

Sujeito 6 - Eu encaro como uma coisa natural da vida e que o idoso deve ser cuidado pela família. Bom, eu me

sentiria mal e acredito que eu não me sentiria bem, assim como para quem cuida deve ser a mesma coisa.

Sujeito 7 - A dependência que eu vejo, não sei se é uma questão cultural. A minha avó sempre foi muito submissa e dependente do marido e, pelo que vejo, a minha mãe será bem menos dependente do que a minha avó. Na cultura japonesa, em geral a mulher é muito dependente do marido. Quanto às limitações e dependência física, eu acho que faz parte da própria velhice, por isso eu acho que elas são inevitáveis. Bom, eu acho que deve ser uma coisa muito ruim ser dependente. Porque depender de alguém sempre implica em incomodar outras pessoas.

Sujeito 8 - As limitações físicas são naturais no ser humano e a dependência é decorrente dessas limitações. Eu vejo a dependência como uma coisa natural, mas que deve ser horrível sentir isso. Embora a gente saiba que isso vai acontecer, num primeiro momento a gente acha ruim mas depois a gente tem que aceitar. De qualquer forma eu vejo a dependência como algo não muito bom. Para mim isso seria uma coisa ruim.

Sujeito 9 - As limitações e a dependência são coisas naturais da vida, principalmente nesse período, onde a gente já espera que essas coisas vão acontecer. Por exemplo, a doença e a morte. Acho que deve ser horrível, eu não queria me tornar dependente. Eu já fui para o Japão para me tornar independente financeiramente dos meus pais, começa por aí,

não é? Acredito que também na velhice eu não queria ser dependente financeiro. Quanto à dependência física, que não dá para prever, acho que a preocupação está relacionada com a questão de como educar os meus filhos. Porque acho que nenhum pai quer dar tudo para os seus filhos e depois ser deixado num asilo.

Sujeito 10 - Triste, e, com certeza, não é isso que eu quero para mim. Deve dar um sentimento de impotência muito grande, porque perdeu aquilo que você era capaz de fazer. Eu me sentiria super deprimido!

Sujeito 11 - Eu vejo a dependência como algo ruim. O idoso não deve se sentir bem dependendo de alguém. A dependência significa para mim algo muito deprimente. Se eu tiver que ficar assim, eu me sentiria muito mal.

Sujeito 12 - Eu vejo isto como uma coisa extremamente ruim. Para mim significa ficar totalmente impotente.

Sujeito 13 - Eu vejo a dependência na velhice como algo ruim, ou seja, como algo que atrapalha as pessoas que têm que cuidar. Para mim ser dependente é algo muito ruim. Acho que eu não conseguiria encarar essa barra.

Sujeito 14 - Eu encaro a dependência como uma coisa normal da vida, uma coisa que pode acontecer com qualquer um. Em casa eu tive a experiência de morar com os meus avós, que se tornaram dependentes, e o meu pai, como filho mais velho, foi quem cuidou deles.

Sujeito 15 - Acho que é uma coisa natural da vida. Embora seja uma coisa natural, acho que se tornar dependente é uma coisa muito ruim. Porque dá a sensação de impotência.

3) Como você vê o fato de precisar ser cuidado?

Sujeito 1 - Eu vejo como uma coisa que vai incomodar muito a pessoa que vai cuidar. Eu me sentiria incomodado, mesmo pensando que um dia a pessoa que cuida de mim poderá ficar dependente.

Sujeito 2 - Eu vejo com naturalidade e vejo como necessário. Na minha cultura isso é uma tradição e eu sou tradicionalista. Eu fico muito assustado com esse negócio de asilo, clínicas e hospitais especializados nos cuidados com idosos. Eu acho que o cuidado do idoso deve ser assumido pela família. Nesse sentido, eu espero ser cuidado pela minha família na minha velhice. Assim com eu encaro com naturalidade o fato de eu cuidar dos meus pais na velhice, quando eu for velho, eu também vou encarar com naturalidade ser cuidado.

Sujeito 3 - Eu penso que é uma coisa que dá trabalho para muita gente. Deve dar a sensação que a gente está empatando a vida de uma pessoa. Embora eu acho que isto é uma coisa complicada, no caso dos meus pais eu pretendo cuidar deles e nunca colocá-los no asilo. Com certeza eu

darei apoio a eles. Quanto a mim, espero ser cuidado na velhice. Nesse sentido, eu acho que sou tradicional aos meus valores, ou seja, o cuidado com o idoso é uma tarefa da família. Embora eu não me considere radical em relação aos valores japoneses de um modo geral, mas isso eu tenho na consciência.

Sujeito 4 - Eu espero ser cuidado um dia, porque esta é a lei natural da vida. No caso de cuidar dos pais, um dia eles cuidam e no outro nós é que cuidamos. Se algum dia meu pai necessitar, eu tenho que estar junto dele. Eu não sou favorável a colocar os pais no asilo. Isso só se justifica quando a família desse idoso não tem condições financeiras, ou então quando não tem ninguém para cuidar. Mas de um modo geral, se o filho tem condições, ele tem que cuidar de seus pais.

Sujeito 5 - Eu gostaria de viver até morrer de forma independente, sem depender dos filhos, do asilo ou de outras pessoas. Caso eu fique dependente, então eu serei obrigado a aceitar essa situação. Nesse caso, sou contra colocar os pais no asilo e, portanto, não quero que isso aconteça comigo. Acho que isso é um dever dos filhos. A família é a melhor coisa para cuidar do idoso.

Sujeito 6 - Não me sentiria bem.

Sujeito 7 - Eu acho que deve ser horrível.

Sujeito 8 - Embora a gente diga que não quer ser dependente, eu acho que o fato de ser cuidado é uma coisa boa. Porque a gente quer sempre alguém ao nosso lado. A responsabilidade do cuidado sempre cai sobre a família e a gente sabe que não é só os mais velhos que têm que cuidar, os mais novos também têm que cuidar dos mais velhos. Porque eu sou contra colocar o idoso no asilo. Isso é uma coisa que eu carrego desde quando a minha mãe cuidou do meu avô e a minha avó (mãe do meu pai). Na nossa família a gente sempre achou que os idosos devem ser cuidados pela família. talvez isso seja um valor que vem dos nossos antepassados e a gente também vê mais de perto como é cuidar de um idoso, quais são os problemas e as dificuldades. Quando a minha mãe ficar doente, provavelmente vai ser eu quem vai cuidar dela.

Sujeito 9 - Bom, para mim seria natural. Porque nada é mais justo do que ser cuidado um dia, principalmente para quem já cuidou tanto dos filhos. Para mim, não teria nenhum problema em ter que pedir à minha família para cuidar de mim. Porque os idosos da colônia não pedem para serem ajudados, uma vez que entendem que esse é um dever que não precisa ser cobrado das pessoas, principalmente dos filhos. Então se fosse no meu caso eu sentiria a maior tranquilidade em pedir para os meus filhos.

Sujeito 10 - Eu acho que eu não iria gostar, porque me sentiria dando trabalho para alguém. Posso até estar sendo um "empecilho" para essa pessoa. Essa ideia não me agrada!

Sujeito 1 1 - Não acho bom!

Sujeito 12 - Acho isso horrível, porque não quero depender ~~de~~ ninguém.

Sujeito 1 3 - Vou fazer de tudo para não precisar, mas se eu tiver que ~~e~~ ser cuidado terei que aceitar.

Sujeito 1 4 - Acho que é uma coisa natural, se você se torna ~~dependente~~ você tem que ser cuidado. Na medida em que você ~~tem~~ seus filhos, nada mais natural do que quando você ~~precisar~~ eles cuidem de você.

Sujeito 1 5 - Acho que é o mínimo que a família pode fazer pelo ~~idoso~~. Então, caso eu fique dependente, eu espero ser cuidado ~~um~~ dia pela minha família.

4) Se ~~for~~ necessário quem, lhe proporcionará cuidado?

Sujeito 1 - Talvez sejam os meus filhos. Se algum dia eu me casar, ~~eu~~ espero que sejam os meus filhos. Se não, talvez a minha ~~irmã~~.

Sujeito 2 - Por tradição, na família japonesa é o filho homem ~~mais~~ velho. Então, eu espero que sejam os meus filhos. Não ~~necessariamente~~ precisa ser o filho mais velho, mas sim ~~aquele~~ que estiver disponível no momento. Alguma coisa já ~~mudou~~ em relação a essa tradição. Por exemplo, não precisa ser o filho mais velho, mas qualquer filho pode cuidar de ~~seus~~ pais.

Sujeito 3 - Eu espero que sejam os meus filhos. Porém, se eu não casar e não tiver filhos, acho que será a minha irmã.

Sujeito 4 - Se eu casar e tiver filhos, espero que sejam eles.

Sujeito 5 - Acho que serão os meus filhos. Por exemplo, no caso dos meus pais se tornarem dependentes, quem dará os devidos cuidados serei "eu", por ser o filho mais velho. Embora que eu acho que a questão do respeito ao idoso está mudando hoje um pouco, porque parece que antigamente se valorizava mais os idosos. Isso está acontecendo em todas as sociedades, até mesmo entre os descendentes. Quanto aos cuidados, acho que continua a mesma coisa, porque o que observo nas famílias de descendentes é sempre o idoso morando e até mesmo sendo cuidado pela família. Na nossa cultura os idosos não precisam estar doentes para morarem na casa dos seus filhos. Eles geralmente moram com os filhos mais velhos e ajudam nos cuidados dos netos.

Sujeito 6 - Eu preferiria um filho homem mais velho. Por exemplo, lá em casa eu sou o filho homem mais velho da família e eu tenho a pretensão de cuidar dos meus pais.

Sujeito 7 - Os filhos e os netos.

Sujeito 8 - Acredito que devam ser os meus filhos.

Sujeito 9 - Acho que serão os meus filhos.

Sujeito 1 0 - Eu espero que os meus filhos cuidem de mim. Se eu não **t**iver filhos, espero chegar na velhice com muitos amigos, **ent**ão espero que todos cuidem uns dos outros. Se bem que **ac**ho isso difícil. Então, espero que seja a minha família. **Por** que eu quero cuidar dos meus pais e jamais os colocaria **em** uma casa de cuidados ou no asilo. Entendo que é uma **resp**onsabilidade dos filhos cuidarem de seus pais quando eles ficam velhos.

Sujeito 1 1 - Os filhos e os netos.

Sujeito 1 2 - Acho que serão os meus filhos, porque eles terão **compa**ixão para comigo.

Sujeito 1 3 - Acho que serão os meus filhos. Porque esta é a obrigação dos filhos. Os filhos devem cuidar dos idosos porque é uma forma de retribuição pelo que eles fizeram por nós.

Sujeito 1 4 - Acredito que os meus filhos cuidarão de mim. **Porque** eu acho totalmente errado colocar o idoso em um asilo **ou** em uma casa de cuidados. Lá no Japão tem várias casas de cuidados para idoso. Para os japoneses, atualmente essa á uma alternativa, caso a família tenha condições financeiras. Mas deve ficar claro que essa é uma tendência das cidades grandes do Japão. Eu tenho uma tia-avó que é mais velha que o meu avô e está sendo cuidada ainda pela família. mas ela mora no interior.

Sujeito 1 5 - Se eu tiver filhos, espero que sejam eles. Se não, espero que sejam os meus irmãos.

5) Quais os problemas que você acha que existem para o idoso, ao se r cuidado?

Sujeito 1 - Acho que eles devem achar muito chato, eles devem se sentir um "estorvo". Embora que tem pessoas mais velhas que se aproveitam dessa situação e tentam tirar proveito.

Sujeito 2 - Acho que ele deve pensar eu sou um inútil, por isso que eu acho que na velhice você deve tentar se ocupar com alguma coisa. Não é trabalho, mas fazer alguma atividade de lazer, para não se sentir assim. Sei lá! Talvez fazer caminhada, cuidar dos netos, etc.

Sujeito 3 - Acho que eles devem sentir um desgosto muito grande, como também devem se sentir inúteis.

Sujeito 4 - Não sei. Não consigo imaginar !

Sujeito 5 - Ele deve se sentir muito deprimido, impotente e bem triste com essa situação.

Sujeito 6 - Eu acho que ele não gosta, porque ele deve se sentir um incapaz. Eu sei disso por causa da minha avó. Isso é uma coisa que pesa muito para eles.

Sujeito 7 - Depende de como ele é como pessoa, de como são as pessoas que vão cuidar dele. Mas de um modo geral ele deve achar muito ruim.

Sujeito 8 - Pegando a experiência lá de casa, eu acho que eles se sentiam à vontade e gostavam de ser cuidados, assim como eles esperam que isso aconteça. Eu sempre respeitei bastante os meus avós e acho que eles gostam disso. Porque eles sentem que têm poder ainda e que continuam impondo respeito e isso faz muito bem para eles. E o fato de serem cuidados eles vêem como uma retribuição que está sendo feita para eles. Nesse sentido, eu acho que eles encaram bem essa dependência. Sabe, os idosos japoneses são muito fechados, talvez porque ainda tenham a barreira da língua.

Sujeito 9 - Eu acho que ele não se sente muito bem não. Porém isso depende da pessoa também, não é? Porque tem pessoas que não gostam de serem ajudados e tem pessoas que sempre gostam de um favorzinho. Mas de um modo geral, eles devem sentir um pouco de pena das pessoas que cuidam dele, embora ele já espere ser cuidado um dia.

Sujeito 10 - Acho que ele pensa o por que ele está ali. Se está valendo a pena. Acho que ele pensa que está sendo um "estorvo", que está atrapalhando as pessoas. Enfim, acho que ele fica se sentindo muito mal por estar sendo cuidado.

Sujeito 11 - Acho que ele não deve se sentir muito bem.

Sujeito 1 2 - Ele deve se sentir deprimido e muito mal com essa situação.

Sujeito 1 3 - Acho que na nossa cultura os idosos esperam ser cuidados. Então eles devem ficar satisfeitos por sentir que alguém se importa com eles.

Sujeito 1 4 - Acho que na verdade ele espera isso dos filhos. Então acho que ele não se sente mal com isso. A exemplo do meu avô, mesmo ele estando dependente ele continua sendo o chefe. Tudo o que os filhos iam fazer sempre perguntavam para ele.

Sujeito 1 5 - Acho que ele deve ficar feliz. Porque no fundo ele espera que se ficar dependente um dia, será cuidado pelos filhos.

6) Quais os problemas que você acha que existem para o cuidador de pessoas idosas ?

Sujeito 1 - Para o cuidador, ele deve estar vendo o idoso como uma pessoa mais frágil, ou seja, alguém que precise mesmo da ajuda de alguém.

Sujeito 2 - Acho que ele acha um entrave, mas eu acho isso um dever, ou seja, uma forma de retribuir o que eles te fizeram. Porque cuidaram de você a vida inteira e agora é sua vez de cuidar deles.

Sujeito 3 - Para quem cuida, eu acho que ele deve se sentir muito preso por estar cuidando do idoso. Mas que, no caso, se for o filho, ele também deve se sentir na obrigação de cuidar de seus pais. Isso é um dever para nós.

Sujeito 4 - Para quem cuida é um dever, principalmente por se tratar dos pais idosos.

Sujeito 5 - Deve sentir que cuidar de um idoso dependente é uma situação estressante, assim como deve achar que o idoso é um "entrave". Mas de um modo geral deve achar que esta tarefa é uma obrigação, principalmente em se tratando dos pais.

Sujeito 6 - Bom, acho que não gostam. Porque dá muito trabalho. Eu digo isso por causa da minha tia que chegou a cuidar de três idosos ao mesmo tempo.

Sujeito 7 - Encaro isso como uma obrigação.

Sujeito 8 - Bom, eu acho que, a exemplo da minha mãe, ela tomou para si a responsabilidade e tinha que cuidar, tinha que cuidar. A maior dificuldade foi que os outros irmãos não perceberam a ajuda que ela estava precisando e não estavam nem aí. Não deram nem uma força para ela. Nesse eu acho que quem vai cuidar deve sentir isso como um dever e tomar para si essa responsabilidade.

Sujeito 9 - É um dever, uma obrigação e também uma responsabilidade muito grande, porque se acontecer algo

para o idoso as outras pessoas da família podem se achar no direito de cobrar. Além do cansaço físico que deve ser.

Sujeito 10 - Acho que ele encara como uma obrigação. Porque quando você cuida dos pais é tipo uma retribuição. Isso se deve pelo fato dos pais se esforçarem muito para dar as coisas aos filhos. Então, o cuidar passa a ser encarado de uma forma mais leve, como uma retribuição.

Sujeito 11 - Ele deve encarar como uma retribuição pelo que os pais fizeram por ele.

Sujeito 12 - No caso de ser os filhos, eles têm mais que obrigação de cuidar. Para quem cuida é um dever.

Sujeito 13 - É um dever, pela nossa cultura.

Sujeito 14 - Ele encara como uma obrigação para com os pais, ou seja, uma retribuição por tudo o que fizeram por ele enquanto criança.

Sujeito 15 - Para aqueles que realmente querem retribuir o que seus pais lhe fizeram, talvez vejam isso com prazer. Para aqueles que não querem cuidar, talvez vejam o velho como um "entrave", ou seja, algo que atrapalha muito.

7) Como os japoneses consideram a necessidade de cuidar e de serem cuidados por alguém?

Sujeito 1 - O cuidar, na minha cultura, tem uma relação de dívida. Você tem que ajudar os seus pais! E tem também a questão do amor. Na nossa cultura, o respeito aos mais velhos é uma questão importante, porque além de ser dito, é uma coisa que a gente vai percebendo também com o tempo. O respeito para com os pais não é algo que precise ser falado, mas é algo expresso. Os pais sentem isso, que você tem respeito. Isso está implícito no relacionamento pais-filhos e eu acho uma coisa fundamental. Em relação aos costumes, meus pais foram mais abertos. Enquanto que os outros pais exigem que seus filhos estudem a língua e preservem os costumes, meus pais deixaram com que primeiro nós fossemos educados com os costumes daqui. Alguns costumes mais enraizados são aqueles que nossos avós passaram para a gente. Mas conforme você vai caminhando, você sente a falta de alguns valores e eu mesmo fui buscar um pouco disso. Como por exemplo, fui estudar a língua japonesa. Talvez eu não use no futuro, mas é algo que tenho certeza de que eu vou me orgulhar de ter aprendido. Outra coisa que faço é origame, judô e outras artes marciais. Isso é uma forma de relaxar e de preservar a tradição. Então, aos poucos, a gente vai tentando resgatar isso.

Sujeito 2 - Cuidar de um pai idoso na minha cultura é um dever. E neste sentido eu me orgulho de preservar este valor. Em relação ao cuidado dos pais, eu acho que este tem

que ser **p**reservado. Um exemplo de valor que eu não comungo **m**ais é em relação à idéia de casamento, ou seja, só casar com **d**escendentes japoneses. Os mais idosos pensam assim! Por**é**m eu creio que a geração dos meus pais, em relação a **i**ssso, já está começando a mudar, porém muita coisa da **c**ultura eles ainda preservam, como o ritual da morte, com**i**da, religião budista, a tradição do respeito aos pais, na fam**í**lia, aos idosos, aos professores e outros.

Sujeito **3** - O cuidar, na minha cultura, tem uma relação de reciproc**i**dade. Você tem que ajudar os seus pais! Porque para nós **e**les são a coisa mais importante. Então, a questão do cuida**d**o na nossa cultura está relacionado com a obrigação **q**ue os filhos têm para com os seus pais.

Sujeito **4** - Quem cuida dos pais na velhice é o filho homem **m**ais velho. Deve-se considerar que antigamente isso era mais **f**orte e que agora está mudando. A tradição é, portanto, **d**os filhos cuidarem de seus pais e isso está intrínseco **n**a formação da gente. Com relação a isso, eu não sei como o **b**rasileiro pensa a respeito disso. O que eu sei é que de **v**ez em quando sai uns comentários na comunidade nipônica **a**ssim: "Ah, se fosse japonês não faria assim". Isso é uma cr**í**tica que pode estar contaminada pelo racismo. Tá certo que isto está mudando, não é? Eu acho que eles fazem o que os **b**rasileiros também fazem, mas só que nós temos uma cultura um pouco diferente. Quanto aos valores tradicionais de cuidado, estes são mais preservados aqui do que no Jap**ã**o. Por exemplo, eu tenho vários amigos que vão

que no Japão. Por exemplo, eu tenho vários amigos que vão trabalhar no Japão e muitos deles vão para trabalhar em casas de cuidados para idosos. Esses idosos vão para essas casas porque hoje em dia o filho e a nora trabalham fora, e então eles não têm tempo de cuidar dos idosos. E aqui isso já não acontece. Porém, assim como o Japão sofreu influência dos valores ocidentais, os jovens daqui também sofrerão essa influência. Eu considero que eu mudei, talvez não radicalmente, mas pelo menos um pouco.

Sujeito 5 - A questão do cuidado para nós é uma coisa de um certo dever para com os nossos pais. Isso se deve porque eles sempre se preocuparam e se dedicaram com os seus filhos. Então, nós devemos reconhecer isso.

Sujeito 6 - Cuidar dos pais, na nossa cultura, é uma obrigação, porque se a pessoa criou a gente desde a infância até a gente se formar e a gente tem condição de retribuir, então porque não retribuir? Porque quando as pessoas estão velhas, provavelmente elas vão precisar de alguma coisa e não vão poder fazer. Então, a gente tem o dever de fazer isso por eles. Como eu estou na terceira geração, eu acho que isto ainda prevalece e também vai continuar prevalecendo do jeito que está, se realmente aquilo que eu penso for transmitido para os meus netos. E isso eu desejo transmitir para os meus descendentes. Assim como, tudo o que eu faço hoje para os meus avós eu espero receber dos meus filhos e netos.

Sujeito 7 - Para mim foi colocado na minha cabeça que era uma obrigação cuidar dos pais. Eu gostaria de cuidar dos meus pais, **a**gora é uma exigência que eu não vou impor aos meus filhos. Se eles quiserem cuidar de mim, tudo bem, mas isso não **será** uma exigência minha. Eu só acho que se deve colocar os **p**aís no asilo em casos extremos, ou seja, somente se o idoso **f**or uma pessoa bastante problemática.

Sujeito 8 - Bom, isso é passado para a gente desde pequeno. Os pais cuidaram da gente, e então a gente deve cuidar dos nossos pais por isso. Isso é uma forma de retribuição, porque chegamos até aqui graças a eles. Então a gente se sente na obrigação de cuidar. Quando a minha mãe ficar doente, provavelmente vai ser eu quem vai cuidar dela.

Sujeito 9 - O que existe na colônia japonesa é que geralmente o filho homem mais velho ele tende a cuidar dos pais. Por exemplo, quando o meu pai tiver uma certa idade e precisar ser cuidado, eu, como filho homem mais velho, é quem vou cuidar do meu pai. Hoje não é tão rígido assim, mas ainda existe essa tendência na colônia japonesa. Então, o idoso japonês não tinha essa preocupação de depender de alguém porque ele acreditava sempre que o filho mais velho cuidaria dele. É difícil encontrar uma família japonesa que coloque os pais no asilo. Lógico que existem as exceções, mas geralmente isso não acontece. Então, essa relação de dependência é esperada, justamente pela tradição. Bom, o que pude perceber lá no Japão é que é diferente. Parece que não existe essa tradição que existe no Brasil, porque muita

coisa já se modificou. Essa relação que a gente tem com o idoso da colônia é mais tradicional aqui no Brasil do que no Japão. Em relação à dependência financeira do idoso, existe uma diferença entre os idosos que moram lá, no Japão, e os idosos que moram aqui no Brasil. Porque em termos de aposentadoria somente, tirando o lado afetivo e físico, os idosos japoneses que vivem aqui no Brasil não têm muitas vezes condições de viverem de forma independente, uma vez que os seus vencimentos não suprem as suas necessidades para sobreviverem. Enquanto que no Japão, uma pessoa que se aposenta tem condições de sobreviver. Então, não tem essa questão financeira, só que pecam pelo lado afetivo. Os velhinhos lá no Japão parece que estão sempre sozinhos, andam sempre sozinhos. Não existe lá no Japão, como existe aqui na colônia japonesa no Brasil, reuniões, grupos de terceira idade. A nossa comunidade aqui faz, três vezes na semana, atividades com os idosos, onde tem apresentação de dança japonesa com "quimono" e tudo, karaokê, jogo de gateball e outras atividades. Essa é a forma que eles encontram para se comunicarem e reviverem as antigas tradições. Em relação ao cuidado aos pais, os filhos lá no Japão já não estão podendo mais cuidar de seus pais e com isso já se tem muitas casas de cuidados. Agora, em relação ao respeito para com os idosos, isso ainda existe, eles ainda preservam bastante esse comportamento. Quando eu morei no Japão, em Nagoia, eu observei que o cuidado com o idoso em casa é mais comum em pequenas cidades do Japão do que nas grandes cidades. Inclusive, nessas pequenas cidades,

o cuidado com o idoso, ou seja, essa relação mais próxima que se tem com o idoso, é muito parecida com o tratamento que os idosos recebem aqui na nossa colônia. Isso foi muito interessante de observar! Hoje, a cultura japonesa, no meu ponto de vista, está muito influenciada pelos valores dos Estados Unidos, o que vem mudando muito a mentalidade dos jovens. Agora, já para os velhos, não muito. Lá existe uma cultura de estado, ou seja, cada estado tem uma cultura. Os estados do interior têm uma tradição parecida com a estabelecida aqui pelos imigrantes. Essa cultura parece ainda persistir e até as gerações mais novas a respeitam, enquanto que nas cidades maiores essa tradição parece estar mais influenciada pelos valores americanos e existe uma tendência de ir acabando com o tempo. Um exemplo disso é que os imigrantes trouxeram consigo a língua e mantiveram-na na íntegra até hoje, ao passo que lá até a língua sofreu influência americana. Quando eu morei lá, eu tive três empregos (no interior e na capital) e com isso deu para sacar essas diferenças. Eu acho que preservo bastante os valores e costumes japoneses, assim como pretendo passar isso para os meus filhos. Só que tenho a consciência também de que já estou deixando algumas coisas de lado e a tendência é de ir mudando cada vez mais, ou seja, de geração em geração. Outra coisa, na cultura oriental, a filha, se for casada com o filho mais velho, conseqüentemente terá que cuidar do sogro e da sogra. Na visão dos meus pais, caso eles fiquem dependentes, a primeira pessoa em quem eles vão pensar para cuidar deles, logicamente vai ser eu por ser o filho

mais velho. Se depender de mim, eu levo essa tradição! Não por ser tradição, mas por ser os meus pais.

Sujeito 10 - O cuidado do idoso na cultura japonesa fica sob a responsabilidade do filho mais velho, talvez por ser uma cultura um tanto machista. Por exemplo, no caso do meu avô, que teve derrame recentemente, o meu tio que é filho mais velho, cuida dele. E tenho certeza que ele cuida como uma forma de retribuição e também porque, pela tradição japonesa, ele é o filho mais velho. Em relação a essa questão da tradição, aqui no Brasil se mantêm muito mais os valores tradicionais do que lá no Japão. O tempo em que eu fiquei morando com os meus pais lá no Japão eu pude observar isso. Outra coisa que eu gostaria de falar é que, para mim, o cuidado para com o idoso em casa é muito importante. Colocar os idosos no asilo é uma desculpa. É fugir de uma responsabilidade que é da família, para não assumir esta tarefa, esta responsabilidade.

Sujeito 11 - Cuidar dos pais idosos na nossa cultura é uma forma de retribuir o que eles fizeram por nós.

Sujeito 12 - Pela tradição japonesa é o filho homem mais velho quem cuida dos pais idosos. Por exemplo, lá em casa isto é uma questão de honra, porque os meus pais sempre preservaram este valor. Bom, não só este, mas todos os outros da cultura. E eu, como jovem, gosto muito da tradição japonesa e tento preservá-la.

Sujeito 13 - Na nossa cultura é o filho homem mais velho quem cuida do idoso. Este será o responsável por esta tarefa. E cuidar dos nossos pais é uma forma de retribuição para com eles. Eu jamais colocaria os meus pais em um asilo ou em uma casa de cuidado. Embora lá em casa quem provavelmente cuidará dos meus pais seja o meu irmão mais velho, caso ele não possa eu cuido dos meus pais com o maior prazer.

Sujeito 14 - A tradição determina que os pais devem ficar com o filho homem mais velho. Em casa, o meu pai era o filho mais velho. Ele casou e continuou morando na casa dos meus avós e os demais irmãos foram casando e saindo da casa dos meus avós. Antes deles ficarem dependentes eram os meus avós que me levaram para a escola e ajudavam os meus pais a cuidarem dos filhos.

Sujeito 15 - O cuidado na cultura japonesa é proporcionado pelo filho homem mais velho. As famílias japonesas cuidam dos seus idosos em função do respeito que têm por eles. Os filhos cuidam como forma de retribuir o que lhes foi feito pelos pais durante as suas vidas.

8) Como você acha que será a sua velhice?

Sujeito 1 - Eu espero que ela seja bem alegre, e que eu tenha alguém para passar o que aprendi. Para que esse alguém tenha um caminho mais suave do que eu tive, mesmo

que ele não tenha sido tão fácil. Além disso, quero ter uma cabeça bem jovem e ser bem dinâmico.

Sujeito 2 - Eu acho que vai ser diferente, por exemplo, da dos meus avós e pais. Porque tem muita coisa diferente sendo pesquisada nesse campo. Eu acho também que a gente vai usufruir mais da tecnologia. Além disso, eu espero ter uma velhice tranqüila, saudável, e não ter preocupação no campo financeiro.

Sujeito 3 - Eu espero que a minha velhice seja bem tranqüila depois de eu trabalhar muito. Assim como espero que tenha alguém para cuidar de mim. Espero que eu não seja largado num asilo. Outra coisa que eu imagino também é que é muito comum na família japonesa todos os parentes morarem bem perto um dos outros. Então, acho que é assim que espero viver na velhice, nessa união familiar.

Sujeito 4 - Bom, eu gostaria que fosse tranqüila e que eu pudesse ficar em casa e descansar junto com a minha família e parentes. Espero que a minha velhice seja sem preocupações, porque as pessoas idosas têm o direito de viver bem e não ter preocupações. Embora que eu não tenha pensado muito a esse respeito, porque no máximo o que eu pensei foi só em relação à velhice dos meus pais. Por falar em pais, eu pretendo educar os meus filhos como os meus pais me educaram. Vou procurar moldar a personalidade deles com os mesmos valores que os meus pais me passaram.

Sujeito 5 - Não tenho a menor idéia. Espero que na minha velhice eu possa viver só com a minha esposa, independente dos meus filhos. Só acho que vou admitir essa situação se eu ficar muito dependente e doente.

Sujeito 6 - Acho que será tranqüila e calma, com bastante ensinamento para transmitir para os meus descendentes.

Sujeito 7 - Não tenho a menor idéia.

Sujeito 8 - Acho que não muito tranqüila pelo fato de como está caminhando a sociedade. Eu não sei se de repente essa minha expectativa dos meus filhos e dos meus descendentes cuidarem de mim vai ainda prevalecer. Porque os valores da sociedade brasileira não são tão fortes como os da cultura japonesa quanto a isso. De repente, eu acho que com o passar do tempo talvez eu não consiga transmitir isso para os meus filhos. Não só em relação ao respeito com os idosos, mas também com outros valores e costumes. Eu não espero encontrar a mesma coisa que os idosos de hoje encontram. Por exemplo, a minha bisavó ainda é viva, tem 93 anos e todo mundo da família cuida dela. Ela passa um mês na casa de cada filho e neto.

Sujeito 9 - Acho que a minha velhice vai ser diferente da dos idosos de hoje. Acho que a minha velhice não vai ter tanta rejeição quanto existia há algum tempo atrás em relação ao idoso. Agora parece que está tendo mais projetos de atividades com os idosos, porque o Brasil está caminhando para ter uma proporção de idosos muito grande.

Mas, por outro lado, os idosos também poderão ficar mais distantes dos filhos, como acontece hoje no Japão. Porque hoje também as famílias têm menor número de pessoas e, conseqüentemente, de filhos para cuidar.

Sujeito 10 - Eu vejo como uma coisa longe, mas que um dia vai chegar. E às vezes eu tenho dúvida de como vou encarar isso. Acho que envelhecer é uma coisa bem difícil e, portanto, não sei se eu encararia numa boa. Mas mesmo assim, espero ser um velhinho bem esperto. Não quero ficar caduco. Quero ter uma velhice bem ativa, não quero ter uma velhice de dependência.

Sujeito 11 - Não sei, porque está muito distante.

Sujeito 12 - Não sei, ainda está muito longe para pensar nisso.

Sujeito 13 - Acho que a minha velhice será um pouco mais dinâmica do que a dos velhos de hoje. Pretendo continuar jogando beisebol e praticando esporte, para ter uma velhice mais saudável.

Sujeito 14 - Acho que será uma velhice tranqüila e com bastante integração com a minha família.

Sujeito 15 - Não consigo imaginar. espero que seja bem tranqüila.

9) E como será a velhice dos seus filhos?

Sujeito 1 - Eu acho que, se caminhar assim, a velhice deles talvez seja algo bem triste. Porque o mundo está ficando muito complexo e cada dia que passa tem se tornado mais difícil que os filhos cuidem de seus pais. Tudo isso porque os valores estão mudando muito. Eu pretendo passar os meus valores para os meus filhos.

Sujeito 2 - É difícil de prever, mas eu acho que com o tempo cada coisa vai evoluindo com o passar do tempo. Eu acho que os velhos que estão por vir vão poder usufruir não só da tecnologia, mas de todo o desenvolvimento da sociedade. Nesse sentido, eu acho que isso poderá alterar um pouco as relações familiares, principalmente no que diz respeito ao cuidado dos pais. Acho que os idosos serão cuidados em asilos ou casas de cuidados. Nesse sentido, acho que isso vai se tornar meio normal, as pessoas não vão ver com tanto espanto como eu vejo atualmente.

Sujeito 3 - Acho que será diferente, porque nunca é igual, não é mesmo? Por exemplo, a velhice dos meus avós foi de um jeito, a dos meus pais foi de outro, a minha será de outro, e assim por diante. E certamente a dos meus filhos será diferente porque essas coisas passam por uma evolução.

Sujeito 4 - Não consigo imaginar.

Sujeito 5 - Nunca pensei sobre isso.

Sujeito 6 - Eu acho que as coisas mudam muito e a minha geração está numa fase intermediária e também está mais aberta. Porque a geração mais velha é muito rígida, então as gerações mais novas tendem a mudar. Por exemplo, da geração do meu pai para a minha, falar e escrever japonês eu não segui isso! Até em relação a comida mudou. Eu acho que a velhice deles será bem diferente da dos meus avós, dos meus pais e da minha.

Sujeito 7 - Também não sei.

Sujeito 8 - Nossa! Não sei, acho que será bem diferente da minha, mas não sei como.

Sujeito 9 - Pela evolução das coisas, a velhice deles também será bem diferente. Agora não sei como, porque prever a nossa velhice já é difícil, quem dirá a dos nossos filhos.

Sujeito 10 - Será bem diferente em função dos avanços da medicina. Acho que os idosos vão viver melhor, com mais saúde. Agora, por outro lado, eu não sei se os meus filhos vão pensar da mesma forma que eu. Nesse sentido, eu pretendo passar algumas coisas que aprendi em termos de valores orientais. Bom, de um modo geral, nem uma geração é igual a outra. Por isso, eu não consigo imaginar como vai ser a velhice deles.

Sujeito 11 - Só sei que será diferente, mas não consigo imaginar.

Sujeito 1 2 - Não tenho idéia.

Sujeito 1 3 - Não sei como será, só sei que será diferente da minha.

Sujeito 1 4 - Não sei. Se eles se casarem com uma brasileira, talvez eles tenham uma velhice diferente, porque os valores são muito diferentes.

Sujeito 1 5 - Não sei.

10) Como você acha que será a família dos seus filhos?

Sujeito 1 - Não tenho idéia. Mas eu acho que as pessoas, por mais que questionem alguns valores e costumes, quando ficam mais maduras acabam retornando para os valores que seus pais tinham. Lógico que você pode mudar um pouco, mas o modelo básico vai estar sempre ali presente, ou seja, aquilo que com o passar das gerações não muda.

Sujeito 2 - Atualmente, o que vem mudando bastante é a relação de conversa. Parece que isso vem acabando um pouco, e a visão que eu tenho é que tendem a conversar cada vez menos. Assim como eu acho que a família está se reduzindo cada vez mais. Porque os casais estão optando por ter menos filhos.

Sujeito 3 - Eu acho que a família deles será menor do que a de antigamente. E, nesse sentido, pode ser que o meu filho case com uma brasileira que não seja descendente e com isso

pode ser **que** exista um maior distanciamento da família. Porque a **questão** familiar nos brasileiros é bem diferente da nossa. Eu **vejo** um primo meu que casou com uma brasileira e já dá para **constatar** como muitas coisas mudaram.

Sujeito 4 - Acho que a família deles será um pouco menor do que as **famílias** de hoje, mas espero que a solidariedade continue **entre** eles. Porque, se isso acabar, o que poderá restar? Mas, o tamanho da família não impede que os velhos sejam bem tratados. Agora uma coisa que eu acho que fica difícil é **se** na família só existirem filhas. Porque vai depender do **genro** para cuidar.

Sujeito 5 - Acho que será diferente das de antigamente, mas não sei como.

Sujeito 6 - Acho que será uma família menor do que a minha e também mais separada.

Sujeito 7 - Acredito que será diferente, porque do jeito que as coisas estão caminhando, muita coisa vai mudar. Mas não tenho **idéia** de como eles vão lidar com isso.

Sujeito 8 - Não sei.

Sujeito 9 - Bom, acho que será bem diferente das de hoje. O que difere das famílias da colônia japonesa, que tinham bastante filhos porque precisavam essencialmente de mão-de-obra, uma vez que vieram para cá para trabalhar na zona rural. Então, quanto mais filhos tivessem, melhor, não é?

Sujeito 1 0 - Não sei.

Sujeito 1 1 - Não sei.

Sujeito 1 2 - Será diferente, agora não sei como. Talvez eles tenham um comportamento diferente.

Sujeito 1 3 - Acho que será menor do que as famílias de antigamente .

Sujeito 1 4 - Acredito que a família de descendentes japoneses vai mudar muito em termos de valores. Isso está acontecendo por causa da influência dos valores ocidentais.

Sujeito 1 5 - Não sei.

11) E como você acha que a família vai lidar com a velhice deles?

Sujeito 1 - Espero que da mesma maneira que eu vou lidar com a velhice dos meus pais: respeitando eles e também o seu conhecimento. Eu espero que eles também saibam fazer isso.

Sujeito 2 - Acho que a família vai optar por colocar os idosos nos asilos, porque ela será cada vez menor e também cada vez mais separada.

Sujeito 3 - Bom, eu espero educar meus filhos para que eles sempre caminhem no sentido de ter o máximo de respeito com os idosos, e, conseqüentemente, acredito que

eles devam **p**assar isso adiante. Nesse sentido, o cuidar de um idoso **é** uma questão decorrente desse respeito. Por exemplo, **eu** fui educado para isso, e, portanto, pretendo educar **também**, assim como espero que os meus filhos eduquem os **filhos** deles para isso.

Sujeito 4 - Não sei, eu espero que eles tenham a mesma visão que **eu** tenho. Porque as pessoas têm que pensar que um dia **poderão** estar nessa mesma situação. E também porque **tudo** o que eu faço está relacionado com a possibilidade de disso poder estar ocorrendo comigo.

Sujeito 5 - Não sei.

Sujeito 6 - Com relação ao respeito com os idosos eu acho que **ainda** prevalece, porém em relação a cuidar desses idosos, talvez as famílias encontrem uma outra alternativa. Porque **além** da família ficar menor, hoje em dia a mulher trabalha **fora**. E talvez isso dificulte.

Sujeito 7 - Acredito que será diferente, porque do jeito que as coisas estão caminhando, muita coisa vai mudar. Mas não tenho **idéia** de como eles vão lidar com isso.

Sujeito 8 - Não sei, talvez coloquem os seus idosos numa casa de cuidados.

Sujeito 9 - Bom, eu pretendo tratar bem os meus filhos, principalmente na parte afetiva e de educação. Então, eu espero que eles tenham condições de transmitir isso para os seus filhos também. Assim como eu espero que tanto a minha

família quan to a família deles saibam lidar bem com a minha velhice e a velhice deles. Mas, de um modo geral, eu não sei como a família deles vai lidar com isso.

Sujeito 1 0 - Não sei se eles vão encarar da mesma forma que eu encaro.

Sujeito 1 1 - Não sei.

Sujeito 1 2 - Não sei.

Sujeito 1 3 - Não sei. Vai depender muito da educação que eles tiverem. Por exemplo, eu pretendo passar para eles a importância de cuidar dos nossos pais na velhice.

Sujeito 1 4 - Acho que a família não encontrará muito tempo para cuidar de seus idosos, portanto; acho que as casas de cuidados serão uma alternativa.

Sujeito 1 5 - Não sei.

12) Quais as dificuldades que você acha que as famílias dos seus filhos encontrarão?

Sujeito 1 - Eu acho que as dificuldades são as mesmas, elas podem mudar a sua cor, mas elas continuam sendo dificuldades. É algo que sempre vai existir: como arranjar um lugar para ele, arrumar alguma coisa para ele fazer. Porque não é só deixar ele de chinelinho sentado na cadeira esperando a morte chegar, é uma visão triste para uma

pessoa mais experiente. Além de ter outras dificuldades, ter mais tempo para ficar e cuidar do idoso.

Sujeito 2 - Menor número de filhos para cuidar de seus pais e eu acho que com isso vai dificultando cada vez mais a comunicação com os velhos.

Sujeito 3 - Não sei, não consigo imaginar. As dificuldades sempre podem surgir, mas eu não tenho ideia de quais são.

Sujeito 4 - Não sei.

Sujeito 5 - Acho que a maior dificuldade seria a distância que os filhos vão morar. Isso vai acontecer por uma questão de trabalho, porque não existe mais a possibilidade de ficar toda a família junta. Antigamente, a maior parte da colônia ficava toda junta no campo, era uma grande família. Hoje em dia, boa parte dos descendentes está morando na cidade, assim como os sanseis estão estudando em outros lugares. Então, isso está mudando e acaba-se tendo muitas dificuldades com isso.

Sujeito 6 - São estas que já te respondi.

Sujeito 7 - Não sei.

Sujeito 8 - Acho que talvez não tenham tempo para cuidar e nem dar atenção aos seus idosos.

Sujeito 9 - Talvez menos gente para cuidar, falta de tempo e mais mulheres trabalhando fora. Isso acontece não

só em relação aos velhos, como também em relação aos filhos.

Sujeito 10 - Não sei. Talvez hoje em dia os problemas sejam as noras que também trabalham fora e já não aceitam cuidar dos idosos tão passivamente quanto antigamente.

Sujeito 11 - Não sei.

Sujeito 12 - Talvez falta de tempo para cuidar dos pais.

Sujeito 13 - Acredito que quando a gente cuida de um idoso muda muito a rotina da casa e isso acaba se tornando uma dificuldade. Não que isso seja um transtorno impeditivo de cuidar, mas que complica um pouco, complica.

Sujeito 14 - Acho que a falta de tempo, principalmente das mulheres que hoje em dia saem para trabalhar.

Sujeito 15 - Não sei.

13) O que acontece quando o homem idoso de origem japonesa fica doente?

Sujeito 1 - Não sei. A família cuida dele.

Sujeito 2 - Ele deverá ser cuidado, assim como a mãe.

Sujeito 3 - Quando o homem fica doente, se a mulher estiver viva, é ela quem cuida.

Sujeito 4 - São os filhos que cuidam.

Sujeito 5 — Ele é cuidado pela mulher e ou pelos filhos.

Sujeito 6 — A família cuida.

Sujeito 7 — Ele é cuidado pela família.

Sujeito 8 — A família cuida, ampara e protege.

Sujeito 9 — É cuidado pela família, mais especificamente pela mulher e filhos.

Sujeito 10 — É cuidado pela família.

Sujeito 11 — É cuidado pela família.

Sujeito 12 — Pela família.

Sujeito 13 — Geralmente o homem morre primeiro que a mulher. Então, a família cuida bem mais tempo da mulher do que do homem.

Sujeito 14 — Ele é cuidado pela família.

Sujeito 15 — Eles são cuidados pela família.

14) E o que acontece quando a mulher idosa de origem japonesa fica doente?

Sujeito 1 — As pessoas mais velhas são iguais, apesar de que na cultura japonesa a mulher é submissa à autoridade do homem. Então, quando o homem fica doente, ele tem a mulher e os filhos para cuidarem, enquanto que a mulher só

teria os filhos **S**. Isso acontece porque a mulher está ali para servir o marido **A** o. Esta é a diferença que eu enxergo.

Sujeito 2 — Será cuidada como o homem. Em relação ao cuidado, não existe diferença. A diferença entre homem e mulher acontece em outros níveis de relacionamento, como por exemplo, marido-mulher.

Sujeito 3 — No caso da mulher, quem cuida no dia-a-dia, mesmo o homem estando vivo, são os filhos. Porque o cuidado diário sempre fica sob a responsabilidade das mulheres.

Sujeito 4 — O cuidado com o idoso tem que acontecer no seio da família, independente se ele é homem ou mulher.

Sujeito 5 — Também é cuidada pelos filhos.

Sujeito 6 — Idem. Não existe nenhuma diferença entre o homem e a mulher.

Sujeito 7 — Também.

Sujeito 8 — Também.

Sujeito 9 — A mulher também, só que nesse caso são mais os filhos que cuidam.

Sujeito 10 — Também.

Sujeito 11 — Também.

Sujeito 12 — Também.

Sujeito **1 3 -** São os filhos quem cuidam dela.

Sujeito **1 4 -** Também. Não existe diferença entre os pais. A diferença **que** existe entre o homem a mulher é em termos de submissão **o da** mulher para com o homem numa relação.

Sujeito **1 5 -** Também.